

A PROIBIDADE

Antonio Moutinho de Souza

LACERDA.

A
PROBIDADE

COMEDIA-DRAMA

EM 2 ACTOS E UM PROLOGO MARITIMO

PUBLICADA POR

Antonio Montinho de Souza.

VENDE-SE UNICAMENTE

NA LIVRARIA DE SOARES & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA N. 6.

1859.

ORIGINAL DE A. CEZAR DE LACERDA.

A
PROBIDADE

COMEDIA-DRAMA

EM 2 ACTOS E UM PROLOGO MARITIMO.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE SOARES & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA N. 6.

—
1859.

COPIA.

Declaro ter vendido ao Sr. Antonio Moutinho de Souza a propriedade do meu Drama em dois actos e um prologo Maritimo, intitulado — A PROBIDADE — ficando-me o livre direito de o fazer publicar em Portugal, sem que ninguem possa imprimil-o ou fazel-o representar no Imperio do Brasil sem consentimento do mesmo Sr. Moutinho ; para o que o mesmo senhor representará, como se fôra eu proprio.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1859.

(Assignado)

A. C. DE LACERDA.

Segue-se o reconhecimento.

Em vista do que acima faço declarar, apresentando a copia do contracto que fiz com o meu amigo o Sr. A. C. de Lacerda, não poderá este Drama ser representado em parte alguma do Imperio do Brasil, sem meu previo consentimento.

Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1859.

ANTONIO MOUTINHO DE SOUZA.

PERSONAGENS DO PROLOGO.



O COMMANDANTE DA FRAGATA SANTA ROSA	60 annos.
O IMMEDIATO .	48 »
HENRIQUE SOARES, Aspirante da guarnição. .	18 »
FRANCISCO NOGUEIRA . . .	17 »
MANOEL ESCOTA, 1º Marinheiro . . .	56 »
JACOB ABRAHÃO, Negociante	36 »
JOSE, Creado da camara	30 »
SARA, Filha de Jacob	5 »
UM OFFICIAL.	
PRIMEIRO ASPIRANTE.	
SEGUNDO ASPIRANTE.	
UM PAGEM.	
OFFICIAES E ASPIRANTES, &C.	

O Prologo passa-se a bordo da Fragata Santa Rosa em 1835 ;
os outros actos na actualidade.

PERSONAGENS DA PEÇA.



D. GUILHERMINA, viuva rica	56	annos.
ADELIA, sua filha.	25	»
HENRIQUE SOARES	37	»
MANOEL ESCOTA, Guardião da armada.	76	»
FRANCISCO NOGUEIRA, Artista.	36	»
COLARES, Procurador	54	»
SOUZA, Guarda-livros de Henrique	30	»
O MENDIGO	56	»
MARIA, Creada.	25	»
UM CREADO DE HENRIQUE	30	»

A PROIBIDADE.

PROLOGO.

O theatro representa a Praça d'armas da Fragata Santa Rosa. Ao fundo é a amurada com as suas conhoneiras e peças de 24, envernizadas a preto; na bocca do theatro suppõe-se a outra amurada do navio. A' direita, porta que figura communicar com a camara do commandante; á esquerda, outra porta, que diz para a coberta. Ao meio do theatro vê-se um pouco inclinado o mastro da gata, que serve de armeiro, onde estarão collocados, assim como ao fundo, entre as canhoneiras, machados, espadas de abordagem, clavinas, arcabuzes de cesto de gavia, croques, etc., etc. Encostada ao mastro, para vante (esquerda) uma meza redonda, com assentos em roda. No tecto vê-se a escotilha de ré, da qual se desce por uma escada inclinada para avante. N. B. E' dia: o navio joga brandamente de popa a prôa; e de bombordo a estibordo, quasi imperceptivelmente. Sente-se o brando sibilar do vento nas enxarcias, e o mar quebrando na prôa e nos bordos do navio.

SCENA I.

HENRIQUE SOARES E MANOEL ESCOTA.

O primeiro com o seu uniforme de Aspirante sentado junto da mesa, o segundo de pé, barrete na mão, e trage de primeiro marinheiro.

HENRIQUE.

Pois anda lá homem, pergunta mais alguma cousa; e se eu errar... nada de contemplações! É logo quinau para a frente!

MANOEL, com certo acanhamento.

V. S. é o rei dos Srs. Aspirantes, meu Aspirante! Dar-me esta confiança... a mim!...

HENRIQUE.

A ti?! Quem melhor entende destas cousas do que tu, meu rapoza do mar? Ora vamos! Teus-me feito mais do que quantos compendios e prelecções tive lá em terra. Vamos! Salta já uma pergunta!... Uma? Muitas! anda, avia-te!

MANOEL, *torcendo o barrete.*

Então... vá lá! (*depois de pausa*). Já disse como é que se vira por d'avante; já disse como se faz a volta ao mundo.

HENRIQUE.

Virar em roda é o que tu queres dizer?

MANOEL.

Seja; nós cá chamamos-lhe assim. Agora, diga lá o Sr. Aspirante como é que... (*procurando achar uma idéa*) como é que... Ah! como é que se rinza indo á bolina?

HENRIQUE.

Lá vae. (*Depois de pausa*) Põe-se gente aos braços de barlavento e ás adriças de gaviás; e manda-se depois: (*gritando*) Arria gaviás! A'la braços por barlavento! Talha ao laes!

MANOEL, *muito contente.*

Sim senhor! sim senhor!

HENRIQUE.

A'la se, até ficar por 6 quartas...

...

MANOEL.

8, meu aspirante!.. 8.. (*com submissão*) 8, se V. S. dá licença.

HENRIQUE.

Tens razão; é verdade; até 8 quartas. (*Continuando*) Atézam-se as talhas das vergas, por causa dos grandes balanços do navio. Depois manda-se a gente para cima. Levantão-se os paus de cu.ellos, pega-se na rinzadura, e ala-se o pano a barlavento, até que o garruncho chegue ao seu lugar.

MANOEL.

Com licença: como se chama isso, ó meu Aspirante?

HENRIQUE, *pensando.*

Isso agora é que... (*rindo-se*) Não me lembro.

MANOEL, *com satisfação.*

Chama-se impunir.

HENRIQUE.

E' verdade ; impunir. Manda-se recolher a gente das vergas depois de amarrados os paus de cutello ; descem e segue-se : (*commandando*) Larga as talhas do laes ! Iça gaviás ! Larga estingues ! Larga os braços de sotavento ! Arria sobre volta os de barlavento !

MANOEL.

E ó depois ?

HENRIQUE.

Depois?... Ah ! sim, manda-se braçear como mais conta fizer.

MANOEL.

Viva meu Aspirante ! Isso é que se chama saber já da cousa , como *quæsqver home* cá dos nossos ! Diz-me o coração que ha-de vir a ser um dos bons officiaes da nossa marinha !

HENRIQUE.

Deus te oiça, meu velho !

MANOEL.

Ora agora diga lá o Sr. Aspirante, como é que hade mandar *quæsqver* embarcação pôr de capa seguida.

HENRIQUE.

Vamos a ver. Posso mandal-o fazer com gaviás nos segundos ou terceiros rinzes, mezena-rebeca, vella d'estae de prôa : e, de prevenção, se o vento fôr muito, mando deitar abaixo as vergas dos joannetes.

MANOEL.

Sim senhor ! Viva ! Tal e qual !

HENRIQUE.

Então parece-te que já poderia commandar um navio ?

MANOEL.

Não, lá isso não, meu Aspirante ; commandar um navio, isso lá, é que é cousa de muita *monta* ; mas fazer o seu quarto só, isso é que V. S. já podia fazer muito sobre si.

HENRIQUE.

Mas commandar um navio é que não, hein? Pois pergunta lá mais alguma cousa.

MANOEL.

Sim, senhor. (*Depois de pausa*) Lá vae; vamos a fazer de conta que n'uma grande borrasca, leva o diabo o leme, e que o navio fica p'ra ali sem governo. Como é que V. S. havia de arranjar esta *tramoia*?

HENRIQUE.

Mandava logo logo fazer uma esparrella.

MANOEL.

Mas como? Sim, vamos lá a ver?

HENRIQUE.

Com muita facilidade. Cortava um pedaço de amarra...

—

SCENA II.

OS MESMOS, O IMMEDIATO E NOGUEIRA, *entrão pela esquerda.*

IMMEDIATO, *parando junto da mesa.*

O Sr. Aspirante não tem compendios?

HENRIQUE, *que se tem já levantado*

Sr. Immediato?

IMMEDIATO.

Pergunto se não tem compendios?

HENRIQUE.

Porque me faz V. S. essa pergunta?

IMMEDIATO, *desabridamente.*

Não lhe admitto interrogações; sou eu que lhe dirijo uma: Tem ou não tem compendios?

HENRIQUE.

Sim, senhor.

IMMEDIATO.

Então, se os tem, acho inexplicavel o seu systema de aprender. (*Vai a entrar para a camara do commandante*).

HENRIQUE, *tremulo de raiva*.

Perdão, Sr. Immediato: V. S. acaba de me reprehender diante de um camarada meu, e diaute daquelle marinheiro. Desejo que me diga porque mereci esse tom de reprehensão.

IMMEDIATO.

Porque para um official, ou aspirante a isso, a primeira qualidade precisa é a dignidade.

HENRIQUE.

V. S. entendeu, então, que desci dessa dignidade fazendo-me interrogar por aquelle homem?

IMMEDIATO, *mais desabrido*.

Eu é que não quero descer da minha, dando-lhe satisfações ao senhor, ou explicando-lhe os meus pensamentos! Entenda-me como quizer. (*Vai a sair*.)

HENRIQUE, *voltando-lhe as costas e caminhando em sentido contrario*.

Pois eu entendo que os meios de instrucção, sejam elles quaes forem, são sempre muito superiores ás dignidades balôfas dos ignorantes

IMMEDIATO, *voltando á scena*.

Sr. Aspirante!

HENRIQUE, *voltando-se e perfilando-se muito*.

Sr. Immediato!

IMMEDIATO.

Faz favor de me explicar o pensamento da sua asserção?

HENRIQUE, *com i: tenção*.

Ainda que não descia da minha dignidade se o dissesse a V. S., faço bastante na sua intelligencia para acreditar que me comprehendeu.

IMMEDIATO, *com raiva concentrada.*

Ora o Sr. Aspirante, crelo que desconhece que cousa é a subordinação á bordo!

HENRIQUE.

Engana-se, Sr. Immediato, conheço-a perfeitamente, e tenho dado disso sobejas provas. O que não conheço é o servilismo, a baixaza e a hypocrisia.

IMMEDIATO, *fôra de si.*

Eu o arranjarei, deixe estar.

HENRIQUE.

Faça V. S. o que quizer, mas ameaças de homem, não as temo; injustiças de superior, lá está o quartel general para m'as reparar.

IMMEDIATO.

Deixe estar! deixe estar! só creançola, que eu lhe darei o premio dessa soberba revolucionaria! (*Entra para a camara do commandante.*)

SCENA III.

OS MESMOS, MENOS O IMMEDIATO.

NOGUEIRA.

Estás arranjado! Escolheste boa occasião para questionar com elle!... Vae fallar com o commandante...

HENRIQUE, *atirando com o bonet, raivoso.*

Importa-me cá! Falle elle com o diabo! Decididamente não nasci para esta vida. (*Apanhando o bonet e pousseando.*) Olhem que crime tão grande que eu commetti, por deligenciar saber se ainda me lembrava....

NOGUEIRA.

Mas elle o que estranhou foi tu dares a confiança a um marinheiro.

HENRIQUE.

Então que tem um marinheiro... Anda cá, ó Manoel Escota-

MANOEL, *aproximando-se.*

O que eu tenho pena é que V. S. ouvisse o Sr. Immediato por via de mim.

HENRIQUE.

Quantos annos tens tu de serviço?

MANOEL.

Vinte cinco, meu aspirante.

HENRIQUE.

Quantas viagens tens feito?

MANOEL.

Quarenta e oito com esta, Sr. Aspirante.

HENRIQUE.

Quantas vezes tens sido castigado?

MANOEL, *levantando a cabeça e recuando um passo.*

Eu, meu Aspirante?!... Para ser uma, ainda haverá de vir a primeira!

HENRIQUE.

Nem preso?...

MANOEL.

Nunca fiz por isso, em boa hora o diga.

HENRIQUE.

Que costumás tu beber?

MANOEL.

Agua. pela chupeta, quando ha pouca; pela *pu'ra*, quando ha muita.

HENRIQUE, *para Nogueira.*

Ora, agora diz-me tu com franqueza se este homem é ou não digno de instruir com a sua pratica, e edificar com o seu comportamento.

NOGUEIRA.

Pois sim; tudo isso é verdade: mas que queres tu? Queres regenerar o mundo? Queres mudar as tendencias do genero humano?

HENRIQUE.

Ahí vens tu com as tuas phrases bombasticas ! O mundo não é a Fragata Santa Rosa ! o genero humano não é o Sr. Immediato ! Quiz provar-te que aquillo foi um destempero ; para lhe não chamar... outra cousa. (*Sente-se o apito para o rancho.*)

MANOEL.

Lá toca para os feijões ! VV. SS. querem alguma cousa, Srs. aspirantes ?

HENRIQUE.

Vae-te embora, Manoel, vae comer os teus feijões, e não contes o que ouviste, percebes ?

MANOEL.

Sim, senhor ; Sr. aspirante.

HENRIQUE.

Vae ao alojamento, e dize ao José que te dê um maço de cigarros dos meus.

MANOEL.

Muito obrigado, Sr. aspirante ; mas eu trouxe tabaco para toda a viagem, e se Deos quizer hade chegar, a não apanharmos por ahí alguma calmaria podre, ou algum sodoeste rijo que nos demore. Com licença, Srs. Aspirantes. (*Salte.*)

—

SCENA IV.**NOGUEIRA E HENRIQUE.**

HENRIQUE.

Vês tu como as cousas são ? Aquelle homem de bem (que não merece outro nome) vae comer os feijões n'uma bandeja de pau, á laia de porco ou carneiro ; enquanto que o Sr. Immediato e outros que taes, vão gozar bons bocados á mesa do Commandante. O homem de bem, o honrado, o serviçal, o util á patria, vae descer quasi á posição de animal quadromano ; o aristocrata parvo, o ignorante, o orgulhoso, vae gozar o fructo daquillo para que outro trabalha ! (*Passando*)
Ai mundo ! mundo !

NOGUEIRA, *rindo*.

Sabes o que eu te digo ? é que te deixes disto : tens um character muito exquisito para viveres na dependencia.

HENRIQUE.

Oh ! que se eu pudesse !... Dizes bem ; não nasci para viver dependente, isto é : não nasci para virver onde hajão superioridades obrigadas.

NOGUEIRA.

Mas onde é que as não ha, meu amigo ?

HENRIQUE.

Eu o procuraria se Deos me dêsse uma fortuna collossal !... Oiha que é celebre, Nogueira ! Não sei que presentimento me diz que ainda hei-de ser muito rico e poder então proclamar-me independente !

NOGUEIRA, *rindo*.

Já me tens dito isso tantas vezes... É uma grande mania, como outra qualquer.



SCENA V.

OS MESMOS E JACOB.

NOGUEIRA, *vendo-o*.

O' Henrique, queres ver que o judeo vem outra vez enjoadado ?

JACOB, *descendo a escotilha de ré, e vindo sentar-se junto da mesa, pallido e limpando a boca com o lenço*.

Isto é que se chama vocação para viver no mar ! Em vinte e tantos dias de viagem é esta a decima-segunda vez que enjôo !

NOGUEIRA, *rindo*.

Coma toucinho, Sr. Jacob.

JACOB.

Não estivesse eu tão atrapalhado da cabeça, que eu lhe daria a resposta, meu menino.

HENRIQUE.

Mas, realmente... padecendo tanto a bordo, não sei como embarca.

JACOB.

Homem, cada um cá sabe as linhas com que se coze. (*Respirando*) Ah! Ao menos aqui não vejo o mar!... Estou muito melhor. De mais a mais os seus camaradas tomarão-me á sua conta. Entendem que eu por ter este genio de rir hei-de estar sempre para os aturar.

SCENA. VI.

OS MESMOS E OS ASPIRANTES DA GUARNIÇÃO.

Descem em tropel pela escada abaixo.

ASPIRANTES, *gritando e rindo.*

Está melhor, Sr. Jacob Abrahão?... Está melhor?... Ah! ah! ah!

JACOB, *levantando-se.*

Ora isto!... O' senhores! deixem-me pelo amor de Deus! olhem que já é demais

1º ASPIRANTE

Então queremos saber da sua apreciavel saude!

TODOS.

É verdade.

NOGUEIRA.

Não ha nada mais natural e de maior delicadeza!

JACOB, *passeando.*

Pois sim, muito obrigado; estou melhorsinho, graças a Deus.

2º ASPIRANTE.

Olhe Sr. Jacob, quer um bom remedio para o enjôo?

JACOB.

Comer toucinho?

2º ASPIRANTE.

Nada, não senhor, cousa melhor.

JACOB.

Vamos lá a ouvir.

2º ASPIRANTE.

Pegue n'um cabo bem comprido... uma adriça de joannetes, por exemplo; passe-lhe o chicote pelo gorne do laes da verga grande; este chicote fica nas nossas mãos; o outro amarra-o o Sr. á cintura, e depois .. zas! 4 ou 5 mergulhos da altura de meia enxarcia, e verá como lhe passa o enjôo.

TODOS, *rindo*.

Ah! ah! ah!

JACOB.

Foi o remedio que lhe fizeram quando enjoou pela primeira vez. meu espertinho?

2º ASPIRANTE.

Nada, a gente christãa não enjoa.

TODOS.

Ah! ah! ah!

JACOB.

Deixem estar que em eu saltando em terra, he'de vingar-me de vocês todos, meus diabinhos.

NOGUEIRA.

Sim? Então como?

JACOB.

Como? Convidando-os a um jantar, em que faço tenção de os emborrachar, a ver quem é então que manga e faz escarneo do judeo!

HENRIQUE, *chegando-se*.

No fim de contas o senhor é um grande patusco, e estou certo que não se escandaliza com estas brincadeiras?

JACOB.

Tão tolo era eu! Então é que vocês fazião peor! E demais, fui victima das maiores maganelras e zombarias, que até hoje tem inventado o genero humano! No principio da minha car-

reira commercial este character excentrico, que sempre tive, e este nome hebraico que herdei de meus pais, acarretarão-me tantas... caçadas (como vocês lhes chamão) que se não fosse a força de vontade que me impelia a enriquecer, teria de certo esmorecido no meio da carreira do commercio.

NOGUEIRA.

Ah ! então o Sr. Jacob é rico, heim ?

JACOB.

Graças a Deus e... aos homens.

1º ASPIRANTE.

Ora vamos lá a saber como isso foi, ó Sr. Jacob Abrahão. Conte nos lá a sua vida.

TODOS.

Valleu ! valleu !

JACOB.

Homem... isso não será maçada ?

NOGUEIRA.

Não é, não; enquanto não fôr hora de jantar.

JACOB.

Então... vamos lá.

NOGUEIRA.

Esperc... Sente-se aqui (*colloca-o no centro*) Nós, a roda. (*Sentão-se de redor delle*)

JACOB.

Então estou na presidencia, heim ?

NOGUEIRA.

E' como diz.

JACOB.

Mas isto sem fumar não tem graça ! (*Tira uma charuteira e offerece charutos de que alguns se utilizão.*)

2º ASPIRANTE, á porta da esquerda.

O' pagem ! o morrão ! (*Um pagem traz o morrão dentro d'uma especie de canudo de polha ; acendem os charutos, e sae.*)

Excelente charuto. 25
NOGUEIRA.

Sabe a môfo!
1º ASPIRANTE.

Vamos á sua historia, Sr. Jacob.
2º ASPIRANTE.

Venha, venha a historia!
TODOS.

JACOB.

Lá vae! (*Depois de se assoar, tocar, etc., etc.*) Saberão em primeiro lugar que nasci em Lisboa.

NOGUEIRA, *com fingido pezar.*

Mais uma gloria nacional ignorada até heje!

Ah! ah! ah!
TODOS, *rindo.*

JACOB.

Ah! vocês estão nessa bella disposição? pois olhem que me callo, e ficão sem saber a minha historia.

2º ASPIRANTE.

E nós, em vingança baptisamol-o.

Ah! ah! ah!
TODOS.

HENRIQUE.

Callem-se d'ahi! Vamos ouvir como é que se faz fortuna.

JACOB, *vendo restabelecido o silencio.*

Nasci em Lisboa no anno da graça de 1799.

NOGUEIRA.

Estamos em 1835; ergo tem V. S.

JACOB.

36 annos 5 mezes e 28 dias.

1º ASPIRANTE, *com um suspiro affectado.*

Ah!... a idade dos amores!...

TODOS, rindo.

Ah! ah! ah!

HENRIQUE.

O' homem! és incorrigivel! Deixa fallar o Sr. Jacob.

NOGUEIRA.

Só mais uma interrogação; como demonio tendo apenas 36 annos, apresenta o Sr. Jacob o cabello e as barbas de um velho?

JACOB.

Ouçã a minha historia e saberá o motivo deste phenomeno. *(Continuando)* Meu pai era uma excellente judeo, que vendia as suas tamaras n'um cestinho muito bonito, e trazia enfiadas no braço as contas mais lindas de vidro, que apparecerão em Lisboa por aquella epocha. Além deste commercio que pouco ou nada lhe rendia, fazia trocas e balôrocas com as senhoras daquelles tempos; ora dando-lhes lindos chales de caxemira em troca de ouro ou prata velha, ora dando-lhes brincos e pulseiras de coraes por trapos de seda, que elle depois vendia ás necessitadas a pagamentos, e em que ganhava meio por meio. O resultado deste negocio foi, que apenas cheguei á idade de dez annos, mandou-me dar uma educaçãozita soffrivel, e sahi da escola sabendo ler, escrever e contar. Não me podendo nunca habituar ao commercio de meu pai, e sobre tudo aos seus trages rabinos...

NOGUEIRA.

Grande sotaina, barretinho, etc., heim?

JACOB.

Justamente. Não me podendo habituar áquelle modo de vestir, meu pai satisfez-me a vontade, e eis-me de sobrecasaca, chapéo, etc., passeando pelas ruas de Lisboa á procura de um arrumo qualquer. Depois de algum tempo de passeio, tinha eu acabado de completar os meus 17 annos, fui para casa de um merceeiro, lá para as bandas da Alfama, e ahí comecei a minha carreira commercial na qualidade de caixeiro.

NOGUEIRA.

Bonita posição!

JACOB.

Não era das mais romanticas não; nem mesmo se conformava muito com o meu genio; mas, emfim, era preciso pro-

curar uma posição qualquer. Na tal mercearia succedeu-me quasi o mesmo que na escola. Soube-se que eu era judeo, e chovião as chufas e sarcasmos, e até às vezes as invectivas sobre o pobre caixeiro, como lá chovião sobre o pobre estudante. Eu ria-me, porque não sei que voz occulta me dizia que ainda havia ser muito rico, e que, por consequencia, o nome de judeo havia de ser em mim considerado... uma nacionalidade como outra qualquer. Farto de ouvir dizer aos freguezes que roubava nas meias quartas de manteiga, e nos quinze réis de café, que pesava tudo mal, como um judeo que era, resolvi-me a procurar outro norte. Mal concebi esta idéa vierão dizer-me que meu pai fôra fazer a inevitavel viagem do outro mundo, e que me havia deixado uma fortunazita de tres contos de réis, pouco mais ou menos. Sahi da tal mercearia; aluguei uma casinha, e deitei-me a agiota. Porém... (cousa extraordinaria nos da minha raça!) convenci-me de que não tinha geito para aquillo. Se me pedião seis sobre este ou aquelle objecto, e eu via que era para matar a fome, em vez de emprestar seis, emprestava oito ou dez... Olhem que não digo isto para me elogiarem; nem tal mereço, porque nunca attribui estes factos á bondade de coração, mas sim ao pouco geito que eu tinha para o tal commercio. Depois de algum tempo, dando balanço aos meus fundos, achei-me possuidor de meia duzia de trapos e trastes quasi inuteis, que, depois de vendidos, me fizerão ficar lesado em quinhentos e tantos mil réis! Deixei-me, portanto, de emprestar dinheiro sobre penhores.

NOGUEIRA.

Ora deve convir, Sr. Jacob Abrahão, que, seja dito sem offensa, é bem pouco interessante a sua historia!

2.º ASPIRANTE.

É verdade; nem uma rajada que cheire a romance!...

JACOB.

Tenhão paciencia; oução o resto, que talvez achem para o fim algum romance, como aquelle senhor diz.

1.º ASPIRANTE, *com ar sentencioso.*

Continue o orador!

JACOB, *curvando-se.*

Obedeço! (*Depois de pausa*) Fui correr mundo com os

meus dois contos quatrocentos e tantos mil réis. No fim de dez annos e meio (tinha eu então os meus 28) achei-me com o capital quintuplicado ; isto é, com doze contos e tantos mil réis.

NOGUEIRA.

Mas como foi isso ?

JACOB.

Comprando, vendendo e tornando a comprar.

NOGUEIRA.

Mas o que ?

JACOB.

Negros ; pois o que havia de ser que tanto e tão depressa rendesse ? Voltei a Portugal, porque na verdade tinha saudades do paiz onde nasci ; e, além d'isto, a minha saude alterava-se consideravelmente lá por aquelles climas. Como travei conhecimento no Perú com um negociante portuguez, que já havia voltado, foi-me facil achar onde podesse empregar os meus capitaes. Associei-me com o dito negociante, e comecei então a gozar a vida ! Frequentava os theatros, os passeios, as academias, etc., e, apesar de judeo, o dinheiro abria-me todas as portas. (*Depois de pausa*) Ora não sei se sabem que vai agora começar aquillo a que eu chamo romance desta vida. Depois de alguns annos a minha fortuna cresceu, e, por consequencia, as minhas relações na boa sociedade. É preciso advirir que eu addicionei ao meu nome Jacob Abrahão o appellido de Vellez. N'uma das casas que mais frequentava havia uma menina encantadora.

NOGUEIRA.

Ah ! até que emfim ! Já cá tardava esse genero !...

JACOB.

Era bonita, prendada e nobre. O coração entendeu que devia fazer das suas, e eis-me loucamente namorado da Sra. D. Guilhermina da Silva e Mello, menina de character altivo, uma verdadeira aristócrata, para quem não havia pessoa mais nobre do que ella, senão o rei. Mas o diabo que zomba com as cousas deste mundo, soprou no coração da menina Guilhermina, e eil-a tambem namorada do pobre judeo !

1º ASPIRANTE.

Bravo ! foi bem feito.

JACOB.

Imaginem a minha alegria quando percebi que era tambem amado !... Mas julguem dos meus sustos e tremores logo que me lembrava do meu nascimento e daquella aristocracia feminina ! Depois de muitas cartas, de muito namoro, emfim, ella ordenou-me formalmente que a pedisse em casamento. Obedeci tremendo ! Procurei o pai, homem respeitavel pelas cãs, pelo dinheiro, e pelos pergaminhos. *(Com certo terror)* Parece que ainda o estou vendo, com o seu chambre de setim bordado a matiz, e o seu barrete de missanga orlado a ouro ! Nunca me tinha visto naquelles traxes ! Pedir a filha de um aristocrata no tempo da realza. eu, judeo de nome e de coração, era uma tarefa quasi superior ás forças humanas ! Por outro lado, a posse daquella mulher atiçava-me os brios, e, cobrando animo, balbuciei um pedido em fórma. O velho tirou os oculos e disse-me... (nunca me heide esquecer deste dialogo) Sr. Vellez, foi-me apresentado por uma pessoa para mim respeitavel... (Era o tal negociante com quem eu vivia associado) Sei que é rico, e nos seus modos um perfeito cavalleiro ; mas, apesar de tudo isto, terá a bondade de me dizer quem é V. S. ? Entendi logo a pergunta, e um suor frio me banhou o rosto ! V. Ex.^a, disse eu tremulo, qner, sem duvida, que responda a essa pergunta mostrando-lhe os meus pergaminhos ? É isso mesmo, tornou elle, com o seu modo glacialmente aristocratico : Pois não era o que devia esperar quem, como V. S., vem pedir para mulher a filha de D. Antonio da Silva e Mello de Noronha e Souza ? Imaginem como eu fiquei !

HENRIQUE.

O que é para lamentar é que já houvesse tempos em que o genero humano tivesse taes preocupações.

JACOB.

E ainda as ha, meu amigo, acredite, apesar das idéas de progresso e fusão de raças ! As tendencias aristocraticas em Portugal e Hespanha hãode morrer, quando as republicas morrerem em França.

NOGUEIRA.

Está bom ! nada de politica philosophica ! Vamos á historia, que (honra lhe seja feita) vae interessando mais.

JACOB.

Depois de muita hesitação da minha parte, e de muita in-

sistencia da d'elle, confessei-lhe quem eu era; e, escudado pelo meu bom comportamento, pela minha soffrivel fortuna, e pelo amor de sua filha, reiterei o meu pedido. O velho levantou-se, rio-se e exclamou: A que tempos chegámos, meu Deus! Espantado por semelhante exclamação, hia perguntar-lhe o motivo, quando elle, tomando a sua pitada estrondosamente, disse-me com o maior socego: Sabes que mais? Os teus venderão a Christo, mas a mim, nem a minha filha, não has-de tu vender judeo! A colera subio-me ao rosto! Hia responder-lhe, talvez bem desabridamente, mas elle anticipou-se-me: Nem mais uma palavra! exclamou com voz de trovão: Sahe já de minha casa, se não queres que te ponha fóra por dois laçaios! Não havia que responder... Sahi, e ainda nos degráus da escada lhe ouvi dizer ás gargalhadas: Ora o demo do judeo! Depois sentio-o bater violentamente com a porta, e achei-me na rua... nem eu me quero já lembrar em que estado de alienação, de colera, e de desespero.

NOGUEIRA.

E adeus menina Guilhermina, heim? Acabou o romance?

JACOB.

Nada, não senhor; acabou o 1º capitulo.

HENRIQUE.

Então vamos ao segundo. Estou morto por saber como aquelle coração apaixonado tomou a recusa do pai.

JACOB.

Vou satisfazer-lhe a curiosidade. O Sr. D. Antonio da Silva e Mello de Noronha e Souza amava extremosamente sua filha; e, conhecendo a paixão que eu, apesar de judeo, lhe havia inspirado, guardou-se bem de lhe contar com verdade a nossa entrevista. Disse-lhe apenas, que eu era pouco favorecido da fortuna, e que, por consequencia, não convinha semelhante casamento. O' demonio que tal disseste! A menina Guilhermina, que não era para graças, dissimulou, fingio ceder á vontade paterna, e nessa mesma noite enviou-me um proprio, que me conduzio a deshoras á sua presença. Vellez, disse-me ella, meu pai não quer o nosso casamento porque és pobre; aprompta-te que d'aqui a meia hora quero fugir contigo! Alegre e aterrado, fiquei sem saber o que lhe respondesse. O amor puchava-me para um lado, e a honra para outro.

Ainda assim, tenho a consciencia de que lhe fiz algumas observações a respeito de semelhante passo ; ella insistio e... (como quasi sempre acontece) o amor venceu a honra ! D'ahi a meia hora veio ter comigo, que já a esperava n'uma carruagem d'aluguel, e partimos a trote rasgado para Loires, onde ella tinha uma tia velha. Chegámos, contámos-lhe a tyrannia do pai, metteu-se-lhe em cabeça que era, não só um casamento de amor, mas até uma reparação, e o grande cazo é que d'ahi a 3 dias estavamos cazados !

1º APIRANTE.

Bravo !

NOGUEIRA.

Acabou o romance ?

JACOB.

Ainda não ; fim do 2º capitulo.

1º ASPIRANTE.

Ah ! ainda ha mais ?

JACOB.

Ainda ; mas se os enfastio, callo-me.

HENRIQUE.

Pelo amor de Deus, não faça tal ! Estou gostando immenso ! Vejo nessa senhora uma força de vontade e uma energia, que.... desejava conhecê-la !

JACOB.

Sim ? Pois ouça o resto, que talvez depois não diga o mesmo.

HENRIQUE.

Vamos a ouvir.

JACOB.

Emquanto isto se passava em Loires o pai da minha noiva dava-se a perros em Lisboa para a encontrar. A historia divulgou-se, e, no fim de dois mezes, derão com o nosso esconderijo. Um dia... *(entristecendo-se pouco a pouco e deixando o seu modo jovial)* sentimos parar uma carruagem á porta da nossa casa. Cheguei á janella e vi descer a figura aristocratica e gigantesca do Sr. D. Antonio !... Corri a prevenir minha mulher ; ella empalideceu e contentou-se em me dizer : Muito bem ; vá receber seu sogro, é o que lhe cumpre fazer.

1º ASPIRANTE.

Bravo ! Isso é que se chama uma mulher d'armas !

HENRIQUE.

E depois ?

JACOB.

Obedeci... sabe Deus com que vontade !... Abri-lhe de par em par as portas da sala ; vi-o entrar sereno, mas pallido e... e com duas pistollas na mão !

2º ASPIRANTE.

Safa ! Estão-se-me a arripiar os cabellos !

JACOB.

Mande chamar minha filha, disse elle com voz fraca, mas vibrante. Fiquei immovel ! Repetio a ordem, mas não foi preciso executal-a. Minha mulher entrou, de cabeça erguida, e pediu a benção a seu pai, que não respondeu, e lhe cravou os olhos com uma certa expressão de horror e de dó ! Minha mulher vio-lhe as pistollas na mão, recuou um passo, e perguntou-lhe franzindo o sob'rolho : Vem matar sua filha, meu pai ? O velho não respondeo logo ; depois de alguma hesitação, disse, sem se alterar : Sra. D. Guilhermina, V. Ex. lançou uma nodoa indelevel n'uma das familias mais illustres de Portugal ! V. Ex. matou a honra de seu pai, é justo que lhe tire a vida ! Não posso sobreviver a uma deshonra publica e tão aviltante. A senhora, se quizer, viva ; eu não posso ! Tome essa arma !... e atirou-lhe com uma pistolla aos pés. Aprenda comigo como é que se lava a deshonra n'uma familia distincta ! Quiz suster-lhe o braço .. foi de balde !... Antes que tal fizesse, vi o velho, atravez de uma pequena nuvem de fumo, cahir no chão, salpicando de sangue o meu collete branco !.. D. Guilhermina correu para elle !.. Meu pai !... meu pai !... porque motivo semelhante attentado ! ?.. O velho ergueu ainda a cabeça e articulou :... Cazada... com um judeo !... e expirou ! Minha mulher cahiu sem sentidos ; e eu... fugi horrorisado, e só parei em Lisboa !

NOGUEIRA.

Safa ! E' uma tragedia de Shakspeare.

HENRIQUE, *sensibilizado*.

Não ! E' um drama da vida intima.

2º ASPIRANTE, *depois de pequeno silencio.*

Capitulo terceiro.

JACOB.

Entre em minha casa : olhei casualmente para um espelho, e vi um velho ! Os cabellos encanecidos, os olhos encovados, a barba grisalha... enfim, parecia um phantasma. Só depois de oito dias é que me resolvi a procurar minha mulher. Montei a cavallo e dirigi-me para Loires, e soube que minha mulher tinha vindo para Beufica, para a sua casa de campo. Dirigi-me lá, e um creado disse-me que a senhora estava doente e prohibida de fallar com alguem. Orde-nei-lhe que me fosse annunciar ; obedeceu, mas a resposta que me trouxe foi uma carta. Abria-a tremendo, e li o seguinte : « Senhor ! Um grande crime pesa sobre nós dois, mas especialmente sobre mim. É impossivel vivermos juntos, porque actualmente não o odeio só, tenho horror até em pensar que o tornaria a ver ! conservo em meu poder a arma que meu pai me entregou, e juro-lhe pela alma daquelle honrado velho, que, na hora em que o senhor transpoz a porta de minha casa, despedaço o craneo, como meu pai despedaçou o coração. » Li vinte vezes esta carta !.. Que me restava fazer ?... Fugir para sempre daquella mulher, para me não pesar na consciencia mais um suicidio ! Tornei para Lisboa, e por um criado de minha mulher obtive noticias suas ; sempre doente, e encolerisando-se a ponto de enlouquecer, cada vez que ouvia pronunciar o meu nome. Resolvi sabir de Portugal, mas constou-me que minha mulher estava gravida. Desejoso de obter meu filho, unica felicidade a que podia aspirar, addiei a minha partida. D'ahi a mezes recebi uma carta trazida por uma mulher do campo ; era de minha esposa, e dizia assim : « Remetto-lhe esse ignobil fructo da deshonra e do crime ! Guarde-c ; e peço-lhe que, em expiação do passado, não lhe diga nunca o nome de sua mãe. » Mandava-me minha filha (*Com exultação*) Minha filha !. Nella, desde então, reuni todos os sentimentos do meu coração.

HENRIQUE.

É aquella linda menina que vem com o Sr. Jacob ?

JACOB.

É ; tem cinco annos, e é linda como foi sua mãe ! (*Fica pensativo.*)

NOGUEIRA.

Então ? ! acabou o romance ?

JACOB.

Acabou... ou, por outra, quem sabe como acabará ! (*Tornando pouco a pouco ao seu tom jovial*) Possuidor de minha filha, não quiz saber mais daquella mulher, que me odiava de morte, e daquella terra onde fui tão infeliz. Juntei os meus duzentos e vinte sete contos, obtive do ministerio da marinha uma passagem a bordo desta excellente Fragata, e cá vou com os meus bons amigos para longes terras, onde tenciono viver feliz com minha filha e.... para minha filha ! O que succederá ? Deos o sabe, e eu cá estou para o que elle determinar.

NOGUEIRA.

Pois senhor, é interessante a sua historia, Sr. Jacob.

HENRIQUE.

O que me admira é a franqueza com que o senhor nol-a contou !.. O' Sr. Jacob, o senhor quiz conseguir alguma cousa de nós, com essa narração tão comprida e tão interessante.

JACOB.

Quiz, não o nego. Em primeiro lugar mostrei-lhes, que, apezar da minha jovialidade ordinaria, que me tem acarretado as amaveis maganeiras de VV. SS., sou, fui, e quem sabe se hei-de ser sempre desgraçado !.. Em segundo lugar, quiz dar-lhes um exemplo terrivel da desobediencia aos pais. (*Com severidade*) E... fallando agora com alguma seriedade: ve-
jão-se neste espelho, e aprendão a nunca desobedecer a seus pais.

2º ASPIRANTE.

E' verdade ! olhe que é celebre, mas parece que o diabo toma conta dos filhos desobedientes.

NOGUEIRA.

E' porque os pais são a figura de Deos cá na terra.

HENRIQUE.

E as mãis a dos anjos.

1º ASPIRANTE.

Eu cá pelo menos, não faço tenção de desobedeccer aos meus.

2º ASPIRANTE.

Nem eu, se Deos quizer.

JACOB, *commovido*.

Olhem como as suas caçoadas acabarão depressa, meus amiguinhos ! Então já não teem vontade de rir, de zombar ?

NOGUEIRA.

Não, que a cousa agora é mais séria.

1º ASPIRANTE, *lagrimejando*.

Ai !.. quem me dera agora ver a minha familia.

2º ASPIRANTE.

E eu a mamã, que é tão minha amiga.

HENRIQUE, *sorrindo*.

Vamos lá ; ou tudo, ou nada ! Cedo as veremos, se Dcos quizer.

SCENA VII.

OS MESMOS, MANOEL ESCOTA, E A MENINA SARA.

MANOEL.

Quando VV. SS. quizerem... o jantar está na mesa, Srs. Aspirantes.

TODOS, *rodeando a creança*.

Oh ! que linda creança !

ALGUNS.

E' a sua filhinha, Sr. Jacob ?

JACOB.

Sim, meus amiguinhos : é minha filha.

SARA.

Estes senhores são meus amigos, meu Papá ?

TODOS, *dando-lhe beijos e fazendo-lhe meiguices.*

Sòmos ! sòmos !

SARA, *meia amuada com elles.*

Mas d'antes não me fazião festas !.. Porque é, Papá ?

JACOB.

Não te importe... Aceita-lh'as e retribue-lh'as.

SARA.

Que diz o meu papá ?

JACOB.

Que lhes faças tambem festinhas, por que já são muito teus amigos.

MANOEL, *baixo para Henrique, enquanto os mais estão entretidos com a creança.*

Então, meu Aspirante ? Houve mais alguma novidade com o Sr. Imediato ?

HENRIQUE.

Não ; está ainda com o commandante, e eu não saio daqui, enquanto o não vir sahir de lá !

MANOEL, *com acanhamento.*

O' meu Aspirante ! desculpe V. S., mas... não era mellhor safar-se que elle o não visse outra vez ? Talvez se esquecesse.

HENRIQUE.

Porque ! commetti algum crime !? Nada ! quero ver o resultado disto.

MANOEL.

Vaiha-nos Deos ! Nossa Senhora da Bonança permitta que não haja por ahí algum desgosto com V. S.

HENRIQUE, *sorrindo e dando-lhe com a mão no hombro.*

Deixa estar, meu vellote, que já metti nos terceiros contra aquelle vento fresco.

MANOEL.

Isso ! de capa, meu Aspirante ! De capa contra os vendedores do Sr. Immediato.

NOGUEIRA, *para Sara.*

Então está dito ; janta hoje comnosco, sim ?

SARA.

Se o papà dá licença.

JACOB.

Dou, sim, minha filha.

2º ASPIRANTE.

Então vamos.

SARA.

E o Manoel Escota não janta ?

MANOEL, *correndo para ella.*

Olha o anginho !... Nem mesmo assim se esquecen de mim. Não, minha menina ; mas, se quer, levo-a ao collo ao alojamento dos Srs. aspirantes.

JACOB, *para Henrique.*

Até a criança é amiga deste homem !

HENRIQUE.

Quem o não é cá a bordo ?

MANOEL, *com os olhos no chão e torcendo o barrete.*

O meu aspirante !... essa é boa... mas cá um homiem tem amigos porque... sim, são favores que VV. SS. me fazem.

NOGUEIRA, *adoidadamente.*

Pois sim, sim ; estás para ahi a mascar como quem masca tabaco ! Sômos teus amigos, porque és um pobre diabo digno disso.

MANOEL, *commovido.*

Ora... Sr. aspirante !... Eu até tenho vontade de... de chorar, quando os senhores me dão estas confianças.

NOGUEIRA.

Ah ! sim ! eu te tiro a vontade de chorar. (*Dando-lhe uma chulipa.*) Vá ! lestro a virar !

MANOEL, *rindo atoleimadamente.*

Ah !... ah !... Não me doe !

NOGUEIRA.

Vá ! pega na pequena, e salta-me já por essa escotilha acima, mandrião.

MANOEL.

Prompto ! prompto, meu commandante. (*Agarra em Sara, põe-na sobre os hombros, e sóbe pela escotilha.*)

SARA, *lá de cima.*

Adeos, papá ; até logo.

JACOB.

Até logo, minha filha. (*Todos os aspirantes sobem.*)

2º ASPIRANTE, *á boca da escotilha.*

Não quer jantar connosco, Sr. Jacob ?

JACOB.

Agradeço ; mas já estou convidado pelo Sr. capitão tenente Araujo.

2º ASPIRANTE.

Então até logo. (*Sahem Todos.*)



SCENA VIII.

JACOB E HENRIQUE.

HENRIQUE.

Ora não sei se sabe, Sr. Jacob, que a sua historia sensibilizou-me ?

JACOB, *rindo.*

Tirou-lhe até a vontade de comer, segundo vejo... Não vai jantar ?

HENRIQUE.

Estou á espera que o Sr. Immediato saia da camara do Comandante. Além disto... preciso fallar com o senhor em particular.

JACOB.

Comigo ? Estou ás suas ordens.

HENRIQUE.

Em primeiro lugar, pergunto : é capaz de me dizer com franqueza se sympatiza ou antipatiza comigo ?

JACOB.

Gosto até muito do senhor, porque, apesar de creançola ainda, parece-me ter mais juizo prudencial do que os seus camaradas.

HENRIQUE.

Bem ; então sempre me atrevo a pedir-lhe... um grande obsequio..,

JACOB.

Repito, estou ás suas ordens, e no que lhe poder ser util...

HENRIQUE.

Eu lhe digo, Sr. Jacob. Não lhe conto a minha vida porque não tem nada que contar, á vista da sua tão cheia de episodios e scenas dramaticas. Basta que saiba que a minha familia hoje resume-se n'um ente muito querido para mim, é meu pai ; mãe não tenho nem irmãos. Dediquei-me a esta vida para ter de futuro um pedaço de pão ; e, á custa de grandes sacrificios de meu pai, consegui completar o meu curso, e só me falta esta viagem em que vamos, para ser Guarda-marinha. No entanto... eu não estou contente, Sr. Jacob.

JACOB.

Não está contente ? !...

HENRIQUE.

Não ; não porque... emfim, não nasci para esta vida ! Por um acaso singular... direi até, por uma fatalidade, tenho sempre encontrado nos meus superiores intelligencias e mais qualidades muito inferiores ás minhas, e nos subalternos tenho ás vezes estudado e visto particularidades, que os collocão acima de mim.

JACOB, *sorrindo*.

O Sr. é philosopho ?

HENRIQUE.

Não sei o que sou ; o que sei apenas é que sinto em mim uma força de vontade, um poder sobrenatural, que... que me impelle a... enriquecer.

JACOB, *sorrindo*.

Isso é bom !

HENRIQUE.

Tudo em mim é refractario á obediencia estúpida da vida militar.

JACOB.

Permita, meu amiguinho, que lhe faça notar :... é uma pessima qualidade o orgulho.

HENRIQUE.

Mas se isto não é orgulho, Sr. Jacob, olhe que não é ! Depare-me o acazo um pobre diabo, bem pobre, bem roto, bem desprezado por todos, mais em quem eu conheça a honra e a intelligencia, e verá o Sr. Jacob como eu lhe estendo a mão de amigo. Emfim, não nasci para a vida militar, porque não posso curvar a cabeça ás superioridades obrigadas. Percebe agora ?

JACOB.

E' o que eu disse : o senhor tem em si o germen da philosophia... Não lhe dê expansão, olhe que morre de fome !

HENRIQUE.

Não, não heide morrer, se Deos quizer ! Ainda heide ter muito dinheiro, para fazer bem á humanidade.

JACOB, *rindo*.

A' humanidade ! mas como ?

HENRIQUE.

Por exemplo : fazendo do Sr. Immediato o meu escudeiro, e do Manoel Escota o commandante dos meus navios.

JACOB.

O senhor é uma creança.

HENRIQUE.

Serei... Quer ajudar-me?

JACOB.

Pela terceira vez lhe digo, que disponha de mim.

HENRIQUE.

Bem ; o senhor é já muito rico, mas vae continuar no commercio ; não é assim ?

JACOB.

Vou !

HENRIQUE.

Pois bem : dou baixa, e o senhor leva-me comsigo para onde quizer, dá-me um pequeno ordenado e ensina-me a negociar.

JACOB.

Isso é serio ?

HENRIQUE.

Muito serio ! Serei o seu guarda-livros, o seu *commis-voyeur*, o seu secretario, emfim, o que melhor lhe parecer ; mas depois faça de mim um negociante.

JACOB.

Porém.

HENRIQUE.

Disse-lhe que tinha o curso de marinha completo ; já vê que quer no mar, quer em terra, posso, creio eu, ser-lhe muito util. No mar, guardando-lhe as suas mercadorias, e levando-lh'as a porto de salvamento ; em terra, fazendo-lhe as suas contas, por mais difficeis que sejam. Sirvo-lhe ?

JACOB.

Fallaremos em chegando a terra.

SCENA IX.**OS MESMOS O COMMANDANTE E O IMMEDIATO.**

Saem da camara. O jogo da fragata vae se activando e a côr do mar mudou para mais escura.

COMMANDANTE, *vendo Jacob.*

Oh! por aqui, Sr. Jacob! Não quer vir até cá cima?

JACOB.

Nada; vou-me deitar. O mar parece-me que levantou mais alguma cousa, e eu... é uma miserla! Sempre enjoado! Até logo, meus senhores. (*Sahe para a esquerda.*)

O COMMANDANTE.

Venha cá, Sr. Soares.

HENRIQUE, *á parte.*

Temol-a travada!... (*Alto*) Prompto, Sr. Commandante!

COMMANDANTE.

O bom comportamento de um militar não é sómente o exacto cumprimento dos seus deveres; a subordinação não é unicamente a obediencia cega e silenciosa ás ordens dos nossos superiores. Tanto o bom comportamento, como a subordinação, caracterisção-se tambem pela maneira como tratamos os nossos superiores, mesmo fóra de objectos de serviço. Não lhe parece verdadeira esta asserção, Sr. Aspirante?

HENRIQUE.

Muito verdadeira, Sr. Commandante.

COMMANDANTE.

Desgraçadamente para o senhor as suas acções não estão de accordo com a sua opiuição, segundo me consta. O Sr. Henrique Soares é um moço intelligente, um bom estudante, mas pouco militar emquanto á obediencia. Sei que mais de uma occasião as suas respostas tem offendido o Sr. Immediato, e, para acabarmos com isso, vou, pela primeira vez, impôr-lhe um castigo.

HENRIQUE, *estremecendo*.

Sr. Commandante !... (*Deligenciando socegar*) Não sei em que tenha offendido o Sr. Immediato !...

COMMANDANTE.

Tem, tem, que eu bem o sei: ainda ha pouco isso acceteceu. Quando um official, respeitavel pela sua posição e pelos seus serviços, dirige uma reprehensão a um moço da idade do Sr. Aspirante, faz-lhe não só um serviço, mas até uma honra; e não é com ditos epygrammaticos, e com um revoltante desabrimento, que se deve responder a essa reprehensão, como o senhor costuma fazer. e no que mostra tres pessimas qualidades: falta de educação, orgulho e ingratidão. Portanto, repito, pela primeira vez vou corrigil-o desses grandes defeitos.

HENRIQUE.

A maneira singela e franca com que V. S. se digna fallar-me, animão-me a pretender justificar-me dessa opinião que de mim forma o Sr. Immediato. Não sou orgulhoso nem ingrato, Sr. Commandante. Entendo que, pelas minhas habilitações scientificas, e mesmo pela minha idade, estou um pouco acima dos meus camaradas, isto é, que já não devo ser tratado como uma creança. Desta convicção é que nasce isso a que V. S. chama desabrimento.

COMMANDANTE.

Mas, seja ou não seja creança, o senhor é um Aspirante, e o Sr. Immediato é um Capitão de Fragata.

HENRIQUE, *sorrindo*.

Sr. Commandante, é realmente muita bondade, na sua elevada posição descer (creio que é o verbo proprio) descer a questionar comigo. Se todos os superiores assim fizessem, a subordinação militar devia ser, em vez de pesada cadeia, um laço de amizade entre superiores e subalternos. Essa bondade de V. S. colloca-me na restricta obrigação de lhe fallar com a maior franqueza. Sr. Commandante, depois que, ha pouco mais de tres annos, se celebrou em Evora-Monte uma convenção entre os defensores da realza e os do liberalismo, entendi que a aristocracia de raças e o despotismo de posições tinham cedido o lugar á união fraterna das classes sociaes, e á emancipação completa das intelligencias. Se isto assim acceteceu, Sr. Commandante, não vejo em homem algum o direito

de reprehender as minhas acções, quando ellas não forem de encontro aos bons principios da moral e da honra. Se eu errar, tolero... não digo bem : estimo, até aprecio um conselho dado por pessoa respeitavel pela sua posição e pelos seus annos de serviço, como V. S. se dignou dizer-me : mas uma reprehensão não fundamentada, uma reprehensão aspera diante de um camarada e de um subalterno, uma reprehensão no tom em que se faria uma accusação de crime, isso é que me revolta, e me faz, talvez, sabir fóra dos limites da prudeucia.

IMMEDIATO, *para o Commandante.*

Nem a bondade com que o Sr. Commandante o trata lhe faz deixar aquelle tom revoltoso ; bem vê !

HENRIQUE.

Essa mesma bondade é que me faz tirar a mascara, e apresentar-me tal qual sou, tal qual penso !

COMMANDANTE.

Pois, Sr. Aspirante, como o liberalismo de que fallou não é a anarchia e a desordem ; como é mister conservar illesa a subordinação, e punir severamente aquelles que, ou por má inçole, ou por uma deploravel philosophia, desconhecem as conveniencias militares, condemno o Sr. Aspirante ao castigo de prisão, por quatro horas, no cesto de gavia grande.

HENRIQUE, *recuando.*

Sr. Commandante ! !..

COMMANDANTE, *severamente.*

Vamos ! Vá cumprir immediatamente o castigo. (*Ouvem-se 5 horas.*)

HENRIQUE, *socegando mais.*

São 5 horas, Sr. Commandante ; é hora de eu entrar de quarto com o Sr. Tenente Reis. Creio que V. S. não quererá que eu deixe de fazer o meu quarto...

COMMANDANTE.

Vá fazel-o ; descance meia hora, e depois cumprirá o castigo. (*Sobe para o convez.*)

IMMEDIATO, *baixo para Henrique.*

Tem tempo para se entregar lá em cima ás suas meditações philosophicas... *(Sobe rindo.)*

HENRIQUE. *só passeando agitado.*

Bonito ! Estou arranjado !.. Quatro horas no cesto de gavia, exposto ás vistas de todos os officiaes e de toda a marinha-gem !... *(Rindo freneticamente.)* Excellente meio de sustentar a subordinação e dignidade militar !... E' coherente, na verdade ! Um official em exposição, trepado como um macaco lá naquellas alturas, e isto diante dos seus subalternos, que se hão de rir, que... Então ? Não é um optimo meio de se fazer respeitar ?... Ora isto ! Que coherencia ! que logica ! que intelligencias !... *(Depois de silencio.)* Não vou ! Decedidamente não faço semelhante indignidade ! Leve o diabo o Sr. Commandante, mas declaro que não vou para o cesto de gavia ! Só se me amarrarem de pés e mãos !

UMA VOZ, *em cima.*

Sr. Aspirante Soares !

HENRIQUE.

Lá está o outro já a chamar-me para o quarto !... Tem medo que eu falte ! Ai, meu Deus ! E não hei-de um dia ser bem rico, para mandar ao inferno esta vida e esta gente !..

A VOZ.

Sr. Soares !...

HENRIQUE.

Lá vou ! lá vou ! *(Sobe apressadamente.)*

SCENA X.

MANOEL VINDO DA ESQUERDA DEPOIS JOSÉ.

Sente-se o vento mais forte e o bater do mar no costado do navio.

MANOEL.

O Commandante foi para cima ; vamos a ver se eu apanho do creado... *(tocando levemente na porta da camara)* O' só Zé ! só Zé !...

JOSÉ, *sahindo da camara.*

Ah ! é você, *sô Manel* Escota!... Então o que o traz por cá?

MANOEL.

Home, a gente, como o outro que diz, anda cá neste mundo p'ra nos servir-mos uns aos outros : não é assim ?

JOSÉ.

Assim deve ser.

MANOEL.

Hcme, eu ... eu venho pedir-lhe um favor.

JOSÉ.

O' *sô Manel*!... Se eu poder servil-o.... sim, se fôr cousa que esteja na minha mão... (*Sente-se em cima o apito a chamar a marinhagem do quarto.*)

MANOEL.

Olá....

JOSÉ.

Aquillo é chamar a gente do quarto ; não é, *sô Manel* ?

MANOEL.

É : entrou o Tenente Reis.

JOSÉ.

Tambem aquelle diabo, em chegando acima sempre tem que bulir com a Fragata.

MANOEL.

Não, que o Sudoesto vae rijo, e não é para brincadeiras.

A VOZ DE HENRIQUE, *em cima.*

Carrega joannetes e arria a giba ! Ferra ! Carrega Papafigos !

MANOEL, *depois de escutar.*

Não lhe disse eu ? Carregarão Papafigos : não tarda que deitem abaixo os mastareos de joannetes, ou mettão nos rinzes ; (*Espreitando pela portinhola de uma peça.*) Olha lá, já cá temos a vaga do noroéste a embalar-nos !

JOSÉ.

Mas o que me queria você pedir, só Manel Escota?

MANOEL.

Ora eu lhe digo. Não sei se você sabe que o Zé da Espicha est'outro dia, quando começamos a bolinar.

JOSÉ.

Bem sei ; ante-hontem.

MANOEL.

É verdade, ante-hontem. O rapaz estava de quarto. e, fo pôr-se á escota da Vella-de-estay de prôa e quando hia a amurar bateu com o garuncho (que é grande e de ferro) na cabeça, que lhe fez uma brecha dos diabos ! Ora o rapaz que é mal humurado, tem-se-lhe aquillo feito maior, de fórmula que... emfim, sô Zé, aquillo não está nada bom !

JOSÉ.

Mas não se cura ?

MANOEL.

Home, o rapaz não quer ir para a enfermaria, por que, pelos modos, aquillo por lá é uma calmaria podre a respeito de tractamento ; que isto é lá elle que o diz ; *nanja* eu, que nunca lá estive... em boa hora o diga. (*Escuro [óra.]*)

HENRIQUE, em cima.

Gente aos amantilhos e aos braços de joannetes !

MANOEL.

Olhe, não lhe disse eu ? Lá vão deitar abaixo os mestareos de joannetes.

JOSÉ, olhando casualmente por uma portinhola.

Ah ! com os diabos ! Que cerração !...

MANOEL.

Parece-me que vamos ter mosquitos por cordas, só Zé !

JOSÉ.

Mas afinal de contas o que é que você quer, homem ?

MANOEL.

Quero ver se você me arranja por lá uns trapitos de linho para a cabeça do rapaz, home ! Ora faça-me isto pelas almas, arde !

JOSÉ.

Mas elle não póde pedir isso na botica.

MANOEL.

Não, que se o curandeiro o vê lá naquelle estado, *ferra* com elle na enfermaria, e o rapaz é o que não quer. Se pede lá os trapos... elles já andão desconfiados que aquillo da cabeça não vae bem... Ainda agora o mar e guerra, quando elle foi receber a razão lhe disse que descesse para o hospital, mas o rapaz tem medo !... O' só Zé, vá lá buscar os trapos, arde !

JOSÉ, *rindo*,

Mas você é que o cura ?

MANOEL.

Pois então ! Cebo fresquinho, alcatrão amarello e banhos d'agua salgada de duas em duas horas ; heide põl-o bom, se Deus quizer ! O que me tem atrazado é o diabo do algodão cru, que lhe pranto naquelle aparelho todo.

JOSÉ

Está bom ; deixe-me ver se acho algum trapo de linho... mas onde diabo heide eu achar isso ?

MANOEL.

Alguma camiza velha do... (*tirando o barrete*) do Sr. Commandante : elle hade tel-as de linho.

JOSÉ.

Ora vá lá, vá lá.... Mais.... *bico*, heim ?

MANOEL, *tupando a boca*,

Callado... como um imbornal entupido, sô Zé !

JOSÉ.

Ora vamos a ver o que se arranja. (*Entra para a camara.*)

SCENA XI.

MANOEL E JACOB ABRAHÃO.

JACOB, *vindo da esquerda com um grande barrete e um capote.*

Olá, Sr. Manoel Escota!... Parece-me que isto refrescou mais, heim ?

MANOEL, *rindo.*

Antes isso, do que calmaria, só Jacob.

JACOB.

Mas haverá perigo ?

MANOEL.

Eu sei ! Isso é lá com os Srs. Officiaes de quarto.

JACOB.

Vou até cá *acima* ; parece que abafou no camarote !

MANOEL.

E' que elle faz calor, faz... Parece-me que sempre teremos a nossa refrescacinha.

JACOB, *assustado.*

Peor !

MANOEL.

Não se chegue muito, para a amurada, que o mar está de levar a gente pela borda fóra.

JACOB.

A pequenita ainda lá está no alojamento ?

MANOEL.

Creio que sim senhor ; a não terem já acabado de jantar, e, que fossem todos para cima.

JACOB.

Deixa-me ir ver. (*Sobe pela escotilha com difficuldade e agarrando-se muito á escada.*) Ui, que marzinho, heim? (*Desapparece.*)

JOSÉ, *entrando com uns trapos na mão.*
Ora aqui tem, só enfermeiro: vá lá curar a tóla ao rapaz.

MANOEL.

Obrigado, só Zé! Deos lhe dará o pago, que eu cá não lhe posso dar mais do que este pedaço de tabaco. (*Querendo dar-lhe um pedaço de rolo.*)

JOSÉ, *recusando.*

Faze bem, não cates a quem, dizla minha Avó, que era uma santa velhota, já lá está no reino da verdade; Deos lhe falle n'alma!... Eu quero cá o seu tabaco, só Manoel Escota!... Tenbo lá tabaco do patrão á *usu!* (*A Fragata dá um salto enorme, e sente-se o som subterraneo da quilha roçando sobre a areia. Os dous cahem cada um para seu lado. Sente-se em cima um grito unissono da marinhagem.*)

MANOEL, *levantando-se.*

Olha lá!...

JOSÉ, *levantando-se aterrado.*

Encalhamos?

MANOEL.

Não; roçamos em areia, mas parece-me que vamos safos!

HENRIQUE, *em cima.*

Lestro a virar! (*Sente-se novo choque, mas menos forte.*)

MANOEL.

Olha lá! É banco d'areia que temos prolongado pela prôa... (*Novo choque*) Outra vez!... Bem bom! E a cerração que não deixa ver nada. (*Vai espreitar a uma canhoneira; José segue-o muito assustado e tremulo.*)

HENRIQUE.

Mette o leme de ló! Ala a retranca a barlavento! Solta as escotas das vellas de prôa! Solta a escota do traquete!

MANOEL, *depois de silencio.*

Viva! Vamos virar por d'avante!... e o navio obedece! Vamos chegando á linha do vento!

JOSÉ, *tremulo.*

Estamos safos?

MANOEL.

Ainda não.

HENRIQUE, *cada vez mais forte.*

Larga amuras sobre bolinas! Carrega estingues!

MANOEL, *depois de silencio, observando para fóra, e com certa impaciencia.*

Vá, com os diabos! larga as bolinas de....

HENRIQUE, *em cima.*

Larga as bolinas de ré! Ala e larga a ré! Allivia o leme!

MANOEL, *com enthusiasmo.*

Bravo! O panno deve começar agora a encher!

JOSÉ.

Estamos livres de perigo?

MANOEL.

Ainda não. *(Novo choque, porém mais pequeno, e com um rumor muito menor.)*

HENRIQUE, *com mais força.*

Larga as bolinas de prôa! Ala e larga a prôa!

MANOEL, *depois de silencio.*

Isto vai bem! isto vai bem! O navio já vira ao vento!

JOSÉ.

Nossa Senhora das Necessidades nos valha, sô Manoel Escota! Safa! que susto!

HENRIQUE.

Allivia o leme! Ala os braços de prôa! Mais a sotavento!... a encostar! Caça mais o traquete.

MANOEL, *depois de silencio, tira-se da canhoneira e desce á scena cantando.*

Triste vida é a do marujo,
Qual dellas a mais cançada.

(Sentindo o apito de volta aos cabos.) Olhe, vê? Volta aos cabos! Estamos safos, sô Zé! *(A cerração desaparece pouco a pouco.)*

JOSÉ.

Safa, com os diabos! Cuidel que era o ultimo dia da minha vida!

MANOEL.

Agora, deixe-me lá ir ao Zé Espicha. (*Vai a subir.*)

JOSE.

Não vá por ahí ; lá vem o Commandante...

SCENA XII.

O COMMANDANTE, O IMMEDIATO E MAIS OFFICIAES.

COMMANDANTE, *risonho.*

Pois, meus senhores, a mim abrio-me o appetite ; e, esperando que lhes acontecesse o mesmo, convido-os a jantar comigo. (*N'outro tom*) Mas aquelle Tenente Reis é miope ? ! Pois não o vio o mar ?

UM OFFICIAL.

Ninguem o via, commandante ; estava uma cerração tal, que do catavento não se distinguia o gurupez.

ALGUNS OFFICIAES.

É verdade, é verdade !

COMMANDANTE.

Então merece desculpa : (*rindo*) mas o que realmente não a merece é aquelle estado de turpor em que ficou, quando vio o perigo.

UM OFFICIAL.

É verdade, se não fosse o Aspirante de quarto, a manobra seria muito morosa, porque na verdade o pobre letente Reis ficou que nem podia abrir a bocca !

IMMEDIATO.

É que realmente a cousa não esteve muito bem figurada.

COMMANDANTE, *para um official.*

O Sr. Guarda-Marinha faz favor de me chamar os outros Srs. Officiaes e os Aspirantes.

OFFICIAL.

Sim, Sr. Commandante. (*Subindo a escotilha e fallando para cima*) Os Srs. Officiaes e os Srs. Aspirantes, que ve-

nhão cá abaixo ao Sr. Commandante. (*Desce ; momento de silencio.*)

COMMANDANTE.

Eu, como já fui rapaz, sei conhecer toda a qualidade de incentivos para a mocidade. Oxalá que este aproveite !

SCENA VIII.

OS MESMOS, MAIS OFFICIAES E OS ASPIRANTES, EXCEPTO HENRIQUE.

Formão todos um semi-circulo á roda do Commandante.

COMMANDANTE.

Chamem-me o Aspirante de quarto.

UM OFFICIAL, *á bocca da escotilha.*

O Sr. Soares, que venha fallar ao Sr. Commandante !

HENRIQUE, *descendo a escotilha com o porta-voz na mão, e deixando-se ficar ao fundo.*

Sr. Commandante ?..

COMMANDANTE, *risonho.*

Venha cá ; chegue-se para aqui.

HENRIQUE, *passando por entre os Officiaes que lhe abrem caminho e ficando no centro.*

Prompto, Sr. Commandante.

COMMANDANTE.

Eu assim como sou inexoravel para castigar quem erra, se tambem premiar quem o merece. O Sr. Aspirante acaba de prestar um bom serviço a bordo, commandando a manobra com uma energia e coragem superior á sua idade.

HENRIQUE, *abaixando os olhos.*

Cumpri o meu dever, Commandante. Aquella indisposição repentina do Sr. Tenente Reis...

COMMANDANTE.

Bem sei que cumpro o seu dever, nem é disso que o felicito sinceramente: felicito-o e tenciono fazer do senhor uma honrosa menção para o quartel-general, pela coragem com que encarou tanto o perigo, e pela muita pericia em commandar a manobra, que, por honra sua, salvou um navio de Sua Magestade.

HENRIQUE.

E as vidas, creio eu, dos seus trezentos subditos.

COMMANDANTE.

Não venha o demonio do orgulho apagar, deixe-me assim dizer, o brilho da sua victoria, Sr. Aspirante. Salvou a Fragata com a sua manobra, mas não salvou a guarnição. Sabe muito bem... (creio que deve saber) o que se faz quando um navio encalha.

HENRIQUE.

Sim, senhor.

COMMANDANTE.

Ora diga lá.

HENRIQUE.

Quando o navio encalha arrião-se os mastareos e vergas de joannetes ao convez; depois os mastareos de gavias, verga de gavia, e as de papa-figos, até ficar o navio em mastros reaes, e com estas vergas e mastareos escora-se o navio da borda ao fundo.

COMMANDANTE.

Justamente. Ora já vê que, em ultimo caso, executava-se essa operação, e por consequencia a Fragata arruinava-se completamente talvez; mas salvavão-se as vidas.

HENRIQUE.

Perdão Commandante, quem seria capaz com o mar que se levantou, com o vento fresco que nos leva tão de seguida, e com a vaga de noroeste, que nos levanta a vinte braças de altura, quem seria capaz de escorar o navio da borda ao fundo?

UM OFFICIAL, *a meia voz como approvando.*

É verdade.

OUTRO, *no mesmo tom.*

Realmente o mar é muito.

ALGUNS.

Tem razão, tem razão !

COMMANDANTE, *custando-lhe a suster o rizo.*

Bem ; n'esse caso... dou-me por convencido, e estou disposto a declaral-o salvador do navio e dos homens. Dê-me um abraço Sr. Aspirante (*abraça-o e ha um pequeno rumor de aprovação.*) Vá continuar o seu quarto. Está perdoado do castigo que lhe infringi

HENRIQUE, *radiante de alegria e soffucadamente.*

Obrigado Commandante !

COMMANDANTE.

Vamos jantar meus senhores. (*Entra para a camara os officiaes entrão com elle.*)

HENRIQUE, *para o Immediato que é o ultimo a entrar e como fazendo-lhe pirraça.*

Ah !... não fui para o cesto de gavia como um macaco. (*Sobe para o convez.*)

ASPIRANTES, *correndo atraz delle.*

Parabens ! Parabens !

SCENA XIV.

JOSÉ E MANOEL.

JOSÉ, *sahindo da camara.*

Ora como esta gente tem fome, depois de um susto destes ! Era bem feito que o jantar não estivese ainda prompto ! (*Vae a sahir para a esquerda.*)

MANOEL, *vindo desse lado pallido e apressado.*

O' só Zé !.. O Sr. Commandante ?.. Quero fallar já e já ao Sr. Commandante.

JOSÉ.

O' homem !.. elle está lá com a officialidade toda.

MANOEL.

Não importa! Diga-lhe que quero.... que preciso fallar-lhe em objecto de serviço!

JOSÉ.

Como você está atarantado, homem! Que lhe aconteceu?

MANOEL, *impaciente.*

O só Zé!... Ande! avie-se! Va dar-lhe recado!... Olhe que vae para os pexinhos!...

JOSÉ, *recuando.*

Credo!... Cá vou...

MANOEL.

Em particular; ouviu?

JOSÉ.

Valha-me Deus, que mais teremos! (*Entra para a camara.*)

MANOEL, *só.*

Estamos arrançados, não tem duvida!... Emfim.... será o que Deus Nosso Senhor quizer! E ninguem se alembrar de tal!... Faz incrível!



SCENA XV.

MANOEL, COMMANDANTE E JOSÉ.

COMMANDANTE.

Que se aviem com esse jantar.

MANOEL.

Cá vou Sr. Commandante. (*Aparte*) Que teremos de novo!.. (*Vai para a esquerda.*)

COMMANDANTE.

Que queres tu, Manoel?

MANOEL.

Perdão, Sr. Commandante, de o encommodar, mas estamos em perigo!

COMMANDANTE.

Que dizes, homem ?

MANOEL.

Não quiz dar alarme a bordo, por isso pedi para fallar em particular a V. S. Depois do acontecido ninguem se *alembrou* de ir ver o estado do navio, eu, como mais coçado cá nestas cousas, fui ao porão. e vi...

COMMANDANTE, *assustado*.

Avia-te homem !

MANOEL.

Vi lá duas braças d'agua, Commandante.

COMMANDANTE.

Viste ? ! Seria alguma tina que se arrombaria com o choque. A Fragata é nova e tão bem construida...

MANOEL.

Perdoe V. S. de eu lhe desnegar a sua palavra honrada Commandante. Estive a *osservar* um pedaço e vi entrar a agua aos jorros, assim como a um repucho. A cousa é na sobre-quilha ao pé da carlinga do Mastro do Traquete: por tanto é de esperar que estejam *tãobem* abaladas algumas cavernas de prôa.

COMMANDANTE.

Bem; calla-te. Vamos lá ver isso. Anda comigo. (*Sahe para a esquerda seguido por Manoel.*)

MANOEL, *a parte, sahindo*.

E o mar a levantar cada vez mais!.. Parece-me que estamos arranjados!...

SCENA XVI.

O jogo da Fragata é cada vez mais activo e pronunciado: o mar que se vê pelas canhoneiras apresenta vagas enormes e que parecem subir muito acima da Fragata. Sente-se o vento cada vez mais forte zunir pelo massame e arvoredado do navio, e o mar quebrando-se com estridor no costado.

O IMMEDIATO E MAIS OFFICIAES.

Sahindo da camara.

IMMEDIATO.

E' que certamente ha alguma novidade.

UM OFFICIAL.

Eu se estivesse de quarto mandava correr o navio em arvore secca.

OUTRO OFFICIAL.

Isso não digo, porque havia o perigo de cahir outra vez sobre o baixo: mas mandava pôr de capa rigorosa com a gavia nos ultimos rinzes, com a Mezena Rebeca e Vella d'Estay.

IMMEDIATO.

Isto deve abrandar, quando sahir a lua.

UM OFFICIAL, *rindo.*

Se d'aqui até lá nos não levar a breca!

VOZES, *em cima.*

Agua!... agua no porão!

OUTRAS VOZES.

Gente ás bombas! gente ás bombas!

IMMEDIATO.

Gente ás bombas!?! Isto agora é que é mais serio! Meus Senhores, vamos para cima (*Sente-se no convez um grito unissono de susto e terror, e logo em seguida o apito a chamar toda a marinhagem.*)

UM OFFICIAL.

Que mais aconteceria!

IMMEDIATO.

Reune toda a guarnição !... Vamos!

SCENA XVII.

OS MESMOS E O COMMANDANTE.

COMMANDANTE, *palido mas sereno.*

Camaradas! E' preciso muita coragem e sangue frio! O navio faz agua de uma fórma espantosa, e estou certo de que as bombas não lhe darão vazão. De mais a mais não pódem ir os calafates em balços tapar o rombo, porque é quasi na quilha um pouco a estibordo. Por consequencia estamos perdidos inevitavelmente se não houver energia e coragem!

SCENA XVIII.

OS MESMOS E HENRIQUE.

HENRIQUE, *descendo a escotilha, alagado, palido e os cabellos em desordem.*

Commandante! Veja se vem animar a guarnição com a sua presença!... Está tudo com a cabeça perdida! O mar levou-nos a borda quasi toda a barlavento, quatro homens da mari-nhagem, o passageiro e uma creança.

COMMANDANTE.

Seis pessoas?!

HENRIQUE.

Sim, senhor; os quatro homens do leme, o passageiro, e a filha delle, aquella pobre creancinha de cinco annos!

COMMANDANTE, *caminhando para a escotilha.*

Mas não poderão salvar ninguém.

HENRIQUE.

Quiz mandar descer ao mar uma lancha, mas ninguém se

mecheu quando fallei nisto. O már está terrível, Commandante, quem fosse na lancha era victima infallivelmente.

COMMANDANTE.

Não temos senão um meio de salvação, vamos deitar a artilharia ao mar; e se fôr preciso, piquem-se os mastros, e que... que Deos nos acuda! (*para Henrique*) Vá despir-se que está encharcado!... Depois.. (*a meia voz*) venha para o pé de mim. (*Sobe para o convez com os Officiaes.*)

SCENA XIX.

HENRIQUE SÓ.

HENRIQUE, *sentando-se desfallecido.*

Eu nem já posso comigo. (*Sorrindo com amargura*) Que me vá despir!... Para que, se d'aquí a um quarto de hora vamos a pique!... É impossível salvar a Fragata: a agua que mette é tanta que nem tempo dará para construir a jangada, unico meio de salvar a guarnição. E aquelles pobres marinheiros, que eu vi ir pela borda fóra!... coitados!... E o Jacob, aquelle homem em quem eu tinha fundadas todas as minhas esperanças futuras!... Não tenho de ser rico, já vejo!... (*Levantando-se de repente e como sobresaltado por uma idéa repentina*) Rico!... E a riqueza daquelle homem!... daquelle homem, que eu acabo de ver sumir-se nas ondas? Aquelles duzentos e vinte sete contos de réis?!... Animo, Henrique! Vamos a isto!!! (*Deita mão a um machado e sahe apressadamente para a esquerda.*)

SCENA XX.

JOSÉ SÓ.

JOSE, *vindo da esquerda com um tableiro, em que traz louça, facas, garfos, etc., colloca-o sobre a mesa e limpa alguns talheres com um pano.*

Pois será crível que estes homens tenham vontade de jantar?! Isto parece incrível! Eu era capaz de dar um tiro em quem me convidasse agora para outra cousa que não fosse...

rezar... (*Acabando o seu trabalho apressadamente.*) Ai! N. S. das Necessidades se lembre de mim... e de toda a tripulação! (*Entra para a camara levando o taboleiro.*)

SCENA XXI.

HENRIQUE SÓ.

Um momento a scena isolada, a orchestra executa um tremulo muito pianninho.

HENRIQUE, vindo da esquerda com um grande maço de notas e mais papeis, uma bolsa grande, um pedaço de lona embreada e um machado.

Ninguem me vio! (*Collo-a o machado no seu lugar.*) Arrombar os bahus... seria um crime!? Mas se o dono morreu!... Ainda lá ficarão talvez, seis ou sete contos de réis em ouro!.. Mas esses... se tiver de me deitar ao mar... não os podia levar comigo. Esta bolsa de gutta-percha é impenetravel à agua... (*Mette dentro os papeis.*) Agora... esta cinta de lona embreada!... (*Enrola-a na bolsa e colloca tudo a roda da cintura.*) Bem! Se me salvar... sou rico! sou feliz!... (*Vae a subir por a escotilha mas suspende-se como tomado por uma ideia aterradora.*) Mas... será isto... um roubo?!.. (*Depois de longa pausa e sorrindo.*) E', roubei... o mar! (*Sobe pela escotilha, a musica continua em sordina até ao fim do acto.*)

SCENA XXII.

MANOEL E JOSÉ.

MANOEL, entrando com grande difficuldade por uma das canhoneiras vem alagado e traz agarrada a menina Sara que vem desmaiada, e que elle colloca no chão cuidadosamente; quer depois pôr-se de pé mas cahe desaltecido.

Não posso! Já não sou para estas cousas! (*Deligenciando*

erguer-se.) Nada! Não vae lá! (Chamando com voz muito fraca.) O' só Zé! só Zé! olha lá! com a bulha do mar, não ouve! (Chamando mais forte.) O' Zé!

JOSÉ, *entrando.*

O que é isso *sô Manel* Escota? Vamos para o fundo, ou não vamos?

MANOEL.

Não sei... Veja você se me leva esta creança e a deita n'uma cama!... Hoje parece-me que é o ultimo dia da minha vida *sô Zé!*

JOSÉ.

Mas que foi? Você cahiu ao mar?

MANOEL.

Nada, deitei-me eu. Veio uma vaga e levou a borda de ré quasi toda; mas o peor é que tambem lambeu quatro camaradas, e o pai desta pequena coitadinho!... e ella tambem! Vae ó *despois*, quando ouvi aquelle desgraçadinho gritar lá debaixo: Quem me salva a minha filha, pelo amor de Deus!... O' *sô Zé!*... Eu não sei o que senti!... Cheguei-me á borda e... não precisei fechar os olhos; as lagrimas tiverão esse cuidado!... Deitei-me ao mar e agarrei a petiza, coitadinha... O' *despois* nadei para o navio, e o mar mesmo me ajudou a guindar até uma cauhoneira... mas amolgou-me o corpo de encontro ao costado. Aqui estou mas olhe, *sô Zé!* já não sou para isto!... Sinto-me mais escangalhado do que a pobre fragata, coitada!

JOSÉ, *ajudando-o a levantar-se.*

Venha para a camara, *sô Manel*: com descanço e agua ardente passa-lhe isso n'um prompto.

MANOEL, *levantando-se a custo.*

Veja se pode trazer a pequena; ande, que eu já não posso... nem comigo!

JOSÉ, *pegando na creança e amparando Manoel.*

Ora vamos lá!

MANOEL.

Leve-m'a com cuidado, só Zé! Olhe que ella é.. é minha filha !...

JOSÉ.

Sua filha ?!

MANOEL.

Sim! Pois quem tem ella agora cá neste mundo?... Diante de Deos e do mar juro... que serei seu pai. (*Entrão para a camara. Forte na orchestra.*)

FIM DO PROLOGO.

ACTO I.

Gabinete pequeno mobilado com riqueza e elegancia. Mesas, cadeiras, fogão, um piano, um cavallette de pintura com um quadro pintado, albuns, etc., etc.

SCENA I.

D. GUILHERMINA E ADELIA.

Sentadas ambas a uma pequena mesa: a primeira desenhando n'um album, a segunda bordando a petit-point. D. Guilhermina vestida de preto com riqueza e elegancia, cabelo quasi branco, e grandes canudos cahidos nas faces. Adelia vestida com muita simplicidade e elegancia.

ADELIA, depois de pequeno silencio.

Então, mamã, ainda me não deixa ver a sua obra ?

D. GUILHERMINA, sorrindo.

És impaciente, Adelia ! Já te disse que é uma surpresa, e que só em estando prompto...

ADELIA.

Prompto?... Ah ! então já sei, ao menos o genero a que pertence a sua obra no sentido grammatical.

D. GUILHERMINA.

No sentido grammatical?... Não sei o que queres dizer.

ADELIA.

A mamã disse: em estando prompto ; prompto é masculino, por consequencia a mamã está a fazer um retrato.

D. GUILHERMINA, rindo.

Quizeste advinhar, minha filha ; mas enganaste-te. Se disse prompto foi relativamente ao substantivo trabalho.

ADELIA.

Ah ! então não é um retrato ?...

D. GUILHERMINA.

Depois verás o que é, minha impaciente.

ADELIA, *com malicia.*

O' mamã ! e se eu me levantasse assim muito devagarinho.. *(executando o que diz)* e fosse a correr de repente e visse.. *(corre para ella).*

D. GUILHERMINA, *dando um pequeno grito e fechando o album.*

Eu fazia isto !

ADELIA, *meia amuada e indo novamente assentar-se.*

Má !... A mamã é muito má.

D. GUILHERMINA.

Mais má és tu, que me queres roubar o prazer da tua surpresa.

ADELIA.

Tem razão, mamã ; perdoe-me ; acabe a sua obrinha que prometto não a interromper mais.

D. GUILHERMINA.

E eu, em premio, heide ir hoje contigo a um certo divertimento... porque tu morres !

ADELIA, *dando um pulo na cadeira.*

A S. Carlos, mamã ?

D. GUILHERMINA.

Desta vez advinhaste.

ADELIA, *levantando-se correndo para ella suspendendo-se.*

O' mamã, tape o seu desenho que lhe quero ir dar um beijo.

D. GUILHERMINA, *pondo uma folha de papel sobre a folha do album.*

Podes vir.

ADELIA, *corre para ella e dá-lhe um beijo na face.*

O que irá hoje, mamã ?

D. GUILHERMINA.

Vê ali no « Jornal do Commercio. »

ADELIA, *indo buscar o jornal que está sobre o fogão e lendo.*

Espetaculos, Theatro de S. Carlos Sexta-feira, A Favorita, dança a Fiorina. (*Largando o jornal.*) Antes queria o Trovador.

D. GUILHERMINA, *com malicia.*

Então se queres não vamos hoje ; esperemos pelo Trovador.

ADELIA, *rapidamente.*

Não, não ! Vamos hoje e. . . vamos depois outra vez.

D. GUILHERMINA.

Pois seja assim. Parece-me que não ha ninguem mais condescendente do que eu.

ADELIA, *indo pôr em ordem os seus papeis de musica sobre o piano.*

A mamã é uma santinha ! Ha porém uma cousa, que eu desejava que me explicasse.

D. GUILHERMINA, *continuando sempre com o seu trabalho.*

O que é, minha filha ?

ADELIA.

Qual será o motivo porque, sendo tão rica como é, tendo todas as commodidades da vida, não se lembrou ainda de tomar um camarote de assignatura no Theatro Italiano ?

D. GUILHERMINA.

Nunca o fiz, porque me pareceu sempre mal empregado o dinheiro que se gasta nesse objecto de luxo : muito mais depois que adquiri estas duas convicções : 1ª, que não ha maior prazer no mundo do que aquelle que se sente em fazer bem ; 2ª que a importancia de uma assignatura em S. Carlos, pode sustentar parcamente uma familia necessitada. Não tenho razão, Adelia ?

ADELIA.

Tem, minha mamã ; mas parece-me que ha outro motivo, sem ser esse que disse...

D. GUILHERMINA.

Então qual é? (*Levanta-se.*)

ADELIA.

O seu character essencialmente melancolico, que não se edentifica absolutamente nada com o prazer da harmonia, e com as distracções da convivencia.

D. GUILHERMINA.

Chama-se a isso misantropia, não?

ADELIA.

Não, não, minha senhora ; não é isso o que eu quero dizer.

D. GUILHERMINA, *sorrindo.*

Mas pensa-o que bem o sei: e tens razão. Mas que queres? não é dado senão a Deos mudar as tendencias dos seres humanos... Fallemos de outra cousa. Saberás que está prompto o meu trabalho; é um pequeno esboço... Vê lá como te parece?

ADELIA, *correndo para ella.*

Ora graças a Deos.

D. GUILHERMINA, *apresentando-lhe o album.*

Vê lá...

ADELIA, *recuando e dando um grito.*

Ah!!.. (*Abaixando os olhos balbuciante e muito confusa.*) Como está parecido!...

D. GUILHERMINA, *sorrindo.*

Parece-se? Ainda bem. (*Com ternura e certa malicia.*) Mas que tens tu, Adelia? causarão-te medo estes bigodes retrocidos, e estes olhos rasgados?

ADELIA, *muito perturbada.*

Mamã!...

D. GUILHERMINA.

Julguei que tinha retractado uma pessôa muito nossa conhecida, mas vejo que me enganei: creio que fiz o retracto do... do demonio!

ADELIA, *olhando de reves para o retrato.*

Não, mamã, é o retrato delle... e tão perfeito !...

D. GUILHERMINA, *mudando de tom*

Ora vamos; Adelia, isto foi uma experiencia de que obtive o resultado mais completo do que eu imaginava. Tu amas este homem ?

ADELIA, *escondendo a cara no seio de D. Guilhermina.*

Mamã !...

D. GUILHERMINA, *beijando-a na testa.*

Vamos, minha filha ! Quero saber tudo. Disse-te alguma cousa ? Ama-te ?

ADELIA.

Não sei, mamã. Trata-me com uma delicadeza, quasi demasiada para a minha idade ; mas nunca me disse nada que se assimelhasse a um galanteio.

D. GUILHERMINA.

Mas tu ama-o ?...

ADELIA.

Faço mal, mamã ?

D. GUILHERMINA.

Ainda t'ó não posso dizer : no entanto como não quero se não a tua felicidade, heide experimental-o, e se tambem te amar... casarás com elle ; não lhe vejo o mais pequeno obstaculo.

ADELIA, *sorrindo envergonhada.*

Eu. casada !... Mas nunca me heide separar da mamã, não é assim ? Ah ! é verdade !... E meu pai que não vejo senão de annos a annos ?... tambem tem direitos sobre mim ?

D. GUILHERMINA.

Esse hade querer o que eu quizer.

ADELIA.

Agora por me lembrar de meu pai, occorreu-me uma idéa bem triste. Ainda tambem que elle chegue a amar-me... quererá ser meu marido logo que saiba o meu nascimento ? Ah ! mamã ! Parece-me que sou bem infeliz neste meu primeiro amor !... Aquelle character altivo, aquella aristocracia de di-

nheiro e de posição, aquelle sorriso sarcástico de que sempre acompaña os seus ditos epygrammaticos... enfim aquelle todo, não achará um certo ridiculo no meu nascimento por consequencia na minha pessoa, e por consequencia no meu amor?

D. GUILHERMINA, *sorri.do*.

Não.

ADELIA.

Não! Mas é que a mamã não tem talvez, como eu, estudado, observado, e philosophado (deixe-me assim dizer) o caracter daquelle homem. Eu mesmo, apesar de todo o meu estudo, ainda o não pude classificar. Ora parece comprazer se em louvar o mal, e deprimir o bem ora stygmatisar este para glorificar aquelle. Enfim, mamã, é um caracter tão excepcional, um typo tão novo, que se torna impossível qualquer juizo sobre elle. Umaz vezes parece bom, outras parece... um monstro.

D. GUILHERMINA, *sorri.do*.

Pobre Adelia! Tens imaginado um verdadeiro personagem de romance: enganas te, esse homem não é um ente vulgar, mas tambem não merece o idealismo de que o queres rodear. É um homem pratico do mundo, com uma especie de desprezo pelas intelligencias medíocres e pelos vicios da sociedade moderna; é um philosopho; mas toda essa philosophia, toda essa excentricidade, todo esse desprezo pelas cousas do mundo hãode acabar no dia em que elle te disser que te ama.

ADELIA, *com pesar*

E no dia em que elle souber o meu nascimento, mamã?

D. GUILHERMINA.

Minha filha, tu hoje já não és creança, e por isso posso fallar-te com a franqueza de uma amiga. (*Acompanhado as palarras com um certo tom de saudade e meiguice.*) O amor, minha Adelia, não é sentimento que se obscureça com essas nadas que preoccupão os espiritos fracos, e com essas aristocracias caracteristicas dos corações menos bem organisados. O amor, quando é verdadeiro, não ha obstaculos que não vença, não ha conveniencias que reconheça, não ha ridiculos a que não resista. E sabes porque? Porque é o unico sentimento humano que deixa de o ser quando chega a ser verdadeiro. Porque é o unico sentimento que o mundo ainda respeita apesar de decantado scepticismo, apesar do positivismo

da vida moderna, apesar de tudo! E que importa o mundo, o seu scepticismo e o seu positivismo, a um coração que chega uma vez a amar deveras?! O que lhe importa?... Aquelle eute não vive, não pensa, não tem outra missão no mundo, outro pensamento na terra, que não seja o objecto do seu amor. E se um dia... (*quasi em lagrimas*) a morte lhe rouba o eu-levo do coração, vem a saudade, mas doce e consoladora, trazer-lhe á memoria o objecto da sua passada ternura! Então a vida passa-se n'um profundo meditar, e na esperança viva de um dia nos encontrarmos em melhor mundo... (*Mudando de tom*) Mas isto foi um devaneio, minha filha; fallei talvez de mim, quando era de ti que devia tratar; tem paciencia!...

ADELIA.

A mamã já amou... muito, não é assim?

D. GUILHERMINA.

Quem não tem amado quando chega á minha idade, filha? Mas fallemos de ti: tenho um pressentimento que me assegura a tua felicidade futura. Estás contente?

ADELIA.

Ainda não; para que heide eu mentir?... ainda não, porque... aquella altivez...

D. GUILHERMINA.

Aquella altivez hade dobrar o joelho diante do teu amor, e dos teus vinte e cinco annos.

ADELIA.

Olhe, mamã; tomara eu que elle saiba quem eu sou!... Ao menos obtinha um desengano.

D. GUILHERMINA, *est'atun'lo*.

Cala-te! vem gente.

SCENA II.

AS MESMAS E MARIA.

MARIA.

Minha senhora, está ali o Sr. Nogueira, e o Sr. Collares.

D. GUILHERMINA.

Mande entrar. (*Maria sahe.*)

ADELIA, *rindo.*

No meio de tanta poesia, lá vem o positivismo destruir tudo ! Um mestre de musica e um procurador.

D. GUILHERMINA.

Se vivessemos sempre com a poesia, minha filha, enlouquecíamos no fim de um anno.

SCENA III.

AS MESMAS, NOGUEIRA E COLLARES.

O primeiro vem vestido com elegancia, o segundo com certa affectação ridicula.

AMBOS, *cumprimentando.*

Minhas Senhoras !

D. GUILHERMINA, *com amabilidade.*

A musica e o commercio... e entrarão juntos ; é raro !

COLLARES.

Ha identidade, ³ minha senhora : uma causa prazer pelo ouvido, e o outro pela algibeira.

ADELIA, *rindo.*

Vem espirituoso o Sr. Collares!.. (*Com malicia.*) Que dia é hoje, Sr. Nogueira ?

NOGUEIRA.

Sexta-feira, minha Senhora.

ADELIA.

Dia do Senhor dos Passos : é muito milagroso aquelle Senhor.

COLLARES, *rindo contrafeito.*

Muito obrigado, Sra. D. Adelia!

ADELIA, *rindo.*

Não tem de que. (*Para Nogueira.*) Esqueceu-se da minha música?

NOGUEIRA.

Não, minha senhora.... (*Desenrolando uns papeis que traz na mão.*) Eil a...

ADELIA, *indo para o piano.*

Vamos ver. (*Senta-se ao piano.*)

D. GUILHERMINA.

O que é isso?

ADELIA.

E' uma Fantazia. O Sr. Nogueira apostou que era capaz de a tocar á primeira vista, mas tenho tão pouca confiança em mim, que estou certa de ganhar a aposta.

NOGUEIRA, *rindo.*

Veremos.

D. GUILHERMINA.

E o que apostarão?

ADELIA.

Eu uns versos compostos por mim para o album do Sr. Nogueira; e elle uma polka de composição sua. Veremos quem perde.

NOGUEIRA.

Hade ser V. Ex. ; apostava até a vida. (*Arranja-lhe a musica na estante.*)

ADELIA.

A vida?!... Não valia a pena. E se perdesse? o que havia de ser das suas discipulas, Sr. Nogueira?

NOGUEIRA, *sorrindo.*

Procuravão outro mestre.

COLLARES, *rindo.*

Sim, ha tantos....

ADELIA, *rindo.*

Do espirito passou a amabilidade l... Que boa disposição em que vem hoje o Sr. Collares.

NOGUEIRA, *mordendo o beijo.*

Quando V. Ex. quizer.

ADELIA.

Vamos.. Ai, a minha aposta! Deos queira que eu toque bem mal! (*executa a phantasia, e Nogueira volta-lhe a folha da musica.*)

COLLARES, *sentando-se proximo de D. Guilhermina.*

Estou ás suas ordens, minha Senhora.

D. GUILHERMINA, *sorrindo.*

Ah! espera que o interrogue? Então o que ha de novo? Soube alguma cousa?

COLLARES.

Nada, absolutamente nada.

D. GUILHERMINA, *contrafeita.*

Mal empregada interrogação? Tenho notado, Sr. Collares, que sendo V. S. tão activo nos meus negocios, parece mostrar pouca vontade, e direi até, uma certa repugnancia nestas indagações.

COLLARES, *perturbado.*

Minha senhora.

D. GUILHERMINA.

Se tivesse a bondade de me explicar o motivo.

COLLARES.

Mas... permitta-me V. Ex. que eu negue, em primeiro lugar, essa repugnancia: depois permita-me tambem que lhe observe, que a indagação de factos passados ha vinte e tantos annos não é das cousas mais faceis, minha senhora.

D. GUILHERMINA.

Com intelligencia e vontade tudo se faz Sr. Collares. Oiça. O senhor não é só meu procurador, é tambem... meu amigo.

COLLARES, *curvando-se*

Oh! minha senhora...

D. GUILHERMINA.

Tenho-lhe dado provas disso, e tenho-as também obtido do senhor. Por consequência devo fallar-lhe com franqueza. Hoje, Sr. Collares, não é só levada por uma especie de dever que me empenho tanto nas indagações de que o encarreguei: hoje até chega a ser uma necessidade do coração. Sabe muito bem a minha vida, Sr. Collares. Sabe que desde a mais tenra idade tenho sido infeliz, e que (parece incrível) sem crimes positivamente ditos, tenho vivido uma vida de remorsos.

COLLARES.

De remorsos?

D. GUILHERMINA.

Sim de remorsos: bem sabe todo o meu passado. Não acha pois naturalissimo que procure mitigal-os na velhice? Não lhe parece de justiça, que depois de tantos annos de expiação, eu deligencieie obter uma vida mais feliz?

COLLARES.

Mas V. Ex. considera felicidade o encontrar novamente esse homem?

D. GUILHERMINA.

Considero, sim, não o nego. Tenho tido tantos modos de pensar na minha vida, que só depois de muitos annos é que assentei definitivamente n'um.

COLLARES, *sorrindo.*

Isso é que é franqueza.

D. GUILHERMINA.

Repito, fallo-lhe como a um verdadeiro amigo. Amei aquelle homem; para ser sua mulher desobedecei a meu pai, e esta desobediencia causou-lhe a morte! O resultado foi em mim um desprezo profundo por tudo quanto me cercava, e um horror completo por tudo quanto foi motor daquella desgraça. Mas hoje, que já lá vão tantos annos, hoje penso de outra fórma. A culpada, a unica culpada na morte de meu pai, fui eu! Parece-lhe pois de justiça, Sr. Collares, que deixe

viver esse homem longe da sua patria, em terras inhospitas, talvez, e quem sabe se na miseria?! Não acha de justiça que eu dê um premio áquella resignação de tantos annos, áquelle exilio voluntario, de que só eu fui causa? Porque (sejamos francos) elle podia ou não, fazer valer os seus direitos? E' legalmente meu marido: podia.

COLLARES.

Mas, minha senhora, V. Ex. tem uma fortuna independente, a sua casa é vinculada...

D. GUILHERMINA, *sorrindo*.

Quando lhe disse que hia fallar-lhe como uma verdadeira amiga devia logo entender que não era meu procurador. Fallo-lhe agora do coração, não lhe fallo de dinheiro.

COLLARES.

Perdão, minha senhora, fallou-me tambem nos direitos do senhor seu marido por isso...

D. GUILHERMINA.

Depois, Sr. Collares, ha um motivo tão forte para eu deli-genciar saber delle!...

COLLARES.

Além da compaixão que lhe inspira essa resignação de que fallou?

D. GUILHERMINA.

Além disso, sim.

COLLARES.

Se V. Ex. se dignasse dizer-m'o....

D. GUILHERMINA.

Pois não advinhou?

COLLARES.

Não, minha senhora.

D. GUILHERMINA.

Pois não lhe disse já uma vez que esse homem tem em seu poder uma filha?! (*Com enthusiasmo.*) Uma filha, Sr. Col-lares! Quando eu tenho já tanto amor áquella (*indicando Adelia*) que me não é nada, o que seria se eu possuisse mi-nha filha! Oh! parece-me que morria com tauta felici-dade.

COLLARES, *contrafeito.*

De certo... Emsim, minha senhora. eu protesto-lhe pela vigesima vez que heide fazer todas as diligencias para a satisfazer.

ADELIA, *que tem acabado a phantasia.*

Então, Sr. Nogueira ?

NOGUEIRA, *sorrindo.*

Deve-me uns versos para o meu album, minha senhora.

ADELIA.

Então, toquei bem ?

NOGUEIRA.

Deliciosamente, minha senhora. *(Collares continúa a falar baix.) com D. Guilhermina.)*

ADELIA.

Não haverá exageração nessa classificação ?

NOGUEIRA.

Não, minha senhora ; a prova é que, como seu humilde creado, espero continuar a servit-a ; mas como mestre, peço a minha demissão.

ADELIA.

Que diz. Sr. Nogueira ? ... Não ouve isto, mamã ?

D. GUILHERMINA.

O que é ?

ADELIA.

O Sr. Nogueira que se despede !

NOGUEIRA, *sorrindo.*

De certo, minha senhora. Os meus serviços já lhe são inúteis, e não costumo receber nada indevidamente.

ADELIA, *zangada.*

Tal qual como o meu mestre de desenho !

NOGUEIRA.

É que realmente V. Ex. é um prodigio de talento !

ADELIA, *riudo.*

Os meus mestres, segundo vejo, fizeram uma conspiração para eu me tornar vaidosa. *(Continua a fallar baixo com elle.)*

COLLARES, *levantando-se.*

Pois, minha senhora, eu retiro-me, e..

D. GUILHERMINA, *riudo.*

Não. não o deixo sahir sem me dar a sua palavra de honra, que me vai tratar o mais activamente possível do meu negocio. *(Levanta-se.)*

COLLARES, *tomando uma resolução repentina.*

Sra. D. Guilhermina, as suas instancias collocão-me na restricta obrigação de lhe não occultar por mais tempo o que sei a tal respeito. Quiz deixal-a viver esperançosa, mas como mais dia menos dia devo dar-lhe uma decisão, vou dizer-lhe o que sei.

D. GUILHERMINA, *assustada.*

Esse tom!... Está a assustar-me! Pelo amor de Deos, explique-se.

COLLARES.

Perca as esperanças de tornar a ver seu marido, minha senhora.

D. GUILHERMINA, *tremendo.*

Porque?

COLLARES.

O que pude saber a seu respeito, mas desgraçadamente com toda a certeza, foi que embarcou a bordo da Fragata Santa Rosa com destino para a India. Passado o Cabo da Boa Esperança, nas alturas de Moçambique, a Fragata perdeu-se com toda a tripulação, a 16 de Março de 1835.

D. GUILHERMINA, *aterrada.*

E não se salvou ninguém?

COLLARES.

Não consta, minha senhora.

D. GUILHERMINA, *suffocada.*

Morto!!! e ella tambem! E quasi por minha culpa!!!

COLLARES.

Resigne-se, minha senhora ; não pense mais nisso ; já lá vão vinte annos.

D. GUILHERMINA *suffocada em lagrimas.*

Muito obrigada, Sr. Collares !.. (*Sahe rapidamente.*)

COLLARES, *a parte*

Bom ! Se não tenho a certeza, pelo menos tenho a possibilidade. Já é alguma cousa.

MARIA.

Minha senhora, está ali o alviçareiro que vem dar parte da chegada do Serra do Pilar. O Brigue entrou hoje ás 8 horas da manhã.

ADELIA, *muito alegre olhando para o relógio.*

É meio dia... Finalmente vou vel-o !.. (*A Maria,* Pague ao alviçareiro, Maria, e diga logo á mamã. (*Maria sahe.*) Desculpem, meus senhores ; vou dar esta boa noticia a quem, como eu, está no caso de a apreciar ! (*Sahe.*)

SCENA IV.

COLLARES E NOGUEIRA.

NOGUEIRA.

Quem esperarão ellas no Serra do Pilar ? Algum parente ?

COLLARES.

Creio que sim ; o pai da menina Adelia.

NOGUEIRA.

O Pai ? ! Pois não se diz por ahí que a Sra. D. Guilhermina é viuva ?

COLLARES.

E é de facto.

NOGUEIRA.

Não percebo.

COLLARES.

Aquella rapariga não é filha della. Educou-a e trata-a como filha, mas é tudo devido ao seu bom coração.

NOGUEIRA.

Ah! e o pai?...

COLLARES.

É um marinheiro rude e abrutado como todos, mas que teve a fortuna de conhecer a Sra. D. Guilhermina. Pelos modos o marujo traz de fôro umas terrinhas ali para a outra banda, e n'uma das occasiões de vir pagar o importe trouxe a pequena comsigo. A D. Guilhermina vio-a, gostou della, e tomou-a para casa.

NOGUEIRA.

Parece impossivel tanta intelligencia... direi até, tanto genio na progenie de um marinheiro.

COLLARES.

A natureza é caprichosa, meu amigo. Tenho visto desses phenomenos centos de vezes.

NOGUEIRA.

Fallando n'outro assumpto, Sr. Collares: será atrevimento perguntar-lhe quando se casa?

COLLARES.

Eu?

NOGUEIRA, *sorrindo.*

Essa admiração prova-me que foi falsa a noticia que me derão do seu proximo casamento com a sua constituinte.

COLLARES, *aparte.*

A cousa espalhou-se... bem! (*Alto.*) Mas com qual dellas?

NOGUEIRA.

Com a Sra. D. Guilhermina; asseverarão-me que casava com V. S.

COLLARES, *com fingida reserva.*

Vozes do mundo, meu amigo, vozes do mundo.

NOGUEIRA.

Ah! vejo que por ora foi indiscripção minha, fallar nisto...

COLLARES, *rindo.*

A indiscripção não foi commettida por V. S., foi o mundo

que a teve: e como todos nós sômos um atomo desse mundo, está no seu direito de me interrogar e eu de me callar. Mas só o que lhe digo, é que se a esta casa vem algum pretendente, parece-me que não sou eu: será antes esse Sr. Henrique Soares, com o seu milhão e meio e os seus modos afidalgados.

HENRIQUE, *dentro*.

Está bom, esperarei S. Ex. aqui.

COLLARES.

Fallae no mau...

NOGUEIRA.

Eu retiro-me; tenho motivos fortes para me não encontrar com elle. Até mais ver, Sr. Collares.

COLLARES.

Adeos, meu caro... (*Nogueira sahe.*) Ora vamos ver se comsigo saber deffinitivamente as intenções deste homem. Se forem as que suspeito... é na verdade um grande contra-tempo!

SCENA V.

COLLARES E HENRIQUE SOARES.

Entra vestido com primor e elegancia: cabello frisado, mas tanto este como o bigode já um pouco esbranquiçado. Traz na mão uns papeis.

SOARES, *apertando-lhe a mão*.

Ah! por cá, Sr. Collares!... Está no seu posto.

COLLARES.

Como no meu posto?!

SOARES.

Pois não! um general, o seu posto é á frente dos exercitos: um official de marinha, a bordo de um navio: um padre dentro de uma sege atraz de um caixão: um procurador o seu posto, é em casa dos seus constituintes.

COLLARES.

Bem : então estarei no meu posto.

SOARES.

Disserão-me que a Sra. D. Guilhermina se sentia um pouco encommoada ?

COLLARES.

Não é nada : creio eu : uma ligeira indisposição nervosa : V. S. vem ultimar definitivamente o seu negocio ?

SOARES.

O meu negocio ? Ah ! já sabe : vejo que, além de procurador, é tambem confidente.

COLLARES.

São honras que não mereço, mas que a Sra. D. Guilhermina se digna conceder-me.

SOARES, *sentando-se*.

E de que o senhor é realmente merecedor. Pois, é verdade, venho disposto a concluir definitivamente a transação. Trago as inscrições... Sabe para que ?

COLLARES.

São tanto os negocios desta senhora que chego ás vezes a confundil-os.

SOARES, *sorrindo*.

Admira ; um procurador.

COLLARES.

Confundil-os... á primeira vista, entenda-se. Mas depois reflectindo um bocado... Por exemplo, a respeito do seu negocio : V. S. comprou ha pouco tempo uma quinta que está situada nas costas de uma herdade desta senhora. Pretende que ella lhe subrogue essa herdade por inscrições da Junta do Credito Publico, e V. S. oferece um conto de réis de luvas. Não é isto ?

SOARES, *fingindo admiração*.

Que prodigio de memoria ! E' isso mesmo.

COLLARES, *aparte*.

Elle está a zombar comigo... Espera ahí que eu te arranjo !
(*Alto.*) A sua admiração faz-me admirar a mim ! Pois é para
extranhar que eu saiba tudo, absolutamente, tudo que se
passa nesta casa ?

SOARES.

E' verdade, ou se é procurador ou não.

COLLARES, *deligenciando sorrir*.

Ora, Sr. Soares, o senhor hade ter poucos amigos.

SOARES, *rindo*.

Creio até que não tenho nenhum. Mas porque diz isso ?

COLLARES.

Por essa sua zombaria constante para tudo, e para todos,
Desejava saber o que ha de serio no mundo para o senhor ?

SOARES.

O que ha de serio ? Não percebo bem : se quizesse emen-
dar a redacção ?

COLLARES.

Pergunto o que será capaz de lhe inspirar attenção e se-
riedade.

SOARES.

Ah ! percebo agora. Só uma cousa.

COLLARES.

O que é ?

SOARES, *muito serio*.

Os ciumes de um velho.

COLLARES, *estremecendo*.

Os ciumes de um velho !... Ora essa.

SOARES.

Sim ; pois ha nada mais respeitavel e digno de serias
attenções ?

COLLARES, *passeando*.

Creio que V. S. não quer fazer allusões ?

SOARES.

Ora essa !... A ninguem absolutamente. Fallo na generalidade. Um homem respeitavel pela sua idade e intelligencia em negocio de tribunaes, frequenta a casa de uma viuva rica. Namora-se della e dos seus contos de réis. Mas o diabo que sempre gosta de fazer das suas, de que se hade lembrar? De introduzir em casa da viuva um homem que vai lá com outros fins, mas que involuntariamente inspira um ciume parvo no ancião apaixonado. Este começa então a expender publicamente a sua opinião a respeito do supposto rival. Diz que duvida da sua fortuna... balofa; e diz isto aonde? na Praça, Sr. Collares, na Praça do Comercio! O que lhe parece, heim?

COLLARES, *atrapalhado*.

É exquisito, é.

SOARES.

Exquisitissimo, pois não acha? Depois volta-se para a senhora de quem vive namorado, e diz-lhe cousas atrozes do outro. (Quando digo atrozes, olhe que sublinho o adjectivo.)

Diz-lhe que uma vida de decepções, de orgias, e talvez de pequenos crimes, fizera encaecer a cabeça do seu rival, que conta apenas trinta e oito annos. Ora, esta senhora, que tem mais juizo que o apaixonado ancião, conta isto na Philarmónica a uma pessoa que o veio dizer ao intrigado. Este, que tem por costume rir-se de tudo e de todos, encontra o ancião, dá uma gargalhada, e diz-lhe: O senhor... é um parvo.

COLLARES, *pondo-se na ponta dos pés*.

Sr. Soares?!

SOARES, *com socego*.

O que é, Sr. Collares?

COLLARES, *passeando agitado*.

Admira-me que n'uma sala, em casa de uma senhora respeitavel, hajão destas provocações tão... tão ordinarias para homens de bem.

SOARES, *levantando-se e sorrindo*.

A que chama o senhor, homens de bem, Sr. Collares?

COLLARES.

Aquelles com quem tenho a honra de lidar geralmente, e

que não proferem as expressões que V. S. se digna dirigir-me.

SOARES.

Não me agradou muito a explicação, Sr. Collares; ou, por outra, não a comprehendí perfeitamente. Se tivesse a bondade de me fazer melhor definição.

COLLARES, *desabrido*.

Definição de que, do homem de bem?

SOARES.

Justamente.

COLLARES, *com certa ironia*.

Defina-o o senhor, que parece ser mais philosopho que eu.

SOARES.

Eu lhe digo, Sr. Collares, e peço-lhe que se não zangue, porque realmente não vale a pena. Li ha pouco tempo (não me lembra onde) nma especie de figura allegorica deste nosso seculo; era assim: de um lado o ouro e o egoismo; do outro a baixeza e a immoralidade; e no centro a ignorancia, a ambição e a soberba de mãos dadas e coroadas de flores.

COLLARES, *impaciente*.

Bonito quadro.

SOARES.

Bem feita allegoria, é que o senhor deve dizer. Ora um seculo caracterisado por esta fórma, parece-lhe que possa produzir tantos homens de bem, quantos os que se apregoão como tal? E' um engano. Hoje o mundo está cheio de uma aluvião de tratantes, que se sandão e abração pela frente para com mais facilidade se morderem e atravessarem por suas costas, sempre com a amabilidade e delicadeza de homens de bem. No mundo destes homens chama-se experieza e habilidade ao roubo, e á má fé; negocio á usura, religião á hypocrisia, justiça á chicana, sciencia á impostura, diplomacia á intriga; grandeza d'alma á ostentação, amizade ao servilismo; paz de espirito á preguiça, firmeza de character á deshumanidade.... enfim, crime á virtude, e virtude ao crime. Ora aqui tem como se pensa no mundo dos homens de bem .. como V. S.

COLLARES.

Sr. Soares!!!

SOARES, *um pouco serio.*

Pedi-lhe que se não zangasse, e como o vejo pouco disposto a satisfazer-me vou fallar-lhe com mais franqueza. O senhor por motivos que já lhe explico, deligenciou desacreditar-me no conceito desta senhora. Pela antipathia com que se digna honrar-me, diz mal de mim como faria qualquer mulherinha, por toda a parte onde entra, e onde me conhecem. O senhor vê que a Sra. D. Guilhermina honra-me com a sua estima e confiança assim como ao senhor. Porém como da minha parte ha unicamente a sympathia, e da de V. S. ha um calculo indigno e repugnante.

COLLARES.

Sr. Soares !

SOARES.

Deixe-me dizer o resto ; já agora ouça a cunclusão a que pretendo chegar. E' procurador da Sra. D. Guilhermina. Tem-lhe complicado de tal fórma os seus negocios, tem-se-lhe apossado por tal maneira do seu espirito cançado pelo soffrimento (ignoro-o qual seja, mas vejo-o) que quando essa senhora conhecer as vistas de V. S. será já muito tarde. V. S. então pede-lhe formalmente a mão de esposa, e eis a pobre senhora na colisão de, ou casar com o senhor ou ver-se envolvida n'uma serie de demandas e negocios, que não comprehende, e que acabarão por empobrecel-a.

COLLARES.

Ora, Sr. Soares, que faça de mim esse conceito vá, mas que faça da Sra. D. Guilhermina uma idiota...

SOARES.

Perdão, não faço. Faço-a uma infeliz crente nas palavras do homem de bem. Tão crente, que lhe tem dado procurações sem limites, authorisações assignadas em branco.

COLLARES, *colerico.*

Mas, finalmente, o que tem o senhor com isso ?

SOARES.

Ah! chegamos á conclusão. Nada, absolutamente nada. *(Com severidade.)* Mas quero, exijo, e ordeno-lhe que, diante de mim pelo menos, não torne a enxovalhar o nome de homem de bem ! Percebeu, Sr. Collares ?

SCENA VI.

OS MESMOS E ADELIA.

ADELIA,

O' Sr. Collares, a mamã... (*Vendo Henrique e estreme-cendo.*) Ah!... (*Comprimentando-o.*) Sr. Henrique Soares...

SOARES.

Minha senhora...

ADELIA, *a Collares.*

A mamã manda-lhe pedir o favor de chegar á sala grande.

COLLARES.

Eu vou.

SOARES.

O' Sr. Collares, tem a bondade de lhe dizer que estou eu aqui...

COLLARES, *tocando uma campainha, aparte.*

Que te leve o diabo (*A Maria que entrou.*) Diga a S. Ex. que o Sr. Henrique Soares pretende fallar-lhe. (*Para Adelia*) Com licença, minha senhora. (*Sahe, Maria segue-o.*)

SOARES, *rindo.*

Ah! ah!... Este homem é parvo.

SCENA VII.

ADELIA E HENRIQUE SOARES.

ADELIA, *muito admirada.*

Mas o que foi isto, Sr. Soares?

SOARES, *sorrindo.*

O que V. Ex. viu, minha senhora; uma sensaboria do Sr. Collares.

ADELIA.

Tenho notado que VV. SS. parecem antipathisar fortemente.

SOARES, *sorrindo*.

E que lhe heide eu fazer, minha senhora, são infelicidades minhas, a que não ligo a mais pequena importancia.

ADELIA.

E eu julgava que sempre merecia alguma ; qualquer sentimento que inspirassemos fosse a quem fosse.

SOARES.

Tambem já assim pensei, minha senhora ; mas depois que vi a maior parte dos homens inverterem constantemente as minhas acções, e os meus pensamentos, formando quasi sempre juizos errados e pouco favoraveis á minha pessoa, entendi que devia viver neste doce prazer de não ligar importancia a taes juizos, e rir-me de tudo, e de todos.

ADELIA, *sorrindo contrafeita*.

De todos ?

SOARES.

Exceptuando aquelles que, pelas suas indoles e corações, estão acima do vulgar do mundo.

ADELIA.

De fórma que o Sr. Soares não tem amigos.

SOARES.

Se os tenho, minha senhora, escondem-se por tal forma de mim, que nem os conheço.

ADELIA.

É porque V. S. naturalmente tambem não é amigo de ninguem ?

SOARES.

Ha só duas pessoas no mundo a quem hoje estimo com o maior interesse, respeito e veneração : V. Ex.^a e sua mãl.

ADELIA, *alegremente*.

Se eu pudesse acreditar-o ! Se pudesse ver nessas suas pa-

lavras, em vez de um cumprimento lisongeiro, uma verdade do coração...

SOARES, *muito serio.*

Dou-lhe a minha palavra de honra, que ha muito tempo não digo o que sinto com tanta verdade como agora. E para melhor lh'o provar, vou patentear-lhe a minha alma como o faria a meu pai se ainda vivesse. Porém, para haver franqueza da minha parte, é preciso que V. Ex.^a se não negue a dizer-me o juizo que fórma de mim....

ADELIA, *sentando-se.*

Com todo o gosto. O Sr. Soares não crê em nada. Por essa mauiã que hoje predomina nos homens de intelligencia ou talvez tambem resultado de grandes desgraças, o Sr. Soares fez-se aquillo a que o mundo chama sceptico... Não é verdade ?

SOARES.

Não, minha senhora. Os scepticos modernos (em geral, os homens mais crentes do mundo.) são tantos, que aborrecendo eu tudo quanto é vulgar, não posso entrar no seu gremio. Sceptico não sou, minha senhora, tenho crenças, e tão fortes, tão inabalaveis que se não fossem ellas ; vivendo como vivo, só, sem parentes, e sem amigos, já teria morrido de hypicondria, como qualquer inglez com o seu nacional spleen.

ADELIA, *sorrindo.*

Mas então a que heide eu attribuir esse desprezo profundo pela humanidade ?

SOARES.

A um unico facto que me deu a conhecer o que são a maior parte dos homens do novo seculo.

ADELIA.

Estou morta por saber esse facto.

SOARES, *sentando-se proximo da mezinha onde está o album de D. Guilhermina.*

Eu lh'o digo, minha senhora. Fui pobre porque de gente pobre nasci. A' custa de grandes sacrificios de meu pai (pobre empregado publico) deligenciaei assegurar um futuro á minha subsistencia ; despido de recursos, falto de relações, e consequentemente de empenhos, completei o curso de uma

arma scientifica, mas desde que comecei a exercer a minha profissão fui sempre preterida nas consas mais insignificantes da vida militar. Continuei pois a viver pobre, e por consequencia desprezado. Se, para manter meu pai n'uma longa enfermidade de que morreu, eu me chegava a um que se dizia seu amigo, e lhe pedia um favor, ouvia logo uma recusa, baseada em frivolidades, que me revoltavão. Se pedia ao agiota um adiantamento aos meus mesquinhos salarios, além de litteralmente me roubar, parecia dar-me uma esmola, acompanhada do thecnico « ora vá lá que isto não se faz a todos!» Se depois de exhaustos os meus ultimos recursos, meu pai continuava doente, e eu invocando a caridade daquelles que se dizem seus amigos, lhes mostrava as nossas tristes circumstancias, aconselhavão-me a embarcar, porque melhor soldo percebia, e que deixasse meu pai para ali ao desamparo! Houve até um, minha senhora, que se lembrou de aconselhar a entrada de meu pai para o hospital.

ADELIA, *com tristeza.*

Bem me dizia o coração que o Sr. Soares tinha sido infeliz toda a sua vida!

SOARES, *com tristeza.*

Muito infeliz, minha senhora, e verdadeiramente ainda o sou!... *(Fica pensativo.)*

ADELIA, *aparte.*

Cada vez me interesso mais por elle!... Decididamente o seu riso constante é uma mascara com que encobre os desgostos do coração.

SOARES.

Vivi assim muito tempo, até que vendo algumas melhoras em meu pai, resolvi-me a embarcar. Por um acaso singular, depois de algum tempo, fiquei possuidor de uma fortuna. Tornei para Portugal e achei-me... *(commovido)* achei-me só no mundo! Meu pai tinha peorado na minha ausencia, e morrido.... no hospital!...

ADELIA, *com terror.*

Ah!

SOARES.

E isto, minha senhora, com parentes, que o podião soccorrer, mas para quem a miseria quebrou os laços de sangue! Em poucos mezes soube-se que eu era rico, riquissimo. Então

mudarão-se as scenas completamente. A minha casa enchia-se de parentes e de amigos!... O servilismo, a baixeza, e a hypocrisia, presidião aos meus jantares, como d'antes presidia a miseria! Revoltado por tanto cynismo, fechei as minhas portas a todos. Mesmo assim, ainda aquellas linguas damnadas e aquelles caracteres repugnantes vem ás vezes ferir-me no meio do meu socego domestico. Se por um resto de sensibilidade que me deixarão, procuro ás vezes mitigar a miseria que já conheci tão de perto, lá vem o mundo com a sua lingua viperina, classificar de ostentação aquillo para que me impelle a caridade. Se me esconde, o mundo descobre-me, se me descubro o mundo calunha-me! N'uma casa, por exemplo, onde a virtude e o trabalho são inseparaveis: morre o chefe desta casa, e ficão duas orphãs com sua pobre mãe reduzidas á miseria. Vou lá, procuro mitigar aquella desgraça, como eu desejaria que me tivessem mitigado a minha... mas lá vem o mundo ranbar-me este prazer com os seus juizos infames; que importão uma deshonra para as minhas protigidas! Souo lhes a vida, o mundo diz que lhe rouba a honra!.. Enfim, minha senhora, alguém que me houvisse havia certamente extranhar semelhantes confidencias feitas a uma menina da sua idade, mas como tenho conhecido a sua elevada intelligencia, e sobre tudo o desejo ardente de que me faça justiça, e me não considere tão máo como pareço, isso me obriga a ser talvez franco em demasia. Sou bem, minha senhora, o mundo é que me faz máo com os seus exemplos, com a sua perversidade. Acredita-me, não é assim?

ADELIA, *com certa commoção.*

Acredito; e muito mais agora que pela orimeira vez lhe descubro um vislumbre de sensibilidade. Não faz idéa do prazer que isso me causa!

SOARES.

Segue-se que se interessa por mim?

ADELIA, *machinalmente.*

Muito!.. *sorrindo*) Mas não vá agora julgar que é pela sua posição, pela sua riqueza... Não me confunda com esses de quem fallou ha pouco.

SOARES.

Oh! minha senhora! era confundir o céu com a terra, os anjos com os demonios. Não, minha senhora, já lhe disse que são as unicas pessoas que respeito e estimo: V. Ex. e sua mãe.

ADELIA, *sorrindo.*

E quem lhe assegurou que fôssemos dignas dessa excepção, Sr. Soares ?

SOARES.

Disse-m'ò o coração, minha senhora ; V. Ex. é quem mesmo, sem o saber, me tem segurado á beira desse precipício onde mora o scepticismo.

ADELIA, *perturbada.*

Eu ?

SOARES.

Sim, minha senhora, as minhas crenças, as minhas unicas, mas inabalaveis crenças, tenho-as em V. Ex.

ADELIA.

Mas que crenças ?

SOARES.

Duas ; tão suaves, de tanta ventura, que se as perdesse... morria !...

ADELIA.

Assusta-me, Sr. Soares !

SOARES, *pondo a cadeira no seu lugar.*

Minha senhora, não sou homem versado em galanteios de sala, sou franco e decisivo. As duas crenças de que lhe fallo são estas : creio que V. Ex. é um anjo de bondade, de pureza, e de amor... creio que veio ao mundo para minha felicidade ; por consequencia atrevo-me a pedir-lhe a sua mão !

ADELIA, *levantando-se muito perturbada e tremula de alegria.*

Então... o Sr. Henrique Soares... ama-me ?

SOARES.

Quanto se pôde amar com um primeiro amor ! Seria tyrannia o fazer-me perder as duas crenças que ainda tenho.

ADELIA, *com dignidade.*

Sr. Soares, aprecio mais que ninguem o pedido que me dirige ; porque se considera uma felicidade o ser meu marido, tambem eu vejo neste casamento um futuro venturoso para

mim. Não sei o que sinto pelo senhor, e receio enganar-o se lhe disser que o amo.

Ah !
SOARES, *com tristeza.*

ADELIA.

Receio enganar-o, porque nunca tive ninguém que me definiu o amor. *Rindo.* Creio que isto deve satisfazer-o até muito... Porém se o amor é uma extrema dedicação, um pensar constante, uma sympathia pronunciadíssima por qualquer pessoa, então, Sr. Heurique Soares, explicando o amor assim, posso-lhe jurar... que também o amo.

SOARES, *pegando-lhe na mão.*

Visto isso não me rouba as minhas crenças, não ?

ADELIA.

Peça a minha mão a quem tem direitos sobre mim, e verá que, em vez de lh'as roubar, heide arreigal-as cada vez mais.

SOARES, *ajoelhando e beijando-lhe a mão.*

Pela primeira vez que conheço o que é a verdadeira felicidade !

SCENA VIII.

OS MESMOS E COLLARES.

COLLARES, *entrando, á parte.*

Olá !...

ADELIA, *vendo-o e recuando.*

Ah !

SOARES, *levantando-se e chegando-se a Collares com muita placidez.*

Vio ?

COLLARES, *muito atrapalhado e ao mesmo tempo alegre*

Essa e boa !... eu... sim, não me importa...

SOARES, *com ironia.*

Vai mais descansado.

COLLARES, *riundo parcamente.*

Decididamente o senhor é o homem de mais espirito que eu conheço. Julguei que era a mãe que o senhor...

SOARES.

Enganou-se, e espero que continuará a enganar-se.

COLLARES, *aterrado.*

Que quer V. S. dizer?

SOARES.

Depois o saberá. *(Desce até junto de Adelia.)*

COLLARES, *a parte.*

O homem cuida que a rapariga é filha da outra, e hade fazer todo o passivel para evitar o meu casamento, com o sentido no dinheiro da casa. É preciso desengana-lo. *Alto desce, do um pouco a sce. a* Sr. Soares, a Sra. D. Guilhermina está ali na sala : quando V. S. quizer.

SOARES, *secamente.*

Sim, senhor.

COLLARES.

Depois, se tivesse a bondade de esperar-me em sua casa .. tenho cousas tão sérias a communicar-lhe...

SOARES.

Esperal-o-hei amanhã até ao meio dia.

COLLARES.

Muito bem. *(Comprimentando)* Sra. D. Adelia.

ADELIA, *cumprimentando.*

Sr. Collares .. *(Para Soares)* A mamã espera-o, Sr. Henrique.

SOARES.

Eu vou, minha senhora. *Aperã lhe a mão e dirige-se para a sala.*

COLLARES, *que chegou ao uido e voltando á scena.)*

Muitos parabens, Sra. D. Adelia... Abi vem seu pai! *(Sahe.)*

ADELIA, *correndo ao fundo.*

Ah!!!

SOARES, *parando, a parte.*

Seu pai!!?

MANOEL ESCOTA.

Ora até que dei fundo!!...

ADELIA, *laçando-se-lhe nos braços.*

Meu querido pai!! *(Ficão abraçados e sem poderem fallar.)*

SOARES, *aparte.*

Seu pai?!? A mãe viuva!... Pois também me enganarla com esta gente!! *Suhe.,*

SCENA IX.

ADELIA E MANOEL ESCOTA.

Está muito mais encanecido e traz o uniforme de guardião da armada.

MANOEL, *deseñçando-se-lhe dos braços e chorando.*

Com os diabos! Isto é que se chama uma verdadeira avaria na alma! Estou a fazer agua pelos olhos, como quaesquer negreiro a quem se atirou ao lume d'agua!

ADELIA, *sempre agarrada a elle.*

Venha cá, meu pai; sente-se aqui!.. Parece-me impossivel vel-o ao pé de mim! E está mais nutrido!.. mais bonito!..

MANOEL, *sentando-se n'uma poltrona e admirando-se do elastico.*

Olha lá!... Vai-se abaixo com o balanço.

ADELIA, *sentando-se ao pé d'elle e pegando-lhe na mão.*

Então a que horas chegou, meu pai? Demorou-se tanto.

MANOEL, *embusbarado para ella.*

Seu pai!... Parece-me assim a modos de cantiga ter uma filha tão *liró*, tão bonita, tão ...

ADELIA.

Tão crescida, não estou ?

MANOEL, *ainda quasi chorando.*

Eu sei lá o que to estás !... Parece-me uma N. S. da Bonança, como cá a gente imagina vel-a, no meio das tempestades!...

ADELIA.

Oh! não diga isso meu pai!

MANOEL.

Se não és parecida com ella pelo menos tens a cara d'um dos anjos pequeninos que lhe prantam aos pés. *(Levantando-se e abraçando-a freneticamente.)* Ora, a minha querida filha!!!

ADELIA.

Então por onde andou, meu pai? Uma viagem de dois annos e meio.

MANOEL.

Eu sei lá, filha: andei por onde não anda a rapoza, e por onde eu tenho andado mais de vinte vezes.

ADELIA.

Cá recebi a sua cartinha em que me mandava dar parte da sua promoção a... A que meu pai?..

MANOEL, *mostrando-lhe seu uniforme.*

Pois não vês?

ADELIA, *sorrindo.*

Eu entendo lá disso.

MANOEL.

Tens razão não me alembrava que cá entre esta gente... Pois saberás que sou Guardião.

ADELIA.

Quer dizer que já governa?

MANOEL.

Alguma coisita vamos andando. *(pasmado outra vez para*

ella.) Mas como tu estás cada vez mais liró!... Dão-te *dom heim*? (*Comprimentando-a.* Sra. D. Adelia!... Adelia!... Olha que também a patrôa sempre te *prantou* um nome bem arvezado.

ADELIA, *descontente.*

E' feio meu pai?!

MANOEL, *tornando a abraçar-a.*

Póde lá ser feio se é teu! Olha, não sabes? Trago-te um papagaio cinzento que falla que tem diabo!... Hasde gostar muito delle; não é bicho de más palavras, nem que morda nimguem! Aquillo é o que alli está.

ADELIA, *rindo.*

Muito obrigada, meu pai. Tomara eu já vel-o.

MANOEL.

Ficou lá na alfandega com as outras cousas para despachar: logo cá t'o mando. Mas aonde está a patrôa, que lhe quero também dar um abraço?

ADELIA.

Pelo amor de Deus não a vá interromper agora?

MANOEL.

Está rezando?

ADELIA.

Não meu pai, está conversando com... (*baixando os olhos*) com o meu noivo.

MANOEL.

Com o teu noivo?

ADELIA.

Sim, meu pai, hoje mesmo hade pedir-me... e... ao papá também.

MANOEL.

A mim!... (*Aparte.*) Olha lá!... Isto agora é que está o diabo!... Mais um enganado. (*Alto.*) Mas então... quem é elle? quem é o maganão que quer ser o immediato n'esse lindo Bergantim?

ADELIA.

E' um homem rico de dinheiro, e de boas qualidades.

MANOEL.

E' *home* assim cá dos meus.

ADELIA, *baixando os olhos.*

Meu pai... elle.. sim, quero dizer....

MANOEL.

Não te prantes a mascar, filha! Falla-me lizo e sem rodeios que me não envergonhas. Não é dos meus heim? E' algum *liró*, todo catita, e abonecrado!.. De capa, filha! Olha lá não vás para ahi topar com algum banco de areia que dê cabo dessa embarcaõsinha, que tanto me custou a armar! Toma cuidado filha!

ADELIA.

Em o papá o vendo, estou certa que hade logo sympathisar com elle.

MANOEL, *com seriedade.*

E cá a patrôa é ouvida e achada nesse namorico?

ADELIA.

A mamã? A mamã até morre por elle.

MANOEL.

Bem, então.... casa lá... Mas eu sempre quero cá experimental-o primeiro... Heide fazel-o navegar em diferentes rumos, e se me fôr fiel às manobras.

ADELIA

Hade ser papá, hade ser. (*Aparte.*) Deos permitta que elle não ache ridiculo n'esta franqueza de marinheiro, será mais uma fórmula de eu avaliar bem o seu amor. (*Alto.*) Olhe, papá quer ver o retrato delle?

MANOEL.

Vamos lá a ver se pela *phisolomia* eu tiro algumas *osservações*. A's vezes lá no mar pela mastreação é que se conhece as tenções de quaesquer navio que nos apparece pela pôpa.

ADELIA, *que tem ãido buscar o album.*

Ora veja.

MANOEL, *observando o retrato.*

Olha lá! e *haveza* bigodes retrocidos!.. (*Reparando bem.*)
Ora espera!....

ADELIA.

O que é papá.

MANOEL.

Má raios me partão, se eu...

ADELIA.

Credo papá! Não pragueje tanto.

MANOEL.

Tens razão. Os diabos me levem.

ADELIA.

Outra vez!..

MANOEL.

Ai! tens razão! (*Reparando melhor no retrato.*) E' o que eu digo! Tubarões me trinquem, se eu não conheço esta cara d'algures.

ADELIA.

Conhece-o?

MANOEL.

O mais que conheço é tudo! Elle é *home* do mar?

ADELIA.

Não senhor... que eu saiba não.

MANOEL, *espantado.*

Então tu ainda não sabes que modo de vida tem o teu noivo, rapariga?!.. Mão!.. mão!.. Vai torta... que é moda nova que cá vim achar!

ADELIA.

Sei que é rico, honrado, bom de coração, e que me ama... que mais heide eu saber... Que mais preciso?

MANOEL.

Bem... veremos... Já não saio d'aqui sem vir á falla com elle. (*N'outro tom.*) Vamos nós a saber, ó rapariga... estás muito adiantada lá n'aquella brincadeira? (*Indicando o piano.*)

ADELIA, *sorrindo.*

Vou mostrar-lhe o meu adiantamento. (*Derige-se para o piano.*)

MANOEL, *seguinto-a.*

Tu d'antes quando éras petiza, tinhas um geito para a musica, que era cousa de pasmar! Ouvias quaesquer cantiga uma vez e... Alembra-te quando eu á noitinha, sentado na praia, contigo ao collo te ensinava....

ADELIA, *radiante de alegria.*

Se lembro, papá. Era eu tão pequenina!

MANOEL.

Alembra-te d'uma cantiga cá dos *homes* do mar, e que já tu aldrabavas que era mesmo um rizo ouvir-te! Alembra-te?

ADELIA, *com certa malicia.*

Vamos ver, papá! (*Sentou-se ao piano e canta o seguinte a meia voz, e com certa expressão de saudade e ternura melancolica.*)

Triste vida a do marujo!
Qual dellas a mais cançada!
Por'mor da triste soldada,
Passa tormentos. (*Bis.*)
Dom, dom.

MANOEL, *embasbacado com as lagrimas nos olhos e profundamente commovido.*

A cantiga do maritimo!.. Ai filha. Que até parece que sae o coração do peito atraz dessa cantiga.

ADELIA, *continuando sempre com certa melancolia.*

Andar á chuva e ao vento,
Quer de verão quer de inverno;
Que parece o proprio inferno,
Com as tempestades. (*Bis.*)
Dom, dom.

MANOEL, *cantando a terceira copla com a voz tremula pela commoção.*

As nossas necessidades,
Nos obriga a navegar;
E a passar tempos no mar,
E aguaceiros. (*Bis.*)
Dom, dom.

SCENA X.

OS MESMOS, HENRIQUE E D. GUILHERMINA.

*Entrão sem serem vistos pelos dois e conservão-se ao fundo.*ADELIA, *cantando.*

Passão-se dias inteiros,
Sem se poder cosinhar ;
Nem tão pouco mal assar
Nossa comida. (*Bis.*)
Dom, dom !

HENRIQUE, *em quanto Adelia canta, baixo para D. Guilhermina e commovido.*

Estou vendo passar diante dos olhos da alma todas as scenas da minha juventude ! Oh ! que saudade !

ADELIA, *continuando.*

Arrengo eu de tal vida
Que nos dá tanta canceira !
(*Abaixando mais a voz com certa malicia de vergonha.*)
Sem a nossa bebedeira,
Nós não passamos. (*Bis.*)
Dom, dom !

MANOEL, *continuando.*

Quando descançado'stamos,
No rancho a socegar ;
Então é que ouço gritar
O' leva arriba...

HENRIQUE, *não se podendo conter já, e acabando a copla.*

Oh ! leva arriba
Dom, dom !

MANOEL, *limpando as lagrimas apressadamente e voltando-se.*

Lestro a virar que tenho home do mar pela pôpa ! (*Vendo os dois.*) Ora senhor... (*Para D. Guilhermina.*) Ora viva, a minha patrôa. (*Reparando melhor em Henrique.*) Olha lá !.. Mas quem elle é ?

HENRIQUE, *reconhecendo e correndo para elle.*

O' Manoel Escota!!!

MANOEL, *espantado.*

O' Sr. Aspirante Soares!!

HENRIQUE, *abrindo os braços.*

A' abordagem, meu velho!

MANOEL.

Orça a barlavento, e arriba, commandante! (*Lança-se-lhe nos braços suffocado em lagrimas de alegria.*)

ADELIA, *baixo para D. Guilhermina.*

Que quadro mamã!

D. GUILHERMINA.

Não me enganou o meu presentimento vês? O teu noivo e teu pai... alli os tens abraçados!

ADELIA.

O que faria eu a Deus para ser tão feliz!

MANOEL, *largando Henrique.*

Mas... V. S. vivo.. Como foi isto?

HENRIQUE.

E o Senhor?

MANOEL.

Vá!... vá de ceremonias! O Senhor? Olhe que eu sou o mesmo! Mas como diabo!... Já lá vão perto 20 annos que aquella pobre Fragata... Olhe que era um bonito barco, *Sor Henrique!*... Mas como demonio se salvou V. S.

HENRIQUE.

Agarrado á verga do Traquete, que foi o que achei mais á mão. Passou de madrugada um navio sueco, e recolheu-me.

MANOEL.

Home! Não é feio! E eu agarrado á verga do joannette grande! Andei toda a noute de molho e pela manhã achei-me n'uma praia em Moçambique. Ora esta.

D. GUILHERMINA.

Então naufragarão ambos ?

HENRIQUE.

Sim, minha senhora ; em 1835, a 16 de Março ?

D. GUILHERMINA, *estremecendo.*

A 16 de Março de 1835.

MANOEL.

Nem mais nem menos ; é verdade ! Que marsinho aquelle *Sor Henrique* ! Que sudoeste !...

D. GUILHERMINA, *anciosa.*

E... em que navio... naufragarão ?

MANOEL.

Na pobre fragata Santa Roza. Deus lhe falle n'alma, coitada !

D. GUILHERMINA, *sentando-se na cadeira visivelmente encommoada.*

A fragata Santa Roza !....

ADELIA, *correndo para ella.*

Que tem mamã ? !

HENRIQUE.

Sente algum encommodo, minha senhora ?

D. GUILHERMINA.

Não é nada, uma vertigem... creio eu. Mas, disserão-me que foi a bordo da Fragata Santa Rosa que...

MANOEL.

Lindo vaso de guerra aquelle, heim *Sor Henrique* ? E o pobre Commandante, aquelle velhote, que era tão bom *home*.

HENRIQUE, *que ficou pensativo.*

É verdade !

MANOEL, *com malicia ingenua, dando-lhe com o cotovello.*

O' *Sor Henrique* !... E o seu amigo-Immediato, heim ? Coi-

tado ! Deos lhe falle n'alma tambem, apesar de andar sempre de entiqueta com V. S.

D. GUILHERMINA, *deligenciando socegar.*

E... digão-me... a bordo desse navio não hia um passageiro com uma creança... filha delle?...

MANOEL.

Ora, se ia : um judeu chamado Jacob.

D. GUILHERMINA, *estremecendo.*

Ah !

HENRIQUE, *estremecendo, a parte.*

Meu Deos ! sempre este remorso !... Mas... de que, se elle morreu ? ! (*Fica novamente pensativo.*)

D. GUILHERMINA.

E esse homem... seria tambem victima ?

MANOEL.

Pois então, coitado : elle tinha lá animo, como nós, para se agarrar a alguma cousa !

D. GUILHERMINA.

E a creança que levava consigo... uma filha, creio eu, tambem morreu no naufragio ?

MANOEL, *aparte.*

Mão ! mão !... Cuidado, *Sor Manoel !... (Alto, balbuciando)* Essa... sim, era uma pequerruchita de cinco annos... (*Repen-tinamente voltando a cara*) Tambem morreu, sim senhor. (*Aparte*) Ui, que menti como um moiro !

HENRIQUE.

V. Ex. conhecia o tal viajante, Sra. D. Guilhermina ?

D. GUILHERMINA, *com um sorriso de tristeza.*

Conheci perfeitamente.

HENRIQUE.

E sabe se esse homem tinha parentes ?

D. GUILHERMINA.

Não tinha nenhum.

HENRIQUE, *como livre de um peso.*

Ah!... (*Aparte*) Decididamente não roubei serão o mar.

D. GUILHERMINA, *para Manoel.*

Então com toda a certeza, esse homem morreu... com sua filha?

MANOEL, *a parte.*

Outra vez!.. E a modos que ella olha assim para mim como quem não quer engolir a peta!... (*Alto*) Eu creio que sim... (*Atrapalhado*) Apesar que ouvi dizer... sim, que a filha...

D. GUILHERMINA, *levantando-se arrebatadamente.*

O que?!...

MANOEL, *aparte.*

Ai, ai, que lá vai tudo com os diabos!... (*Alto*) Sim... quero eu dizer que..

D. GUILHERMINA, *muito anciosa.*

Está tão perturbado, Sr. Manoel!! Que tem?... Pelo amor de Deos! falle!

MANOEL, *muito atrapalhado.*

Quero dizer... sim... (*Aparte*) Ella já percebeu que estou a mentir como um cão!...

D. GUILHERMINA, *agarrando com um tremor febril na mão de Manoel.*

Então essa creança?!... essa creança?...

MANOEL.

Essa creança... (*com um grande esforço*) está viva...

D. GUILHERMINA, *recuando radiante de alegria.*
Viva!!!

HENRIQUE, *estremecendo e a parte.*

Uma herdeira!! Estou perdido para a minha consciencia!

MANOEL, *como se se visse livre de um grande peso.*
Irra! fallei a verdade!

D. GUILHERMINA.

Viva ! . . Mas onde está ? ! Quem a salvou ?

MANOEL, *outra vez atrapalhado.*

Isso lá... onde ella pára... isso é que eu não sei.

D. GUILHERMINA.

Mas vive ! vive !

MANOEL, *com resolução.*

Home! eu não sou cá para estas cousas ! Vejo que a historia da rapariguita está daudo que fazer á patrôa, e saia o que sahir lá vae tudo, com a breca.

D. GUILHERMINA.

Falle, Sr. Manoel, falle

MANOEL.

A pequena foi pela borda fóra com o pai, houve um *home* da tripulação que se deitou ao mar, e trouxe a pequena para bordo. Depois quando o navio foi de todo a pique o tal *home* amarrou a creança a si com quatro bandeiras de signaes, para lhe não magoar os ossinhos; deitou-se outra vez ao mar, agarrou-se a uma verga e pela manhã *home* e creança estavam salvos.

D. GUILHERMINA, *tremula de contentamento.*

Meu Deus !!

MANOEL.

Depois o tal *home* entrou a ter tanto amor á pequena, como se fóra sua ! Nunca lhe disse nada porque o pai della era rico, e não quiz que a todo o tempo a rapariga maldissesse a sua sorte, vendo-se pobre e debaixo da tutela d'um triste marinho. Depois o pobre *home* tinha medo que a rapariga deixasse de lhe ter amizade se soubesse que não era filha delle. (*muito commovido e com os olhos no chão*) e vae d'ahi tem-n'a enganado ha vinte annos... tem-n'a abraçado e beijado como se fóra sua filha, e ella tambem, como se elle fóra seu pai... creio que o estima a mais não ser !... Mas quando o souber... o *home* tem medo que a amizade fuja.

D. GUILHERMINA.

Mas quem é esse homem ? ! Onde está essa creança ?

MANOEL, *depois de silencio.*

Esse *home...* está aqui !., a tal *creança...* está ali...

HENRIQUE.

Ella !!!

D. GULHERMINA, *corre para Adelia agarra lhe nas mãos como louca, beija-lhe a testa e as faces como n'um desespero febril, fita-a por algum tempo em silencio e cae sem sentidos n'uma poltrona dizendo:*

Minha filha ! !

ADELIA, *agarrada a ella.*

Minha mãe !!!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

Um gabinete pequeno au-rez-chaussé, com janellas ao fundo, e portas aos lados. Uma secretaria, mesas, cadeiras, othomanas, etc., transparentes nas janellas, reposteiros nas portas, etc. E' dia.

SCENA I.

UM CREADO SACUDINDO O PÓ DOS MOVEIS, E SOUZA ENTRANDO.

SOUZA.

Bons dias.

CREADO.

Bons dias, Sr. Souza.

SOUZA.

Não me dirá que novidade foi esta hoje ?!..

CREADO.

Não sei, Sr. Souza. O patrão entrou hontem para casa havião de ser umas 11 1/2 da noute : vinha triste e assim meio apavahado, a fallar só... Ora já ao jantar estava apoquentado, mas á noute cortava o coração vel-o a passear lá em—cima no quarto!.. Não fazia se não repetir : E o que dirá ella ! ?.. E o que dirá ella de mim ?

SOUZA.

Mas quem seria essa ella ?

CREADO.

Eu sei lá ! Depois levou toda a noute sem pregar olho, e logo pela manhã, assim que luzio o buraco, chamou-me e disse-me : Vá a casa do meu guarda-livros e diga á familia que assim que elle acordar venha logo logo ao escriptorio.

SOUZA.

É celebre ! Quebraria alguma casa com quem elle tivesse relações ? Mas não ouvi dizer.....

CREADO.

Nada, nada ; não vai por ahi o gato ás filhoses ! Aquillo é cousa de mulher....

SOUZA.

De mulher !

CREADO.

Pois então.

SOUZA.

Mas porque diz você isso ?

CREADO.

Porque depois de me mandar á casa de V. Mc. vim dar com elle todo afflicto a escrever uma carta... Olhe, o borrao ainda alli está, (*mostrando-lho sobre a secretaria*). Escreveu uma carta e mandou-m'a entregar em casa... cá d'uma certa pessoa que eu sei.

SOUZA.

Aonde foi ?

CREADO.

Em casa da Snr.^a D. Guilhermina de Mello, que tem uma filha que é mesmo un portento! (*Ouve-se uma campainha*).

SOUZA.

E' elle !

CREADO.

Deixa-me lá ir... Provavelmente é para o ajudar a vestir, que como perdeu a noute, encostou-se um bocadinho, (*novo toque de campainha*). Ai ! deixa-me lá ir !

SOUZA.

Diga-lhe que ja cá estou no escripto rio.

CREADO.

Sim senhor. (*Sahe*).**SCENA II.**

SOUZA, só.

Mas que demonio terá elle? Perca, não, porque não tem havido quebras, nem... só se foi na Inglaterra; mas tambem não pode ser... Vamos a ver se pelo borrão da tal carta eu posso tirar alguma cousa. (*Sentando-se á Secretaria e pegando no papel.*) Credo ! que rabiscos ! Agora é que eu digo que elle estava atrapalhado de veras ! (*Lendo.*) Minha Snr.^a Hontem por um acazo

singular soube quem era o pai dessa menina. Tenho em meu poder grossos fundos que lhe pertencerão, e rogo a V. Ex. que se digue mandal-os receber á minha casa por pessoa da sua confiança, mas que não seja o Sr. Collares nem creatura sua. Algum dia quando me achar mais no meu estado normal explicarei a V. Ex. o motivo d'este meu pedido. Por enquanto, contento-me a affiançar-lhe, sob a minha palavra d'honra, que esse homem é indigno da confiança que nelle deposita, e que lhe deve pedir quanto antes contas da sua casa. Rogo tambem a V. Ex. que me dispense de cumprir aquillo a que me obriguei para com sua Exm.^a filha, e que se esqueça totalmente d'um pedido que me vejo involuntariamente obrigado a retirar Chamado de novo ao serviço da marinha, é-me impossivel a mim, e muito desvantajozo para a Exm.^a Sr.^a D. Adelia, o casamento com um homem que vai ausentar-se desta terra, sabe Deus por quanto tempo! (*Declamando*). Não percebo! (*Lendo*). Minha Senhora, rogo-lhe que não julgne mal do meu character por esta resolução; ha nella um mysterio, que me envergonho de descobrir a V. Ex., mas que algum dia o farei. Fico pobre, minha Senhora, mas honrado, e por consequencia com direitos á sua estima. Adeus, minha Senhora. peço-lhe que não tenha o menor escrupulo em aceitar os fundos que lhe remetter, porque de baixo da minha palavra de honra lhe asseguro, que são seus no melhor direito juridico, e com a maior verdade e consciencia. Digne-se V. Ex. receber as minhas despedidas, e os sinceros votos de felicidade que tanto lhe deseja o seu attento venerador e creado & c. (*acabando de ler*). Declaro que não percebo! O homem enlouqueceria? Tomára já que elle viesse para ver se posso apanhar-lhe alguma cousa que me explique... Está pobre!! pois um homem com um capital de mais de milhão e meio, está pobre! Nada! aqui ha exquiritisse d'elle por força.

SCENA III.

SOUZA E NOGUEIRA.

NOGUEIRA, *dentro*.

Dá licença?

SOUZA.

Entre quem é.

NOGUEIRA, *entrando*.

Aqui é que é o escriptorio do Sr. Henrique Soares?

SOUZA.

Sim, senhor.

NOGUEIRA.

Poderei fallar-lhe ?

SOUZA.

Creio, que não, senhor: supponho que ainda está recolhido.

NOGUEIRA.

Dá-me licença que o espere ?

SOUZA.

Pois não ; mas se é objecto de negocio e quizer ter a bondade de se entender comigo... Sou Guarda livros do Sr. Soares.

NOGUEIRA, *sorrindo.*

Nada, não Senhor ; o negocio... que o não é propriamente dito : o objecto que aqui me conduz, é directamente com elle ? Repito ; se me dá licença, espero-o.

SOUZA.

Então queira ter a bondade de sentar-se, e estar á sua vontade.

NOGUEIRA, *sentando-se.*

Muito obrigado.

SOUZA, *sentando-se novamente á secretaria e trabalhando nos livros da casa.*

V. S. sabe-me dizer se já chegaria o paquete de Inglaterra.

NOGUEIRA, *sorrindo.*

Não sei; emesmo é uma raridade eu saber essas cousas. Não pertenço ao commercio.

SOUZA.

Outro tanto podesse eu dizer !

NOGUEIRA.

Pois é má a vida commercial ?

SOUZA.

Para quem a segue, não Senhor, pelo contrario, actualmente é optima: mas para quem (como eu) se vê obrigado a segui-la...

de longe, olhe que não é nada divertida! Quero dizer, deixa-se de ser homem, para se ser uma simples machina de contabilidade.

NOGUEIRA.

Mas quando ha a fortuna de se achar um patrão como o Sr. Soares..

SOUZA.

Oh! sim; é verdade: mas como nem todos são como elle, generoso, tratavel, emfim, um perfeito homem de bem.

NOGUEIRA.

Ouvi dizer que é muito esmoler?

SOUZA.

Demais até: ha dias na semana em que o escriptorio chega a parecer um Asilo de Mendicidade.

NOGUEIRA, *aparte*.

Bem! Tenho homem!

SCENA IV.

OS MESMOS E MANOEL ESCOTA,

MANOEL, *dentro*.

Dá licença?

SOUZA.

Entre quem é.

MANOEL, *entrando*.

Ora guarde-o Deus. Queria fallar ao Sôr Soares...

SOUZA.

Faz favor de esperar um bocadinho, que elle não póde demorar-se.

MANOEL.

Se está lá em *riba*, no primeiro andar, creio que posso ir ter com elle...

SOUZA, *Tocando a campainha.*

Eu mando saber. (*Para o criado*). Diga ao Sr. Soares, que estão aqui duas pessoas que precisam fallar-lhe.

MANOEL, *Para o criado que vae a sahir.*

Olhe, ouvio, patrõesinho? Diga-lhe que é o Manoel Escota, e vêrá como elle salta logo por essa *escotilha* abaixo! (*O criado sae*).

NOGUEIRA, *como recordando-se.*

Manoel Escota? l...

MANOEL, *cumprimentando-o.*

Um seu criado. (*Reparando nelle*) Ora esta! Desde que cheguei ainda não fiz senão *topar* com defuntos! (*Rindo*) Com que então no fim de vinte annos é que nos tornamos a encontrar, *heim?*!

NOGUEIRA.

Conhece-me?!... Eu tambem tenho idéa do seu nome... (*Reconhecendo-o*) Ah! o Manoel Escota, 1º marinheiro a bordo da Santa Rosa!

MANOEL.

É como diz; e V. S. o Sr. Aspirante Nogueira, que fazia parte da guarnição.

NOGUEIRA. *apertando-lhe a mão.*

É verdade. É celebre! Não te acho muito mudado! Bravo! já és Guardião!... Tambem não te fizeram favor nenhum, que sempre foste um bom homem, e um optimo marinheiro.

MANOEL.

Ora... São favores!... Eu ja tinha *ouvisto* dizer que V. S. foi um dos que escapou n'aquella *cangalhada* toda! Se não me engano foi salvo com os dóze homens na canoa d'aquelle valente brigue americano que nos appareceu pela *manhãsinha* a *barlavento?*

NOGUEIRA.

Justamente. E tu porque não alcançaste a tal canoa?

MANOEL.

Porque me não virão, e eu ja não podia nadar. Estava agar-

rado á verga do *Joannete Grande* e nem ciria tinha para me *desapegar* d'ella. Não sei se sabe que cá o Sr. Soares tam-
bem foi assim que se salvou?

NOGUEIRA.

Bem sei ; não que elle m'o dissesse, porque desde 35 ? que
lhe não fallo.

MANOEL.

Olha lá! Elle ha de ficar bem contente em o vêr ! E como
vamos de fortuna ? Ainda é cá da marinha ?

NOGUEIRA.

Deus me livre ! Desde a tal brincadeira de 16 de Março de
1835 (nunca me hade esquecer !) jurei não pôr mais o pé em
navio algum ! Deixei a carreira e fiz-me artista.

MANOEL.

Artista ?! Que diabo de vida é essa ? E' cousa em que se ganhe
patacos ?

NOGUEIRA, *rindo-se.*

Dizes bem ; é vida em que se ganha... (*Com certa ironia*)
patacos !

MANOEL.

E pintos, heim ?

NOGUEIRA, *rindo.*

Isso agora é que... é lá de vez em quando.

SCENA V.

OS MESMOS E HENRIQUE.

HENRIQUE, *palido e taciturno trazn a mão uns papeis.*

Bons dias... (*Vendo Manoel*). Adeus Manoel ; eu ja lhe fallo.
(*Cumprimentando Nogueira sem o conhecer*). Senhor... (*Deri-
gindo-se a Souza*). Bons dias, Sr. Souza.

SOUZA.

Muito bons dias, Sr. Soares.

HENRIQUE.

Tome lá estas letras : umas vencem-se hoje e outras, estão por vencer. As primeiras receba-as ; as outras como as firmas são boas, facilmente achará na Praça quem lh'as desconte.

SOUZA, *admirado*.

V. S. então quer desfazer-se d'ellas ?

HENRIQUE.

Quero ; preciso liquidar todos os meos capitaes. Depois, hade ir á Alfandega e veja se me arranja comprador áquelles fardos que vierão no brigue *Eliza* das Ilhas, e galera *Palmira* do Rio, se achar comprador, venda com despacho. Depois, procure algum corretor, (o Lamarão ou o Almeida) e diga-lhe que venha fallar comigo ; preciso pôr em leilão umas coizas... vá, e veja se me arranja tudo isto antes da tarde.

SOUZA, *aterrado*.

V. S. sáe do Reino ? !..

HENRIQUE, *com bom modo*.

Talvez : ande vá, Sr. Souza, e... não se assuste ; ainda que eu deixe a casa não me helde esquecer do Senhor. Ande, vá depressa. Deite tambem este requerimento na caixa do Quartel General da Marinha.

SOUZA.

Sim Senhor ; até logo (*Suspendendo-se*). Mas o que hei de eu dizer na Praça a respeito das letras ? Podem desconfiar de...

HENRIQUE.

Diga que me desfaço d'ellas porque preciso realizar uma somma consideravel para... (*Sorrindo*) para uma tranzação com o Governo.

SOUZA.

Sim, Senhor. (*Aparte*). Que demonio será isto !... (*Sáe*).

...
...

SCENA VI.

HENRIQUE, MANOEL E NOGUEIRA.

HENRIQUE, *para Nogueira.*

Se V. S. não tem pressa da-me licença que... (*Designando-lhe Manoel*).

NOGUEIRA.

Pois não.

MANOEL.

Nada, não Senhor ; falle lá com elle primeiro... Não tenho pressa de seguir viagem : *deitei ferro* e... cá estou !

HENRIQUE.

Julguei que trazia algum recado das Senhoras...

MANOEL.

Nada... ellas.. sim, pelos modos, creio que veem logo cá, por via d'uma carta que V. S. p'ra lá mandou, assim a *modos* de.... Sim, como quem diz... Em fim ; não sei ; ellas logo lhe explicarão .. Agora, eu cá vim, porque... Sim, sou seu amigo devéras, e V. S. *honte* sahio de lá assim a *modos de escabreado* com a gente l... Pareceu-me assim navio que larga a *amarração sobre boia*, e que se faz de vella sem metter piloto a bordo l... Ora como isto quasi sempre acontece quando ha algum perigo, eu desejava saber o que lhe aconteceu, ou que mal lhe fizemos, para V. S. se *safar* assim !

HENRIQUE, *apertando-lhe a mão.*

Eu t'ó direi depois, meu bom Manoel : demora-te um instante que tenho muito que conversar contigo.

MANOEL.

Eu cá estou ; faço de conta que vim de *porto sujo* e que preciso *quarentena*. (*Senta-se*).

HENRIQUE, *para Nogueira.*

Poderei saber a que devo a honra de...

NOGUEIRA.

Meu amigo, nem quero essas delicadezas, nem exljo reconhecimento de comedia. Percebeste ?

HENRIQUE.

Não Senhor !

NOGUEIRA.

Decididamente Manoel Escota tem melhor olho do que tu !
 Não me conheces ?

HENRIQUE.

Perdão... Tenho uma idéa...

NOGUEIRA.

Chamo-me Francisco Nogueira ; fui Aspirante de Marinha
 e.... Conheces-me agora ?

HENRIQUE, *Abraçando-o.*

Agora !... Mas ha tantos annos !...

NOGUEIRA.

Tens desculpa ; se te encontrasse na rua havia de me succeder o mesmo, faço idéa ; e quem sabe quantas vezes nos teremos encontrado !

HENRIQUE.

De certo. Mas a culpa é tua : porque não me procuraste ha mais tempo ?

NOGUEIRA.

Por que sou pobre e tu és rico. Envergonhava-me de te apparecer na minha posição, que não é realmente das mais proprias a conviver...

HENRIQUE.

Fosse qual fosse a tua posição, devias lembrar-te que sempre fui teu amigo.

NOGUEIRA.

Lembrei-me disso bastantes vezes, mas tambem me lembrei que as nossas relações d'amizade, eram relações de creança ; e que hoje homens, tu quasi milionario e eu mestre de piano por *casas particulares*.. Emfim, homem para ser de todo franco dir-te-hei, que a amisade impellia-me a procurar-te, e o orgulho puxava-me para traz.

MANOEL, *lá do seu canto.*

E eu dava-lhe com o *chicote d'um cabo* para diante... no orgulho, já se vê.

HENRIQUE.

Mas em conclusão ?

NOGUEIRA.

Em conclusão... desejei, como disse, procurar-te, a fim de estreitar-mos a nossa amizade passada; mas receiando que julgasses que era devido á tua posição pecuniaria... escondi-me sempre de ti.

HENRIQUE, *sorrindo*.

E chamavas-me tu orgulhoso, Nogueira !...

NOGUEIRA.

E' verdade a bordo da Santa Rosa...

MANOEL.

Deus lhe falle n'alma, coitada !

HENRIQUE.

Dizias que o meu character não era de philosopho, como eu julgava, mas sim um excessivo orgulho !

NOGUEIRA.

Tudo isso é verdade ; então que queres ? (*rindo*) Tornei-me peor do que tu, é a conclusão que devemos tirar.

HENRIQUE, *apertando-lhe novamente a mão*.

Mas a final aqui estás.

NOGUEIRA.

E' verdade, aqui estou... e o mais bonito não é isso ; o mais singular é que deitando a vergonha para trás das costas, (ou o orgulho ; como quizeres ;) venho no fim de vinte annos, em nome da nossa antiga camaradagem, invocando a nossa reciproca amizade, venho... imagina lá o que ?

HENRIQUE.

Eu sei l..

NOGUEIRA.

Pedir-te dinheiro e protecção.

HENRIQUE, *assustado*.

Dinheiro ? !...

NOGUEIRA.

E protecção. És rico, por consequencia...

HENRIQUE.

Fui, meu amigo; fui...

NOGUEIRA, *muito serio.*

Foste ? !... Pois já não és?

HENRIQUE.

Não ; hoje sou pobre... pobrissimo !

NOGUEIRA, *commovido.*

Soares ! Bem vêes que tinha razão para te não procurar !.. Sei que és rico e dizes-me que és pobre apenas te fallo em dinheiro !.. Acabas de me chamar amigo e fechas-me a tua bolsa !..

HENRIQUE.

Não fecho, não ; mas... se tu soubesses o que me aconteceu !..

NOGUEIRA, *rapidamente.*

Nem quero saber ! Enganava-me contigo ou por outra, éra o mundo que me enganava quando me repetia incessantemente aos ouvidos : Henrique Soares é milionario ; Henrique Soares é esmoler ; Henrique Soares possui um coração magnanimo !.. Finalmente Henrique Soares é um *homem de bem* ! Enganava-me ! Henrique Soares é... é um homem vulgar !

HENRIQUE.

Dize, dize Nogueira ! Tortura mais este coração, que elle já padece pouco.

NOGUEIRA.

Pois não é assim ! ? Protestas-me pobreza apenas te fallo em dinheiro... e sem ainda saberes o que venho pedir-te ! Suppões talvez, que como epilogo da vida de extravagancias, que sempre tive, venho *encostar-te* (como se diz em *gíria d'estroinas*) para extravaganciar á tua custa ? Enganas-te, Soares : as minhas doidices já lá vão. Desde que começou a pobreza, morreu em mim o rapaz extravagante. Não venho pedir-te *deboxes* ; venho implorar-te... uma esmolla !

HENRIQUE.

Uma esmolla ! ?

NOGUEIRA, *com certa ironia e tristeza.*

Tenha paciencia, irmão : não é assim ?

HENRIQUE, *muito commovido.*

Mas que precisão tens tu de me estar p'ra ahi a flagellar com esses modos de ironia e desprezo, se eu não sou máo, não sou culpado. se eu te não mereço isso ! ?

NOGUEIRA.

Mereces, sim ; ainda que o arrependimento venha agora mudar as tuas intenções a meu respeito, já não podes mitigar o mal que me fizeste ! Fui deveras teu amigo, Soares !

MANOEL.

E elle tambem o foi sempre : *ora adeus !*

NOGUEIRA.

Se o foi, não me deixasse antever uma recusa, sem saber o que d'elle pretendia um camarada velho, um amigo sincero e em má posição.

MANOEL.

O' home cada um lá sabe as linhas com que se cose ! Ora esta !

HENRIQUE, *sensibilizado e apertando a mão de Manoel.*

Obrigado Manoel ! *(Indo á secretaria, tira uma chave do bolso ; abre uma gaveta com certa sequidão.)* Que dinheiro precisas Nogueira ?

NOGUEIRA, *depois de silencio, fitando profundamente, e pegando no chapéo.*

Nenhum, Soares ! Adeus ! *vae a sahir*

MANOEL, *correndo para a porta e abrindo os braços entre elles.*

Eh lá ! Está fechada a barra ! Não sahe d'aqui nenhum navio em guerra !

HENRIQUE, *correndo para Nogueira; e trazendo-o por um braço.*

Anda cá, Nogueira !.. Julgas que é tão facil achar um amigo verdadeiro que te deixe sahir assim ?!

NOGUEIRA, *commovido.*

Não podes ser meu amigo ! Não me convens, porque já não és o mesmo.

HENRIQUE.

Acabemos com isto, Nogueira! Sou teu amigo... juro-te pela minha honra ! se me viste perturbado quando me fallaste em dinheiro, não foi por t'o não dar, foi... porque verdadeiramente não o tenho... meu ! Essa fortuna immensa, esses centenaes de contos de réis, desfizerão-se-me hontem nas mãos, como as bôlhas de sabão de que tanto gostamos em creança ! Finalmente o tom equivoco que me viste tomar, foi devido á pena que me causou o não poder valer-te como desejava. No entanto, pede Nogueira... *(como se fallando só com certe desespero)* Mais meia duzia de moedas não podem fazer mais pêso na consciencia d'un homem, que tem gozado ha vinte annos uma riqueza que lhe não pertence ! *(N'outro tom)* Repito, Nogueira : quanto queres ?

NOGUEIRA *no seu tom habitual.*

Repito tambem — nada ! Mas este — nada — Olha que não foi dito na inflexão do outro ; não sei se reparaste ? Já não estou zangado ; estou triste por que vejo, nas tuas palavras um certo caracteristico de desgraça. O que te succedeu ? Desabafa ao menos ; é a maior prova d'amizade que exijo agora de ti.

HENRIQUE.

Succedeu-me.. que possuindo eu uma fortuna começada com o grosso capital d'un homem que já morreu, appareceu-me agora uma filha d'esse homem, e por consequencia é dever meu entregar-lhe essa fortuna.

MANOEL, *aparte.*

A modos qué vou entendendo a coisa !..

NOGUEIRA.

Mas... vê se cazas com ella ; fica tudo em casa.

HENRIQUE.

Deus me livre!.. Isto é, eu amo-a, Nogueira! e é justamente por isso que me considero desgraçado; por que ella, algum dia, havia de vêr no meu amor uma especulação... além disso, a maneira como me achei senhor da fortuna de seu pai... Não sei, diz-me a consciencia, que é um pouco vergonhoso! Nem eu me atrevo a dizer-te mais nada!

NOGUEIRA.

Em fim, o tempo me dará o direito de saber os teus segredos. Não fallemos mais nisto.

HENRIQUE.

Não, fallemos; disseste que precisavas de dinheiro..

NOGUEIRA.

Não tenho *cinco réis* comigo, é verdade; mas já disse, não fallemos mais n'isto.

HENRIQUE.

É que, se não tenho dinheiro meu propriamente dito, tenho alguns objectos de valor..

NOGUEIRA.

Vende Soares; vende mas não empenhes!.. Empenhar! Oh! ... O *Prego* é a coisa mais *anti-constitucional* que ha, pelo absolutismo do dono e pela mansidão das victimas! É a coisa mais indigna que eu conheço! É o nome mais repugnante do dictionario dos extravagantes! *Prego!* instrumento abjecto das orgias e do jogo! Entidade monetaria, que reune em si tantos mysterios quantos os objectos que tem visto pendurados nas suas garras d'arpia! *Prego!*.. é o mesmo que dizer *carasco* de casacas e de colletes! Mysterioso *dedalo*, onde o capital se perde n'uma aluvião de *patucos*, que por fim já se não percebem aquellas contas! O *Prego* moderno meu Soares, é a verdadeira continuação dos judeos da *idade media*; com a differença que n'elles ainda se poderia achar a intelligencia e por consequencia um bocadinho de compaixão: mas no *Prego!*.. no *Prego* propriamente dito, encontra-se a rigidez, a *firmeza de character*, o inabalavel e até o frio do proprio ferro! Bem posto nome! *Prego!*.. Alli não ha compaixão, por que o *prego* é de metal; não ha torcel-o, por que é direito; não ha abrandal-o porque é frio; não ha abalal-o porque se tem ca-

beça não tem pés !... Emfim, meu Soares, o *Prego* é o maior flagello que a humanidade inventou, e que a civilização tem apurado d'uma fórma — indecente! Vende, Soares, vende, mas não empenhes! Olha que estás fallando com uma victima do *Prego* ha mais de vinte annos.

HENRIQUE.

Visto isso tens passado uma vida de infortunios?

NOGUEIRA.

Sim e não. Ora eu te conto. Apenas vim para Lisboa, depois d'quella *deliciosa e recreativa* viagem da Fragata Santa Roza, disse a meu pai que não queria já semelhante vida; e com a devida licença dei baixa. Fiquei uns poucos d'annos no *dolce far niente* d'um verdadeiro vadio; e como meu pai tinha algum dinheiro tratei de me divertir. Infelizmente meu pai não éra immortal e... foi-se! Fiquei por consequencia feito dono de caza, com minha mãe e duas irmãs a sustentar. Começarão então os *apertos*! Meu pai era empregado... (creio que te deves lembrar) e com elle morreram tambem os nossos meios de subsistencia. Felizmente como o emprego lhe rendia bastante, a nossa caza estava posta com tal luxo, que nos chegou perfeitamente para viver dois annos e tanto. É d'aqui que data o meu conhecimento com o *Prego*. Depois de tudo empenhado e vendido, entendi que devia procurar um modo de vida. Empregos... *quero que é delles*! Por consequencia fiz-me litterato!

HENRIQUE.

E ganhaste dinheiro?

NOGUEIRA.

Ah! muito, pois não! Tanto, que para pagar a edição do meu primeiro romance tive de vender o piano, unico objecto de luxo que ainda nos restava, para pagar ao edictor... que, com honrosas excepções, é outra raça de judeos como os do *Prego*, não sei se sabes! Emfim, convencido de que as letras nada me davam, fiz-me artista: Tocava **bem piano**, estudei mais algum tempo com seriedade. Fui ao Porto e dei um concerto no theatro.

HENRIQUE.

E ganhaste?

NOGUEIRA.

Ganhei: — o diuheiro das passagens para fóra da algibeira, e uma pateada que veio tudo abaixo!

HENRIQUE, *sorrindo*.

Então é por que tocavas mal !.

NOGUEIRA, *rindo*.

Ou isso, ou por não ser estrangeiro ! A final, fiz-me mestre de piano por cazas particulares, e disso tenho vivido até hoje sofrivelmente. Quando ha poucos discipulos, vende-se, empenha-se... (nota que sempre o maldito *Prego* me acompanha !) Quando tenho muitos discipulos, como bem, bebo melhor, desempenho e compro. Ora aqui tens as alternativas da minha vida passada, presente, e quem sabe se da futura.

MANOEL.

Eu se fosse a V. S., tornava para a Marinha ! Não ha vida melhor !

NOGUEIRA, *rindo*.

Ia a tempo ! Além d'isso, fallarem-me hoje no mar, é o mesmo que fallarem em brocos a um desgraçado que apañasse com elles uma forte indigestão !

MANOEL.

Por isso o *Sôr Henrique* fez bem que nunca quiz largar a marinha, segundo me disseram lá no Arsenal.

NOGUEIRA.

Pois tu ainda pertences á arma ?

HENRIQUE.

Nunca dei baixa. Tenho-me conservado uns annos com *licença registrada*, cutros pela *Junta*; ás vezes tenho feito algum serviço, mas consegui nunca seguir viagem.

NOGUEIRA.

E tens sido muito promovido ?

HENRIQUE.

Sou Capitão-Tenente.

NOGUEIRA.

Pois, meu amigo, como epilogo d'esta minha vida exquisita, deixa-me contar-te o que me aconteceu ha dois mezes, e o que fez com que eu viesse pedir-te dinheiro, esperando que, como eu, te interessasses no negocio.

Olha que vaes ouvir uma especie de romance e desde já te prohibo que me elogies.

HENRIQUE.

Que te elogie ?

NOGUEIRA.

Sim, ouve. Ha de haver coisa de dois mezes, indo eu a recolher-me para casa... (na rua das Janellas Verdes, n.º 34 ; está ás tuas ordens) Indo a entrar para casa... vinha eu da *espelunca*, e não trazia um *real* comigo, como quasi sempre me acontece.

HENRIQUE.

Tu jogas ? !

NOGUEIRA.

Quando tenho pouco, para vêr se apanho mais; mas sempre fico sem nada ! Sou um aborto *d'asares* !

Ia a entrar, chegou-se a mim um velho, soffrivelmente vestido, e pediu-me uma esmolla pelo amor de Deus. — Não pôde ser ! respondi eu, ainda todo *esquentado* pelos vapores da *espelunca*. Ao menos, tornou o velho como V. S. vae para sua casa, veja se me deita pela janella um pedaço de pão, porque estou a morrer de fome. Fez-me aquillo espanto ! A singelesa do pedido trouxe-me á idéa que, quando eu era pequeno, (nos tempos da opulencia) costumava juntar debaixo das janellas uma cohorte de cães vadios, a quem mimoseava com pedaços de pão. Ora, esta idéa do homem se collocar na posição dos meus protegidos d'outr'ora, fez-me não sei que impressão de dó ; o grande caso é, que respondi ao velho, deligenciando conter as lagrimas e disfarçando-as com um tom de desabrimiento aristocratico : Está bom, homem ; Vmc. não é nenhum animal para eu lhe atirar o pão da janella abaixo. Suba cá acima comigo... (Tenha a bondade de não fazer bulha com os pés, para não acordar a minha familia que deve estar recolhida :) e do que houver está ao seu dispor ; eu tambem ainda não ceel...

MANOEL.

Olha lá ! Que bonita acção, *Sôr* Nogueira ! Pobre velhote ! Ainda bem que a sua pessoa fez isso !

HENRIQUE, *apertando-lhe a mão.*

Sempre te conheci assim meo amigo !

NOGUEIRA.

Pois sim, mas elogios é que eu já disse que não quero ! (*con-*

tinuando). Subi a diante, acendi a vela e vim alumial-o. Era um riso ver o pobre velho de botas na mão, por causa da bulha, e todo atrapalhado sem poder subir a escada; não o conhecia... A fual entrou. A minha familia dormia a sômo solto. Fui á chaminé, tirei a ceia do *borrvalho*, puz a meza e começamos a comer... isto é, eu ; porque elle, coitado, devorava.

MANOEL.

Então a historia do pão da janella abaixo não era *cantiga* ?

NOGUEIRA.

Não, homem.

MANOEL.

Tinha *larica* de veras.

NOGUEIRA, *não percebendo*.

Larica ? !...

MANOEL.

Sim, fome ?

NOGUEIRA.

Ah ! tinha fome, sim ; uma excellente e apetitozissima fome, que o fez devorar um pão com meia duzia de batatas, e dois ou tres pedaços de carne guizada... ceia a que dou a preferencia. Depois de comer, agradeceu-me, mas sem grande *chorageira*, e ia para sahir quando lhe perguntei : Aonde mora Vmcl Na praia de Santos, respondeu elle, com uma certa ironia amarga. Na praia de Santos ? tornei eu admirado : Sim Senhor; ha lá areia muito macia; e os botes que estão a calafetar servem perfeitamente de telhado. Percebi tudo ! O desgraçado nem casa tinha ! Mas quando chove ? tornei eu, um pouco atrapalhado com dó : Molho-me ; respondeo elle com um laconismo e sinceridade, que me fez rebentar... não com riso : as lagrimas pelos olhos fora !

MANOEL.

Pobre *velhote* ! se eu o apanhasse lá a bordo talvez que sempre servisse para *allar* algum *tabo*, coitado !

NOGUEIRA,

No fim de contas... não deixei sahir o velho. Tirei o colção, dobrei um lençol dos meus ao meio, para não incommodar minha mãy áquellas horas ; fiz-lhe a cama e disse-lhe : Durma para ahí. Tratei tambem de dormir... mas não me foi possivel. Pela conversação do velho, durante a ceia, conheci nelle um
• homem educado, com alguma instrucción e... ja se vê, imagi-

nei logo um romance. Com esta idela sentei-me na cama e perguntei-lhe : Vmc. tem somno? Nem por onde elle passe me respondeu.... A fartadella tirou-me o somno; e depois estou ja tão pouco habituado a estas commodidades l... Chamava commodidade a uma cama de chão, u'um colxão magro e estupidamente remendado! Se não tem somno, conte-me lá sua vida. Com todo o gosto, disse o velho... Tenha a bondade de me dar um cigarro. Dei-l'ho, accendeu-o, e começou a sua narração l... Ainda elle não ia no meio, ja eu tinha saltado da cama abaixo e abraçado o velhote!

HENRIQUE, *admirado.*

Mas porque ?

NOGUEIRA.

Porque? Porque eu ja tinha ouvido parte d'aquella narração !... Porque aquelle homem é muito nosso conhecido l.. Pois não advinhas quem é ?

HENRIQUE.

Eu, não !...

NOGUEIRA.

E' o Jacob Abraham, o passageiro da Santa Roza!

HENRIQUE, *petrificado.*

Que respeitaveis e mysteriosos são os decretos da Providencia !!!...

NOGUEIRA, *não percebendo.*

É verdade ! Quem havia de julgar que aquelle homem com tanto dinheiro, segundo dizia... (*reparando*) mas que tens tu?... Ficaste embatucado !

MANOEL.

Se lhe parece que não tem razão para isso !... Este mundo sempre é uma *bóla* muito divertida.

NOGUEIRA.

Ah ! lá isso é.

HENRIQUE, *com amarga ironia.*

E... vens então pedir me uma esmolla para esse homem... a mim ? !...

NOGUEIRA.

A ti, sim, que és rico... Elle tambem já o foi, e imaginei

que devia merecer-te a maior compaixão, assim como me aconteceu, que o tenho em casa ha dous mezes.

HENRIQUE, *rindo convulsivamente.*

Uma esmola, a mim... para aquelle homem !... E que remedio... Dize-lhe que venha a minha casa ; quero dar-lhe uma esmola de... de milhão e meio !

NOGUEIRA, *espantado.*

Não percebo ' estás a mangar comigo ?

HENRIQUE.

Não ; depois te direi... É uma cousa bem extraordinaria !

MANOEL.

Mas a final, como chegou elle a pedir esmola ?

NOGUEIRA.

Foi salvo por um barco de pescadores indigenas ; mas o dinheiro ficou-lhe todo a bordo, e por consequencia lá foi para os peixinhos. Dous dias depois partio n'uma embarcação mercante de Moçambique, que navegava para os Estados Unidos. Lá arranjou-se como caixeiro em uma casa ingleza. Esteve ahí bastantes annos ; a final, a casa quebrou, e o homem com algum dinheiro que tinha veio para Portugal, na esperanza de encontrar aquelle negociante, de que já nos tinha fallado a bordo quando nos contou a sua historia... Lembras-te, Soares ?

HENRIQUE.

Lembro.

NOGUEIRA.

Chegou a Portugal, hade haver trez mezes e meio : procurou o tal negociante, esperando que elle o protegesse e lhe dêsse a mão para começar novamente a negociar ; mas o homem tinha morrido e a fortuna passou a uns parentes afastados, que elle nem conhecia. Por consequencia, como desembarcou tendo apenas na algibeira uns treze mil e tantos réis, ficou em breve reduzido á miseria. Tem procurado muitos dos seus amigos e antigos conhecimentos, mas como lhe falta a principal qualidade para ser bem recebido — o dinheiro — ninguem o conhece actualmente !... De fórma que o pobre velho (que já o é bastante) está quasi disposto a entrar para o *azilo da mendicidade* ! Vê tu em que parou aquella riqueza de tantos con-

tos de réis! Olha que se fôssemos philosophos, tinha-mos largo assumpto para philosophar!

HENRIQUE.

E porque não procurou a mulher? é rica segundo elle nos contou...

NOGUEIRA.

Essa mesma pergunta lhe fiz eu. Diz que antes quer pedir esmola ou recolher-se ao *Asilo*, do que ir implorar a compaixão de uma mulher que o pôz fóra de sua caza, protestando-lhe um odio eterno. Diz que não quer ir avivar aquelle remorso de tantos annos pela morte do pai!... Enfim, diz que decididamente não quer! Ora eu que na verdade tive dó daquelle pobre diabo, lembrei-me do seguinte: — O Soares é rico; dá-lhe algum dinheiro para elle se vestir com mais decencia; toma-o para casa na qualidade de Guarda Livros ou mesmo de caixeiro; e ahí está o homem feliz e com uma velhice mais descansada.

HENRIQUE. *sorrindo tristemente.*

Dizes bem; faço tudo isso... e até muito mais!

NOGUEIRA, *abraçando-o com alegria.*

Obrigado, Soares! És um verdadeiro *homem de bem*! Obrigado!

HENRIQUE, *commovido.*

E tu o que és, que assim te interessas por um homem que te não é nada, e cujos direitos á tua estima são apenas a desgraça?!

NOGUEIRA.

Ora... o que sou!... Sou um extravagante *chapado*, mas com alma de gente! Sou um pobre diabo com bom coração.

HENRIQUE.

És o que me chamaste: *um homem de bem*!

COLLARES, *dentro.*

Dá licença?

HENRIQUE.

Entre.

SCENA VII.

OS MESMOS, E COLLARES.

COLLARES, *entrando*.

Com licença, meus senhores... Oh! por cá, Sr. Nogueira! Como está? (*Aperta-lhe a mão e cumprimentando Henrique.*) Sr. Soares...

HENRIQUE, *secamente*.

Sr. Collares... (*Para Nogueira.*) Vae buscar esse homem. Eu d'aqui a bocado vou ao Quartel-General apresentar-me, para seguir viagem no Serra do Pilar, que creio deve sahir depois da manhã.

MANOEL, *muito contente*.

Tal e qual, depois da manhã! Olha lá! vem comigo, Sr. Henrique! Sou Guardião do Brigue!..

HENRIQUE.

Ainda bem! Havemos conversar muito... (*a meia voz*) a respeito d'ella!

MANOEL.

A respeito della!... (*A parte*) Ah! sim, percebo!... *Estás arranjado!* mesmo eu te deixo sahir sem primeiro fazeres *quarentena no lazareto do matrimonio!*

HENRIQUE.

Anda, Nogueira, vai dizer ao teu protegido que já lhe preparaste um futuro mais feliz. Se quando vieres, eu não estiver em casa, espera-me.

MANOEL.

Vamos lá; eu tambem quero fallar ao *velhote* para lhe alegrar aquella alma!... É uma brincadeira. Vou dar-lhe conta da *filhita*, que elle julga no buxo d'algun *bixarôco* marinho!

NOGUEIRA.

A filha?!?

MANOEL.

Salvei-a eu, sim senhor! Cuida que é ó V. S. que tem bom

coração? Vamos lá ao velho. (*Henrique falla baixo a Nogueira*) Aude... pelo caminho lhe contarei essa historia.

COLLARES, *a parte*.

Que demonio de trapalhada será esta? Não sei o que me adivinha o coração!

NOGUEIRA.

Bem, até logo, Soares.

HENRIQUE, *apertando as mãos de ambos*.

Até logo.

MANOEL, *baixo a Henrique*.

Tome lá conta nessa coisa d'embarcar agora, hein? Olhe que para ser um verdadeiro *homem de bem*, não é só preciso entregar o que não é seu!...

HENRIQUE.

Pois que mais é preciso?

MANOEL.

Que mais?! Fazer feliz o pai, a mãe e a mim, não fazendo a filha desgraçada!... *Tacto na boia!* (*Sahe com Nogueira.*)

SCENA VIII.

HENRIQUE E COLLARES.

HENRIQUE.

Quer ter a bondade de se sentar, Sr. Collares?

COLLARES, *sentando-se*.

Obedeço, Sr. Soares.

HENRIQUE, *idem*.

Poderei saber o que devo a honra...

COLLARES.

Eu lhe digo. (*Sorrindo*) Apesar da amabilidade com que V. S. hontem me tratou, entendi que devia procura-lo, porque a sympathia em mim faz calar as escandolas.

HENRIQUE.

É de uma alma generosa, Sr. Collares!

COLLARES.

Advirto-lhe que, apesar das suas ironias continuadas, heide e vim aqui, para lhe fallar com a maior franqueza n'um assumpto de muita preponderancia para nós dous, pelos interesses reciprocos que encerra.

HENRIQUE.

Estou prompto a ouvi-lo; e peço-lhe que largue essa disposição de chamar ironias a todas as minhas asserções.

COLLARES.

Eu conheço-as, meu amigo; não faça de mim um parvo; considere-me tudo quanto quizer, excepto isso!

HENRIQUE, *impaciente*.

Mas... a final, que tem V. S. a dizer-me?

COLLARES.

Muitas cousas. Em primeiro lugar, fará favor de me assegurar se acredita devéras naquelles planos de que hontem me fallou, ou se foi unicamente para... *para me apanhar*, como se costuma dizer?

HENRIQUE.

Quaes planos?

COLLARES.

Os meus, a respeito da Sra. D. Guilhermina.

HENRIQUE.

Acredito-os, porque os soube de pessoa fidedigna: V. S. confiou-os a alguem, que os disse ao meu Guarda-livros.

COLLARES.

Esse alguem foi o meu *ajudar te*?

HENRIQUE.

Justamente; é primo e amigo intimo do meu Guarda-livros.

COLLARES, *a parte*.

Deixa estar, tratante, que eu te darei o premio! (*Alto*) Pois,

Sr. Soares, visto que o sabe não o negarei : tudo é verdade quanto me lançou hontem em rosto. Mas como considera V. S. os meus planos ?

HENRIQUE.

Como uma... esperteza, de que estou certo não hade lograr o fim.

COLLARES.

Porque ? Porque V. S. faz tenção de... de me *desmascarar*, para usar da sua provavel phrase ?

HENRIQUE.

Talvez.

COLLARES.

Mas para que, Sr. Soares ? Que interesse tem V. S. nisso.

HENRIQUE, *aparte*.

Vamos ver aonde isto chega. (*Alto*) O interesse é unicamente aquelle que me inspira a amizade que consagro a essa respeitavel senhora.

COLLARES, *sorrindo*.

Ora, meu amigo... Cartas na mesa e jogo franco ! Não queira pintar com côres da amizade, aquillo que deve desenharse com as do interesse.

HENRIQUE.

Do interesse ? !...

COLLARES.

Sim. V. S. por amor ou especulação corteja a filha de D. Guilhermina. Na hypothese de que ella é herdeira de um grande vinculo, o senhor não lhe convém o meu casamento, porque teme que ainda appareça algum filho varão, e que por consequencia, segundo a instituição daquelle morgado, fique a menina Adelia sem entrar na posse delle.

HENRIQUE.

Nem eu sabia semelhante clausula d'instituição. Tenha a bondade de continuar.

COLLARES,

Sabia, sim... (*Emendando-se.*) Perdão... quero dizer... Parecia-me que o senhor devia sabe-lo. Ora com estes calculos, dou-lhe toda a razão para me guerrear : mas vou fazer-

lhe uma confidencia, que estou certo mudará o seu modo de pensar a meu respeito. (*Depois de silencio.*) Aquella menina não é filha de D. Guilhermina.

HENRIQUE, *sorrindo e friamente.*

Ah ! não ?

COLLARES.

Não senhor; é filha daquelle marujo que havia lá ver hontem.

HENRIQUE, *idem.*

Ah ! sim ?

COLLARES, *aparte.*

Que frieza com que elle sabe isto !... (*Alto*) Talvez que me não acredite, Sr. Soares: pois bem indague e verá se lhe digo a verdade.

HENRIQUE, *levantando-se.*

Eu já sabia tudo isso, Sr. Collares.

COLLARES, *idem.*

Já o sabia !?... Então para que continua a guerrear-me ? Para que persiste no casamento com uma rapariga que não tem nada ?

HENRIQUE.

Eu lhe digo, Sr. Collares: o senhor não póde comprehender o que faço, porque não comprehende senão o dinheiro; rogo-lhe portanto que não fallemos mais neste assumpto mas sim no que lhe diz respeito. O Sr. tem, como já lhe disse, não só complicado astuciosamente os negocios dessa senhora, mais até por muito boa parte sei, que tem abuzado da sua confiança a ponto de... (*não me servirei do verbo proprio*) a ponto de defraudar a sua constituinte, já recebendo rendas adiantadas de que lhe não dá conta, e que o senhor come bebe e joga, a seu *bello prazer*, já abatendo fóros para receber grandes luvas, etc., etc.

COLLARES.

Isso é uma calumnia ! !

HENRIQUE.

Não é; nada de palavrões; ouça o resto já que assim o quiz, *procurando-me.* O senhor tem praticado o que em

tecnologia jurídica se chama *abuzo de confiança*, e cuja pena (principalmente em homem de *fé pública* como deve ser um procurador *encartado*) é... o senhor bem sabe qual ella é!...

COLLARES.

Sei perfeitamente ; mais não estou no caso...

HENRIQUE.

Está e mais que está. O senhor depois de se collocar nessa pessima posição, entendeu que devia salvar-se por meio de um casamento, fez muito bem. Mas não lhe parece que eu, estimando devéras essa senhora, evite definitivamente este casamento, não tanto pela não restituição do dinheiro, mas sobre tudo para não a ver unida a um homem que o mundo aponta já como... como... Dispense-me do nome ; o senhor bem o advinha.

COLLARES.

Ladrão ; não ?

HENRIQUE.

Parece-me que sim.

COLLARES.

Pois, Sr. Soares, quando em trances taes se encontrão dous homens de intelligencia, é preciso franqueza para se poderem entender.

HENRIQUE.

Ainda quer mais franqueza do que aquella com que o estou tratando ?

COLLARES.

Pois bem, ouça. Texho feito tudo isso que o senhor disse, porque sou vicioso, porque sou amigo da ostentação... enfim porque sou... tudo quanto o senhor quizer. Mas actualmente avancei, já não posso recuar.

HENRIQUE.

Muito amigo é o Sr. Collares das phrases hombasticas.

COLLARES.

Ouçã.

HENRIQUE.

Estou ouvindo e... admirando ! (*Senta-se*)

COLLARES.

Nesta situação em que me colloquei, só um casamento com

essa senhora me poderá salvar. (*Depois de silencio*) Sem intenção de offende-lo, podemos entender-nos a respeito de... de dinheiro... de uma somma avultada..

HENRIQUE.

Ah ! quer dizer, que me dá dinheiro para eu me calar?...

COLLARES.

Seja a quantia que fôr !

HENRIQUE, *levantando-se e ameaçando.*

Eu lhe digo, Sr. Collares : se me fizesse essa proposta a dezoito ou vinte annos, o Sr. Collares sahia já desta casa de uma fórma pouco propria para sua idade e posição ; como porém tenho hoje trinta e oito annos, contento-me em lhe prohibir expressamente que repita semelhante... infamia ; não acho outro termo !

COLLARES.

Recusa ?

HENRIQUE.

Formalmente, senhor.

COLLARES.

E tenciona avizar á Sra. D Guilhermina ?

HENRIQUE.

Sim, senhor.

COLLARES.

Bem ! advirto-lhe porém Sr. Henrique Soares, que... V. S. ainda me não conhece bem!..

HENRIQUE.

Creio que *perfeitamente.*

COLLARES.

Ainda não. O senhor acabou ha pouco de me fallar no castigo que me espera, se se divulgar a minha posição actual. Sei esse castigo : cadeia e talvez degredo. Por consequencia, sou um homem perdido, desgraçado para toda a vida ?

HENRIQUE.

Asssim me parece.

COLLARES.

Ora, sabe o que eu faço n'esse caso ?

Dirá.

HENRIQUE.

COLLARES.

Tenho em meu poder todas as escripturas d'instituições, todos os testamentos, emfim todos os papeis do morgado da Sra. D. Guilhermina. Antes d'entrar para a cadeia, rasgo despedaço e queimo todos esses documentos, e por consequencia eis, a Sra. D. Guilhermina na impossibilidade de mostrar perante os tribunaes o rendimento d'esta ou d'aquella propriedade; e ei-la privada de fazer novamente elevar os fóros que eu obtive; e ei-la finalmente despojada do seu morgado, se houver alguém que se lembre de ter melhores direitos a elle, o que de certo não faltará apenas constar que S. Ex. não tem documentos para apresentar em juizo. Ora aqui está o que V. S. vae fazer com a sua declaração.

HENRIQUE.

Disse muito bem, Sr. Collares; não o conhecia ainda tão cynico e tão previdente. Não o conhecia; mas V. S. tambem me não conhece ainda. Não sabe que tenho um systema particular para tratar com os cynicos e com os que praticão acções como as de V. S. — Tambem estou n'uma tal posição que já nada tenho a esperar! O senhor está perdido, porque roubou; eu estou perdido, porque vou restituir uma riqueza que me não pertence. Ha, portanto, uma certa afinidade entre nós... isto é, nada temos ambos a perder. Por consequencia, vou fazer-lhe uma unica e ultima exigencia, *vae a secretária e traz um par de pistolas d'alcançe*. O Sr. não só hade ir para a cadeia, se eu quizer, mas até dentro de uma hora, hade apresentar-me aqui, no meu escriptorio, todos os documentos pertencentes á casa da Sra. D. Guilhermina de Mello.

COLLARES, *aterrado por aquelle tom decisivo.*

Mas quer V. S. dizer?!..

HENRIQUE.

Quero dizer que... dou-lhe minha palavra d'honra, e juro-lhe pela alma de meu pái e de minha mãe, que, se dentro de uma hora, V. S. uão executar o que lhe ordenei, na primeira parte onde o encontrar, faço-lhe saltar os miolos!

COLLARES, *recuando.*

Sr. Soares!!! É um assassinato!!!...

HENRIQUE, *sempre socegado.*

Nada, não ; é o remedio contra os cynicos e os ladrões !
(*indicando-lhe a porta*) Saia !

COLLARES, *sempre recuando.*

Sr. Soares !!!.

HENRIQUE, *engatilhando as pistolas.*

Saia, a não querer que lhe aplique já o remedio, e que vá depois á sua casa buscar os documentos ; a policia sempre me dará tempo para isso.

COLLARES, *aparte sahindo.*

E esta !... (*Alto*) D'aqui a uma hora cá tem os papeis !

HENRIQUE.

D'aqui a uma hora, Sr. Collares ! (*só, e vendo-o sahir*) Hade trazel-os ! A infamia e a covardia andão quasi sempre de mãos dadas. (*toca uma campainha e vae guardar as pistolas na secretária fechando depois todas as gavetas, e guardando o molho de chaves pequenas.*)

CRIADO, *entrando.*

V. S. tocou ?

HENRIQUE.

Fique aqui no escriptorio, e se vier alguém que espere. Vou ao Arsenal e não me demoro. (*Sahe*).

CRIADO, *só.*

Onde demonio iria o Guarda-livros? Queria ver se conversava com elle, (*serta-se*) e combinando, talvez que dessemos no vinte. Láz que ha alguma novidade nesta casa, isso ha !... Estou rebentando de curiosidade !

SCENA IX.

O MESMO, D. GUILHERMINA E ADELIA.

D. GUILHERMINA, *entrando.*

O Sr. Henrique Soares ?

CRIADO, *leve.*

Está lá em cima minha senhora, e creio que vae sahir.

D. GUILHERMINA, *dando-lhe um adresse.*

Entregue-lhe isto, e diga-lhe que o espero aqui. (*senta-se*).

CRIADO.

Sim, minha senhora. (*sahe*).

D. GUILHERMINA.

Estaes melhor, Adelia ?

ADELIA.

Não, mamã ; estou n'um estado nevoso !...

D. GUILHERMINA.

É natural : eu, quando tinha a tua idade, tambem me deixava impressionar com essa facilidade. Hoje, porém, penso mais maduramente, e trato sempre de remediar o mal, em vez de me deixar dominar por elle.

ADELIA.

Ah ! mamã ! mas este mal parece-me que não tem remedio !... Elle não me ama !

D. GUILHERMINA.

Quem sabe ? Que provas temos ?

ADELIA.

Aquella carta !...

D. GUILHERMINA.

N'aquella carta não vejo desamôr, vejo um misterio que é preciso descobrir, que havemos descobrir.

ADELIA.

Olhe, mamã ; eu tive até uma ideia... bem má !...

D. GUILHERMINA.

Qual foi ?

ADELIA.

Não duvido que elle me chegue a amar... acredito, até, visto que me pediu em fórmula á mamã, durante a sua conversação na sala. Mas quem sabe se elle está ao facto da historia de meu pai, e que, por isso se arrependesse ? Quem sabe se o amor se transformou em certa repugnancia por mim, fructo d'um

casamento criminoso, conforme a mamã me contou hontem? Quem sabe se aquelle coração tão bem formado, lhe repugna a ideia de se unir ao fructo de um casamento que occasionou o tragico fim de meu avô?

D. GUILHERMINA, *triste.*

Será isso, talvez; mas se assim é, bem pequeno devia ser o amor que elle te dedicava. Emfim nós saberemos isso... mas como explicas tu aquella confissão de pobre que nos fez na sua carta, e aquella restituição de não sei que dinheiro pertencente...

ADELIA.

Não seria isso um pretexto, mamã? Não imaginava desligar-se da sua palavra, por meio de uma avultada quantia de dinheiro?

D. GUILHERMINA.

Não! não digas isso! conhece-me bastante para que pudesse pensar n'esse meio!... e faço-lhe a justiça de acreditar, que não imaginou semelhante indignidade.

ADELIA, *muito afflicta.*

Mas então, mamã, como poderemos saber isto?

D. GUILHERMINA, *escutando.*

Vamos sabe-lo; cala-te! sinto passos...

SCENA X.

AS MESMAS, E HENRIQUE *com seu grande uniforme de Capitão Tenente.*

HENRIQUE, *com certa frieza.*

Minhas senhoras...

D. GUILHERMINA *cumprimentando-o,*

Sr. Henrique Soares...

ADELIA, *admirada.*

Mais outra surpresa mamã!... Que significa esse uniforme, Sr. Soares?!

HENRIQUE, *sorrindo tristemente.*

Significa, minha senhora, que tenho a honra de pertencer á Marinha de Guerra portugueza.

ADELIA.

Ah! sim; na sua carta que... sim, agora me lembro... naquella sua linda carta...

D. GUILHERMINA, *levanta-se,*

Não percamos tempo... creio que o Sr. Henrique Soares ia sahir?...

HENRIQUE.

Sim, minha senhora; vou apresenter-me no Quartel-General; mas estou ás ordens de V. Ex... A honra de a ter em minha casa, pela primeira vez...

D. GUILHERMINA.

Muito obrigada, Sr. Henrique Soares; mas, repito, não percamos tempo. Recebi uma carta sua tão extraordinaria, tão inclassicavel, emfim, tão sobre intelligivel, que me resolvi a vir buscar uma explicação; espero do seu cavalheirismo que se não recuzará a dar-m'a.

HENRIQUE, *turbado.*

Essa carta minha senhora...

ADELIA, *tirando-a do vestido.*

Está aqui, Sr. Henrique; está aqui... esta *bonita* carta!

D. GUILHERMINA.

Eu amo minha filha extremosamente: sou uma senhora, cuja nobreza de sangue e de comportamento, nunca até hoje foi desconhecida, e creio, portanto, que estes dois titulos — o de mãe e o de fidalga — me dão todo o direito para interroga-lo, Sr. Soares. Tem a bondade de me explicar a sua carta?

HENRIQUE.

Minha senhora, peço-lhe que me poupe a vergonha de lhe narrar factos, que me humilhão, que tem sido o reuorso constante da minha vida... Emfim, minha senhora, peço-lhe encarecidamente, que se lhe increci alguma amizade....

ADELIA, *rapidamente.*

Perdão, Sr. Henrique; a mamã disse-me que tencionava ser inexorável! Que havia de saber tudo, custasse o que custasse! Não foi assim, mamã?

D. GUILHERMINA.

Realmente, Sr. Soares, não se lança o luto, a desgraça e a afflicção n'uma casa de duas pobres senhoras, que nenhum mal lhe fizerão !....

HENRIQUE.

O luto !?... A desgraça !!...

D. GUILHERMINA.

O luto, sim, porque eu já o considerava como filho, e o senhor matou-me esse filho com semelhante resolução! A desgraça, porque esta menina já o amava como seu marido, e o senhor roubou-lhe esse marido!

HENRIQUE, *balbuciante*

Amava-me ? !...

ADELIA, *quasi em lagrimas, tapando o rosto, e estendendo-lhe a outra mão.*

Amava.... muito, Sr. Henrique!

HENRIQUE, *beija-lha arrebatadamente.*

Adelia ! !.... *(Larga-a repentinamente, e fica com os olhos no chão.)*

D. GUILHERMINA.

A' vista de tanta franqueza, de tanta ingenuidade, e creio que de tanto amor, ainda duvidará o Sr. Henrique Soares explicar-me o seu comportamento?

HENRIQUE, *erguendo a cabeça e com certa resolução.*

Minha senhora, uma cabal explicação não lha dou verbalmente; prometto que lh'a escreverei amanhã, antes de embarcar.

ADELIA, *aterrada.*

Embarcar ! !?.. Não ouve isto mamã ? ! ! !

HENRIQUE, *continuando*.

Hoje só lhe posso assegurar com a minha honra, que não é desamôr pela sua excellentissima filha o que me faz quebrar as nossas relações. E' unicamente pelo facto de ser pobre, de ter por patrimonio o meu soldo, e por morada o mar !... Não lhe posso dizer mais nadá, minha senhora...

D. GUILHERMINA.

E essa fortuna immensa...

HENRIQUE.

Pertence a seu marido.

D. GUILHERMINA.

Mas como ? Meu marido, morto ha tantos annos...

HENRIQUE.

Seu marido está vivo, minha Senhora.

D. GUILHERMINA.

Que diz, Sr. Soares?! !...

HENRIQUE.

A verdade.

D. GUILHERMINA, *radiante de alegria*.

Vivo !!!...

MANOEL ESCOTA, *dentro*.

O' Sôr Soares! Elle cá está !... elle cá está !...

HENRIQUE.

Vae vel-o, minha senhora.

SCENA XI.

OS MESMOS, MANOEL, JACOB E NOGUEIRA.

MANOEL, *puxando por Jacob*.

Vá! *arriba gentes!* Cá vem este *velho Bergantim* rebo-cando esta *fragata* ainda mais velha!

(*N. B. A orchestra executa muito pianno a mesma harmonia do fim do Prologo, até o fim.*)

D. GUILHERMINA, *vendo-o, recua e cahe desfalecida n'uma cadeira.*

Meu marido!!!....

JACOB, *á parte, parando no fundo.*

Minha mulher!!!... (*Vem vestido pobrememente, muito mais velho e abatido, com a barba comprida e branca.*)

ADELIA, *correndo a sua mãe.*

Que tem, mamã?!...

JACOB, *aparte radiante de alegria mas sem se mecher.*

Ella!!!... A minha querida filha!!!...

ADELIA, *baixo a sua mãe e olhando fixamente para Jacob.*

Mamã!.. Quem é aquelle homem?!...

D. GUILHERMINA.

Pergunta-o... ao teu coração!

ADELIA, *espantada e avançando um pouco para elle.*

Ao meu coração!?!...

JACOB, *tomando-lhe a mão, e deligenciando conter a alegria olhando-a fixamente.*

Sára!....

MANOEL.

Já se não chama Sára: o primeiro cuidado que tive apenas cheguei a terra, foi baptiza-la.

JACOB, *sempre com as mãos de Adelia entre as suas.*

Houve uma época na tua vida, que lá na inensidade dos mares, havia contigo um homem, que te amava extremosamente!... lembra-te?

ADELIA, *sempre com certo espanto, e como querendo recordar-se.*

No mar?!... n'um navio!....

JACOB.

N'um navio, sim! (*Olhando de vez em quando para D. Guilhermina.*) Todas as noites, á claridade das estrellas, naquella vastidão immensa, este homem abraçava-te, e, contigo sobre os joelhos, fazia-te repetir uma oração!.. Lembras-te?

ADELIA, *passando a mão pela testa e recitando pouzadamente.*

« O' Senhor Deos d'Israel pela tua infinita sabedoria e misericordia.... »

JACOB, *vendo que ella não continúa.*

« Risca do coração de minha mãi.... »

ADELIA, *recordando-se.*

« Esse remorso pungente que o dilacera; e inspira-lhe o « desejo de paz e reconciliação com meu pai! (*Depois de algum silencio fictando Jacob.*) » Esta prece... tão respeitavel, ensinava-m'a um homem, que me beijava... que... (*fazendo viziveis esforços para se lembrar.*) Sim.. vae-me lembrando! Depois.. um dia, veio o mar.. tão grande.. tão horrivel!... e... Ah! meu Deos! agora me lembro!.. levou esse homem envolto n'um turbilhão d'agua!.. E a mim tambem.. Parece-me um sonho!... Depois, ouvi-o soltar um grito de desespero!... Lá em baixo nas profundidades daquelle abysmo, separado de mim por uma enorme montanha d'agua, ouvi-lhe umas palavras... (*Depois de silencio*) Não me lembro!

MANOEL.

Alembra-me a mim! « Quem me salva a minha filha, pelo amor de Deos!!! »

ADELIA, *lançando-se violentamente a Jacob.*

Oh! meu pai! meu querido pai!!!...

(*Longo silencio de commoção em todos; depois Jacob leva sua filha pela mão e aproxima-se de D. Guilhermina.*)

JACOB.

Minha Senhora!.. Querera fazer-me persuadir que Deus não escutasse as orações deste anjo?

D. GUILHERMINA.

Escutou! (*Estende-lhe a mão que elle beija, e abração-se todos tres*).

MANOEL, *muito contente*.

Como está lá essa alminha. Sôr Nogueira? Olhe que isto tambem é obra sua.. Se não tivesse deitado a *fateixa* ao velho!..

NOGUEIRA.

Deixa-me, homem! Nunca em minha vida tive um prazer assim, depois que escapei do naufragio da Santa Roza!

ADELIA, *com certo acanhamento*.

Então, Sr. Henrique?... Não tem nada... mesmo nada que pedir a meu pae?

HENRIQUE.

Tenho, minha Senhora. (*Com resolução indo a elle*). Sr. Jacob, vou declarar aqui um facto da minha vida, que alguns remorsos me tem feito soffrer. A sua fortuna... não toda, mas 222 contos de reis .. salvei-os eu?

JACOB, *com alegria*.

Ah!!!...

HENRIQUE.

Imaginando que V. S. succumbisse infallivelmente, fui ao seu camarote, e apossai-me d'sse dinheiro!..

MANOEL.

Olha lá!

ADELIA, *baixo a sua mãe*.

Percebe agora, mamã? Mas olhe que o entrega!.. E' um homem honrado!

HENRIQUE.

Esse dinheiro tem prosperado na minha mão, a ponto de estar quasi triplicado.

Esta casa, estes livros, esta firma, tudo, emfim, tudo lhe pertence. Espero que não se negará a aceitar...

JACOB.

Os meus 222 contos de reis, sim Senhor; visto que ainda me apparece um homem de tanta probidade e honra; mas o que V. S. com o seu trabalho e com a sua firma adquirio depois, isso não acceito porque não é meu!

MANOEL.

E é muito bem feito !

ADELIA.

E é !

HENRIQUE, *afflicto*.

Mas valha-me Deus, Sr. Jacob ! Se eu me não tivesse aposado do seu dinheiro, não tinha negociado, não tinha realizado semelhante somma !... Por consequencia, segundo os principios da melhor logica, é tudo seu !

JACOB.

Pois bem, para satisfazer a sua consciencia de *homem de bem*, quero e exijo o seguinte : Suponha que essa quantia de 222 contos de reis lh'a emprestei para se estabelecer : suponha que foi uma verdadeira transacção commercial. Paga-me hoje o capital e juro de... (*sorrindo*) de meio por cento ao anno. Não quero, nem aceito definitivamente mais nada !

HENRIQUE, *meio alegre, mas com alguma repugnancia*.

Mas fico ainda com uma fortuna de 300 e tantos contos de reis !...

MANOEL, *indicando-lhe Adelia*.

Acha muito para offerecer á sua mulher !...

HENRIQUE, *turbado*.

Minha mulher !...

ADELIA, *sorrindo e com certo acanhamento*.

Sim... acha muito ?...

HENRIQUE.

E... inda me quer para marido ?

ADELIA.

Quero ; porque sempre, nos meus sonhos de felicidade, imaginei ver em meu marido...

JACOB.

O Symbo-lo da honra e da probidade !

ADELIA, *estendendo-lhe a mão*.

E do amor ?

HENRIQUE, *pegando-lhe na mão.*

E do amor !

MANOEL.

Bem ! estamos todos felizes ! Ora agora diga lá Sôr Jacob... (*apresentando-lhe Nogueira*). O que faz tenção de fazer d'este patusco ?

JACOB, *abraçando-o.*

Meu Guarda livros... e sobre tudo meu amigo ! Quero á minha meza pagar-lhe todos os dias aquella celebre ceia de carne com batatas !

NOGUEIRA.

Aceito, porque é a maneira de me ver livre por uma vez do maldito *Prego* !

JACOB.

E você, Manoel, não pede nada ?

MANOEL.

Para mim, não Senhor tenho o meu soldo... não preciso de mais nada. Agora, se os meus serviços merecem alguma recompensa...

JACOB.

Peça o que quizer.

MANOEL.

Veja lá o que diz !... Palavra d'honra ?

JACOB, *sorrindo.*

Palavra d'honra !

MANOEL.

Bem (*com certa importancia*). Deus tem lhe acudido sempre, Sôr Jacob ; é justo que tambem o recompense ! Quero que o Sôr Jacob deixe de ser *mouro* e se baptize... amanhã !

JACOB, *estendendo-lhe a mão.*

Palavra d'honra !

MANOEL.

Bravo ! Todos são felizes ! Viva a probidade que é sempre protegida por Deus, e pela virgem Maria !

HENRIQUE, *tristemente.*

A minha verdadeira felicidade deve começar d'aqui a um

anno !.. Requerí para embarcar no *Serra do Pilar*, que depois de manhã deve seguir viagem ; não posso agora deixar de me apresentar no Quartel-General da armada !..

MANOEL.

Isso é que tinha que ver !.. Escusa de lá ir.

HENRIQUE,

Porque ! ?

MANOEL.

Eu lhe digo. O Senhor como é rico, fez a felicidade do Sôr Jacob com 222 contos de reis ; eu cá, como sou pobre, fiz a sua e a d'aquella menina... com um pataco.

TODOS.

Que quer dizer ! ?..

MANOEL.

Foi quanto me custou o papel sellado para o requerimento, que a estas horas já está nas mãos do Ministro, e em que o Sôr Capitão-Tenente Soares pede... a sua baixa do *serviço* !

HENRIQUE, *na maior alegria, e lançando-se nos braços.*

Manoel ! ! !..

MANOEL.

Não quero cá ternuras ! Deve-me um pataco ! (*contentamento geral. Adelia corre a abraçar Manoel e cake o panno*).

FIM.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).